

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MONIA KARINE AZEVEDO

Desvendando o *self* em Heinz Kohut

Maringá
2016

MONIA KARINE AZEVEDO

Desvendando o *self* em Heinz Kohut

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicanálise e Civilização

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto

Maringá
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A994d Azevedo, Monia Karine
Desvendando o *self* em Heinz Kohut / Monia Karine Azevedo. --
Maringá, 2016.
105 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá,
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de
Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2016.

1. Self (Psicologia). 2. Narcisismo. 3. Psicologia. I. Mello Neto,
Gustavo Adolfo Ramos, orient. II. Universidade Estadual de
Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento
de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD (22. ed.) 155.2

Bibliotecária: Cler Rosane Coldebella Muraro CRB 9/1430

AGRADECIMENTO

Meus agradecimentos a todos aqueles que me inspiraram desde a infância;

Aos meus pais, Aldino e Ana, que me ensinaram a sonhar e a persistir;

Às minhas queridas irmãs, Djulia e Thaisa, por compreenderem minha ausência;

Ao meu namorado, Cleber, pelo companheirismo nos estudos, e pela compreensão em dias difíceis;

Ao meu orientador Professor Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto que sempre me desafiou a dar o melhor de mim;

À co-orientadora Professora Dra. Viviana Carola Velasco Martinez pelas suas ricas contribuições a este trabalho;

Aos colegas de mestrado que sempre foram solidários e companheiros.

Desvendando o *self* em Heinz Kohut

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo percorrer cronologicamente a obra do psicanalista austro-americano Heinz Kohut, a fim de expor o que este autor desenvolveu sobre o conceito de *self*. A presente investigação voltar-se-á para a compreensão do *self* em dois momentos, o *self* no sentido restrito e no sentido amplo, sendo que esta distinção é proposta pelo próprio Kohut. Para cada uma das fases da *história do self em Kohut* discutimos temas levantados pela leitura dos trabalhos do autor, buscando esclarecer e contrapor a concepção de *self* em cada um destes períodos. Para a fase do *self* no sentido restrito, elencamos para a discussão os seguintes temas: a formação do *self*, o narcisismo primário, a Imago Parental Idealizada e o *Self* Grandioso, a libido narcísica, e as patologias do *self*. Para a abordagem do *self* no sentido amplo, trazemos os temas: o *self* como um desenvolvimento independente das pulsões, sua origem e formação, sua inter-relação com as pulsões e seus distúrbios. Também nos arriscaremos a tratar, no âmbito deste último período, de algumas mudanças que a proposição de um *self* como estrutura supraordenada trouxe para a psicanálise. Estas mudanças configuram-se como alterações na compreensão do complexo de Édipo, a divisão que Kohut estabelece entre o Homem Trágico e o Homem Culpado, e uma perspectiva diferenciada para o tratamento psicanalítico. Algumas conclusões possíveis são: (1) A falta de explicações sobre o que seria o *self* nos primeiros trabalhos poderia ser decorrente de Kohut adotar este conceito de Hartmann. Contudo, nem toda a posição kohutiana sobre o *self* neste primeiro momento é semelhante à de Hartmann. (2) Kohut oferece dois tipos de definições para o *self*; explicações fenomenológicas e as metapsicológicas. (3) As explicações metapsicológicas variam nas duas fases do *self* e não é possível compreender ambas à luz do modelo psicanalítico freudiano.

Palavras-chave: *Self*; Kohut; Psicologia do *self*, narcisismo.

Untangling the *self* in Heinz Kohut

ABSTRACT

This study aims to investigate chronologically the work of the Austrian-American psychoanalyst Heinz Kohut, in order to expose what this author developed about the concept of *self*. This research intends to understand the self in two stages, the self in the narrow sense and in a broad sense, a distinction that is proposed by Kohut himself. For each of the stages of *self*, we discuss issues raised by the reading of Kohut's works, seeking to clarify and oppose the concept of *self* in these two periods. For the first phase, we list to discuss the following topics: the formation of the *self*, the primary narcissism, the Idealized Parent Imago and the Grandiose *Self*, the narcissistic libido and the *self* pathologies. To approach of the *self* in the broad sense, we bring the themes: the *self* as an independent development of drives, its origin and formation, its relationship with the drives and its disorders. We also risk to treat, within this last period, of some changes that the proposal of a *self* as supraordinate structure brought to psychoanalysis. These changes are configured as modifications in comprehension of the Oedipus complex, the division that Kohut establishes between Tragic man and Guilty Man, and the different perspective for psychoanalytic treatment. Some possible conclusions are: (1) The lack of explanations about what would be the *self* in the first works could be due of Kohut adopt this concept from Hartmann. However, not all Kohut's position about the *self* at this first moment is similar to Hartmann's one. (2) Kohut offers two kinds of definitions for the *self*: the phenomenological explanations and the metapsychological ones. (3) The metapsychological explanations vary in both phases of *self* and it is not possible to understand them in the light of psychoanalytic Freudian model.

Keywords: *self*; Kohut; narcissism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ilustração esquemática do <i>self</i> bipolar	58
--	----

SUMÁRIO

RESUMO	6
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
INTRODUÇÃO	11
O <i>Self</i> na psicanálise.....	12
<i>Self</i> em Kohut: considerações iniciais.....	14
Sobre o método	15
1. HEINZ KOHUT E A PSICOLOGIA DO <i>SELF</i>	17
1.1. Mr. Psicanálise.....	18
1.2. Kohut e a psicanálise: insatisfações.....	22
1.3. A obra de Heinz Kohut	26
2. O <i>SELF</i> NO SENTIDO RESTRITO	30
2.1. A formação do <i>self</i> : fragmentação e coesão.....	31
2.2. Narcisismo primário.....	34
2.3. Imago Parental Idealizada e o <i>Self</i> Grandioso.....	36
2.3.1. Imago Parental Idealizada	36
2.3.2. <i>Self</i> Grandioso.....	39
2.4. A libido narcísica vs. libido objetal	42
2.5. <i>Self</i> saudável e <i>Self</i> patológico	45
2.5.1. O <i>self</i> saudável.....	46
2.5.2. O <i>self</i> patológico.....	47
2.6. Transição entre “ <i>self</i> no sentido restrito” e “ <i>self</i> no sentido amplo”	49
3. O <i>SELF</i> NO SENTIDO AMPLO E SEUS DESDOBRAMENTOS	51
3.1. O <i>self</i> no sentido amplo.....	52
3.1.1. <i>Self</i> : um desenvolvimento independente	52
3.1.2. Origem e desenvolvimento do <i>self</i> : o <i>self</i> bipolar.....	55
3.1.3. <i>Self</i> e pulsões: inter-relações.....	61
3.1.4. Os distúrbios do <i>self</i>	66
3.2. Desdobramentos do <i>self</i> supraordenado.....	76
3.2.1. Complexo de Édipo e o <i>self</i> supraordenado	76
3.2.2. Homem culpado vs. Homem Trágico	83
3.2.3. A clínica	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
Os dois <i>selves</i> de Kohut.....	91
Os dois olhares sobre o <i>self</i>	96

A Psicologia do <i>Self</i> no Brasil	97
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICES	103

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão trata-se de uma pesquisa teórica que tem por objetivo percorrer a obra do psicanalista austro-americano Heinz Kohut, seguindo uma ordem cronológica, a fim de expor o que este autor desenvolveu sobre o conceito de *self*. Um segundo objetivo para o desenvolvimento deste trabalho é o de divulgar a obra desse autor, ainda pouco conhecida no Brasil se comparada às obras de Melanie Klein, de Lacan ou mesmo de Winnicott.

Segundo pesquisa realizada em bases de dados como BVS, PsychInfo e a plataforma Lattes, os trabalhos de Kohut são pouco disseminados no Brasil. Foram encontrados apenas dois livros que tratam da Psicologia do *self*, ambos introdutórios ao tema, e vinte e três artigos. Sobre isso, Roudinesco e Plon (1998) apontam para o fato de que essa teoria “quase não teve eco na América Latina (Argentina, Brasil), onde apenas o lacanismo, o kleinismo e o pós-kleinismo se desenvolveram nos regimes ditatoriais, a partir de problemáticas idênticas” (p. 700).

A proposta deste trabalho surgiu do interesse pela obra do psicanalista Heinz Kohut, despertada ao longo do primeiro ano do mestrado, devido ao encontro com a teoria kohutiana em leituras realizadas para uma proposta de pesquisa anterior sobre as patologias ditas atuais. Na oportunidade, percebeu-se que o estudioso não só traz reflexões importantes sobre as patologias não-neuróticas (somatizações, depressões graves e desordens alimentares), relacionando questões anteriores ao Édipo à essas patologias, mas também discorre sobre os primórdios do desenvolvimento do psiquismo. Isto, de modo a atribuir o peso maior da constituição psíquica a fatores ambientais – as respostas parentais – mais do que a fatores internos, conferindo à estruturação de um suposto *self* o funcionamento psíquico saudável. Nutriu-se, então, um desejo pelo aprofundamento na teoria e pelo conhecimento de sua organização e de seus conceitos.

Ao se ampliar as leituras dos textos de Kohut para o delineamento de um projeto de pesquisa, estabeleceu-se um descontentamento com um conceito utilizado pelo autor – o *self*. Percebeu-se que Kohut discorre sobre o desenvolvimento do *self*, as questões que resultam na formação de um *self* não-coeso, a sua restauração, e relaciona o *self* às variadas formas de organização psíquica – psicose, perversão, neurose, *borderline* e patologias narcísicas. Ao fazer essas relações, o autor enfatiza que a patologia estaria ligada a desordens do *self*. Contudo, apesar de ser tão fundamental à teoria, havia uma falta de clareza quanto às especificidades do termo, além de uma aparente ambiguidade quanto ao seu significado.

Nos primeiros textos de Kohut em que surge o termo *self* percebemos que o autor utiliza amplamente termos como *self* narcísico, *self* grandioso, *self* expandido, catexis do *self*, autoestima, corpo-*self*, *self* coeso, *self* desagregado¹ e outros, sem oferecer uma definição para o *self*. Nesse momento, Kohut (1966) apresenta apenas uma rápida explicação metapsicológica para o termo; o autor diz que o *self* seria uma espécie de alvo de investimento libidinal, proposição essa, segundo ele, tomada de Hartmann. Mas, questionamo-nos, o que seria esse *self* para ser alvo de tal investimento? Algo equivalente ao ego?

Além disso, quando Kohut passa a trazer definições para o *self*, estas são um tanto vagas e imprecisas. O autor diz que o *self* seria “[...] o sentimento seguro de uma pessoa de ser uma unidade bem delimitada, isto é, sua concepção clara de quem é [...]” (Kohut, 1970b, p. 587)²; “[...] o ‘eu’ de nossas percepções, pensamentos e ações [...]” (Kohut, 1972a, p. 659)³; “[...] uma unidade, coesa no espaço e durável no tempo, que é o centro de iniciativa e recipiente das impressões [...]” (Kohut, 1977, p. 99)⁴; ou ainda, uma estrutura supraordenada (Kohut, 1981a). Tais acepções pareceram um tanto indefinidas para se considerar dentro de um modelo psicanalítico que se baseia em instâncias psíquicas, pulsões, consciente e inconsciente. Onde estaria o *self* nesse meio?

Decidimos, então, tomar o conceito de *self* como objeto desta pesquisa que, como dito acima, busca justamente contemplar o termo na produção do autor, de forma a perseguir o significado que ele vai tomando no decorrer do tempo; daí a discussão cronológica da obra e do conceito. Objetivamos compreender porque Kohut não traz uma definição de *self* a princípio. Qual o sentido das definições imprecisas que nos apresenta posteriormente? Qual é, afinal, o lugar atribuído por Kohut ao *self* na psicanálise? Isto é, qual a relação dessa noção com as instâncias psíquicas, as pulsões e o consciente e inconsciente?

O Self na psicanálise

Encontramos autores, como Watson (2014) e Nemirovsky (2015), que argumentam que existe certa dificuldade em se trabalhar com o conceito de *self* na psicanálise, de um modo geral. Watson (2014) diz que o *self* não encontra nem mesmo lugar dentro da

¹ narcissistic *self*, grandiose *self*, expanded *self*, catexis of the *self*, *self*-esteem, body-*self*, cohesive *self*, crumbling *self*.

² “[...] a person's secure feeling of being a well delimited unit -i.e., his clear concept of who he is [...]”

³ “[...] the ‘I’ of our perceptions, thoughts, and actions [...]”.

⁴ “[...] *self* is a unit, cohesive in space and enduring in time, which is a center of initiative and a recipient of impressions [...]”.

metapsicologia psicanalítica, algo que, para ele, não seria mesmo necessário. Isso porque, o *self* seria, segundo definição da filosofia de onde o termo provinha, uma unidade agente das ações, e não haveria, do ponto de vista da psicanálise, algo que correspondesse a uma unidade no psiquismo. Nemirovsky (2015) fala das dificuldades em se definir o conceito, relatando que Winnicott teria titubeado frente à necessidade de especificar o que seria o *self* -, “[...] me perguntei se poderia escrever algo sobre este termo – se refere a ‘*self*’ – porém, logo que comecei a fazê-lo, descobri que há muita incerteza, inclusive em mim propriamente, sobre seu significado” (Nemirovsky, 2015, p.44-45).

Além do mais, existem questionamentos sobre a distinção entre os conceitos de *self* e ego – seriam eles mutuamente exclusivos, ou mesmo sobrepostos?

Segundo Despinoy e Piñol-Douriez (2002), o termo *self* foi utilizado por filósofos e autores da Psicologia social, como William James, George Herbert Mead e Gordon William Allport, como referência a pessoa como um todo. No âmbito da psicanálise, *self* (*Selbst*) foi usado primeiramente pelo próprio Freud. Em “Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade”, de 1908, o autor usa o termo referindo-se ao “eu”. Porém, em várias outras obras Freud também se vale da palavra, como em “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” de 1909, “Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância” publicado em 1910, “Os instintos e suas vicissitudes”, texto de 1915 e outros.

De acordo com Despinoy e Piñol-Douriez (2002), haveria um conflito no uso do termo *self* em Freud (*selbst*); esse conflito estaria entre o significado do conceito e o de “ego”. O pai da psicanálise teria, pois, usado a palavra ego, na verdade “eu” (*Ich*), para designar a parte organizada do psiquismo, assim como a pessoa como um todo. Após 1923, quando em “O Ego e o Id” diferenciou os componentes do aparelho psíquico (Id, Ego e Superego), Freud passou a utilizar o termo ego para designar uma instância psíquica. Já *self* também teria sido utilizado para referir-se à pessoa como um todo, e, por esta razão, tal atribuição de sentido chocar-se-ia com uma das acepções de “ego”.

Para Oppenheimer (2002), Heinz Hartmann, criador da Psicologia do ego, foi o primeiro a fazer uso psicanalítico de *self*. Segundo Ramos (2001), Hartmann teria observado essas duas formas de uso da palavra *Ich* em Freud, uma para opor-se às instâncias psíquicas (id e superego) e outra para opor-se ao objeto; para esta última oposição, o pai da psicanálise também utilizaria o termo *self*. Assim, como forma de lidar com o fato de que duas palavras faziam referência à mesma coisa, Hartmann passou a usar *self* para se referir à pessoa como um todo e *ego* para fazer menção à instância psíquica reguladora das tensões.

De acordo com Oppenheimer (2002), depois de Hartmann, o termo tomou três diferentes direções dentro da psicanálise. Para Melanie Klein e Anna Freud passou a significar a totalidade da psique ou da personalidade; enquanto que para Edith Jacobson e para Winnicott é visto como a experiência interna da realidade e “o sentimento de realidade, continuidade, e ritmo da vida mental” (Oppenheimer, 2002, p. 1567)⁵. Uma última linha de desenvolvimento é a de Kohut, considerada neste trabalho.

***Self* em Kohut: considerações iniciais**

Como já mencionamos, o *Self* surge nos textos de Kohut entre 1966 e 1977. De acordo com Ornstein (2011), esse seria o terceiro período da obra de Kohut, que teria como tema “A descoberta do narcisismo”. As primeiras menções surgem nos artigos “Formas e transformações do narcisismo” (1966) e “O tratamento psicanalítico dos transtornos de personalidade narcísica” (1968).

Kohut (1977) propõe uma divisão entre *self* no sentido restrito e *self* no sentido amplo, em sua obra. Na primeira, o *self* seria compreendido como um *conteúdo* do aparelho psíquico; já na última, o *self* seria compreendido como o centro de todo o funcionamento psíquico, e não mais como um conteúdo do aparelho mental.

Já Ornstein (2011a), seguindo uma divisão semelhante, propõe que existiriam três fases para o *self* na obra de Kohut. As duas primeiras abrangeriam a concepção dita restrita de *self*, enquanto a última trataria do *self* no sentido amplo. A primeira fase, com trabalhos entre os anos de 1966 e 1972, seria voltada à discussão do *self* no sentido restrito apenas; já na segunda fase, de 1972 a 1974, começam a surgir maiores tentativas de definição de *self*, bem como discussões que levam, posteriormente, a uma nova significação do termo. A terceira fase, que abrangeria trabalhos posteriores a 1975, traria o *self* como central ao psiquismo, *self* no sentido amplo, quando a Psicologia do *Self* passa a tomar corpo (Ornstein, 2011a).

Utilizaremos neste trabalho a divisão do *self* em dois períodos: no sentido restrito, obras entre 1966 e 1974, e no sentido amplo, produção entre 1975 e 1981, e buscaremos compreender o *self* em cada uma destas fases.

⁵ “[...] the feeling of reality, continuity, and rhythm of mental life”

Sobre o método

Segundo o *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano (2007), o termo “expor” significa a “análise de um conceito ou seu esclarecimento” (p.418). “Análise”, segundo o mesmo dicionário, é “a descrição ou a interpretação de uma situação ou de um objeto qualquer nos termos dos elementos mais simples pertencentes à situação ou ao objeto em questão” (p. 51). O termo “esclarecer”, segundo o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, significa tornar claro, compreensível. Assim, buscaremos com este trabalho esclarecer o *self* na obra de Kohut por meio da compreensão dos “elementos mais simples” do conceito. De forma mais precisa, iremos decompor o conceito de *self* em temas que o representem e permitam uma discussão sobre seu significado. Tais temas serão elencados a partir da leitura dos artigos e livros do autor selecionados e correspondentes a cada período. Tomaremos, como supracitado, a distinção trazida por Paul Ornstein (2011a), que propõe duas formas diferentes de se conceber o *self* ao longo da produção kohutiana: o *self* no sentido restrito e o *self* no sentido amplo. Logo, valeremo-nos dessa divisão para expor qual é o sentido de *self* para Kohut em cada um dos momentos da teoria.

Ocupamo-nos, então, de selecionar o material a ser utilizado, a princípio, para a investigação proposta. A produção de Kohut em livros apresenta-se em três títulos: *A análise do self* (1971), *A restauração do self* (1977) e *Como a análise cura?* (1981a). Há também uma série de artigos e cartas. Paul Ornstein compilou em quatro volumes intitulados *À procura do self* (2011a), os sessenta e sete artigos e também as cartas de Kohut⁶. Tendo todos esses trabalhos como base, fizemos uma primeira seleção de textos. Foram eleitos os artigos, cartas e livros que traziam o termo *self* a partir do índice remissivo do trabalho completo de Heinz Kohut trazido por Ornstein no quarto volume do compilado. Foram selecionados todos os três livros e mais 26 artigos⁷.

⁶ As cartas estão presentes nos volumes II e IV de *À procura do self* e Ornstein não apresenta a quem estas são destinadas.

⁷ Trata-se de “Discussão de ‘Olhando por cima do ombro’ de Morris W. Brody e Philip M. Mechanik” (1958), “Formas e transformações do narcisismo”(1966), “O tratamento psicanalítico dos transtornos de personalidade narcísica” (1968), “Psicanálise em um mundo conturbado” (1973), “Narcisismo como uma resistência e uma força impulsora em psicanálise”(1970), “ ‘O self: Uma contribuição para o seu lugar na teoria e na técnica’ por D.C. Levin: Discussão” (1970), “Reflexões sobre o narcisismo e fúria narcísica” (1972), “Sobre o processo adolescente e a transformação do self”(1972), “O futuro da psicanálise” (1973), “O psicanalista na comunidade de estudiosos” (1973), “Cartas ao autor: Prefácio de Lehrjahre auf der Couch de Tilmann Moser” (1973), “Apontamentos sobre a formação do self” (1975), “O self na história” (1975), “Criatividade, carisma, Psicologia de grupos” (1976), Cartas: 4 de abril de 1972; 11 de abril de 1972; 24 de junho de 1973; 21 de setembro de 1973; 21 de novembro de 1973; 3 de dezembro de 1974; 31 de julho de 1977; “Sobre a coragem” (início dos anos 70); “Originalidade e repetição na ciência” (1975), “Reflexões sobre os avanços na Psicologia do self”

Dada a grande quantidade de material levantado e o tempo que dispúnhamos para a análise, foi necessário reduzir os textos de consulta. Então, realizamos uma segunda seleção, buscando manter apenas aqueles trabalhos que julgamos trazer conteúdos pertinentes para a compreensão do conceito de *self* e excluindo outros que faziam apenas breves menções ao termo. A partir daí, selecionamos todos os livros como material de pesquisa, já que trazem a maior parte da teoria, e 13 artigos - “Formas e transformações do narcisismo” (1966), “O tratamento psicanalítico dos transtornos de personalidade narcísica” (1968), “Narcisismo como uma resistência e uma força impulsora em psicanálise” (1970a), “ ‘O *self*: Uma contribuição para o seu lugar na teoria e na técnica’ por D.C. Levin: Discussão” (1970b), “Reflexões sobre o narcisismo e fúria narcísica” (1972b), “Sobre o processo adolescente e a transformação do *self*” (1972a), “Apontamentos sobre a formação do *self*” (1975), “Reflexões sobre os avanços na Psicologia do *Self*” (1978c), “Os transtornos do *self* e seus tratamentos” (1978d), “Apontamentos introdutórios a discussão sobre ‘Psicologia do *Self* e as ciências do homem’” (1978b), “Quatro conceitos básicos” (1979b), “Apontamentos sobre a discussão ‘O *self* bipolar’” (1979c), “Problemas selecionados na teoria da Psicologia do *Self*” (1980), “Introspecção, empatia, e o semicírculo da saúde mental” (1981b).

O material que utilizaremos para este trabalho são textos originais de Kohut em língua inglesa e cabem algumas observações a este respeito. Primeiramente, as obras serão mencionadas com seus títulos traduzidos; optamos por traduzir os títulos para facilitar a leitura e apresentar em uma tabela no Apêndice A. Já os termos empregados pelo autor, tais como *Idealized Parent Imago*, *Grandiose self*, *Optimal Frustration*, etc., e as citações diretas serão traduzidas por nós e apresentadas em seu formato original no rodapé da página.

Quanto à estrutura, o trabalho será organizado em três capítulos. O primeiro buscará contextualizar a teoria de Heinz Kohut no âmbito geral da psicanálise, bem como trazer um pouco da história desse autor. No segundo e terceiro capítulos, trataremos, respectivamente, o conceito de *self* no sentido restrito e no sentido amplo. Em cada um destes capítulos discutiremos temas levantados pela leitura dos trabalhos de Kohut a respeito dos dois períodos de classificação propostos.

(1978), “Os transtornos do *self* e seus tratamentos”(1978), “Apontamentos introdutórios: a discussão sobre ‘Psicologia do *self* e as ciências do homem’” (1978), “Quatro conceitos básicos”(1979), “Apontamentos sobre a discussão ‘O *self* bipolar’” (1979), “Problemas selecionados na teoria da Psicologia do *self*” (1980), “Introspecção, empatia, e o semicírculo da saúde mental”(1981), “Cartas 1978”, e “Cartas 1981”.

1. HEINZ KOHUT E A PSICOLOGIA DO *SELF*

“Psicanálise” é um termo que não soa estranho aos ouvidos da grande maioria e com o qual, frequentemente, nos deparamos. A reverberação desse nome nos dias de hoje talvez se deva ao fato de ser uma das grandes teorias responsáveis por mudanças impactantes na compreensão do mundo e do ser humano. Ao propor que o homem não teria inteiro domínio sobre si mesmo e que as crianças teriam sexualidade, Freud causou alvoroço e desconcerto em sua época, e talvez ainda o cause atualmente. Assim, ouvimos falar sobre a psicanálise por sua importância histórica e social, por ter se apresentado como um marco na construção do conhecimento e também por sua capacidade explicativa no que se refere ao tão misterioso funcionamento da psique. Não podemos deixar de mencionar que se ouve também falar muito mal da psicanálise, condenando sua visão de homem e seus métodos – para muitos, inclusive, ela tornou-se obsoleta.

Essa psicanálise que é difundida entre leigos confunde-se com Freud, justamente por ele ter sido seu engenhoso criador. No entanto, dentro do meio psicanalítico, referirmo-nos a Freud não é suficiente para se falar da abrangência dessa rica teoria. Após Freud, como sabemos bem, vários autores deram continuidade ao desenvolvimento da psicanálise.

Roudinesco e Plon (1998)⁸ apontam que desde suas origens, na verdade, a psicanálise não era apenas Freud. Havia outros que desenvolveram ideias próprias como Adler, Ferenczi, Otto Rank, Abraham, Jung, Breuer, autores pertencentes à primeira geração internacional da psicanálise. Alguns destes, foram dissidentes da teoria freudiana e criaram formas próprias de teorizar e de analisar pacientes.

Uma segunda geração de psicanalistas surge com Heinz Hartmann, Ernst Kris, Rudolph Loewenstein, Melanie Klein, Wilhelm Reich, Otto Fenichel, entre outros, e este grupo, em algum momento, passa a percorrer caminhos diferentes de Freud. Esses autores construíram seus aportes teóricos, sobretudo, a partir da segunda tópica – ego, id e superego – e retiraram o foco da sexualidade e da relação paterna para visar à relação arcaica com a mãe, como no caso de Melanie Klein, ou para trabalhar o ego e sua adaptação, como Hartmann e Anna Freud (Roudinesco & Plon, 1998).

Entre 1950 e 1970 desponta uma terceira geração de psicanalistas. A esta pertencem nomes como Jacques Lacan, Donald Woods Winnicott, Wilfred Bion, Pichon-Rivière, Igor Caruso, Marie Langer e, o autor que estudaremos, Heinz Kohut. Psicanalistas instruídos pela

⁸ As citações de Roudinesco e Plon (1998) presentes neste ítem do trabalho são retiradas do verbete “Geração” p. 293-294.

segunda geração só tiveram acesso à Freud por meio de suas obras. Essa geração foi marcada por discussões acerca da técnica e da interpretação dos trabalhos de Freud. É com ela ainda que se inicia uma recuperação da vida e obra do psicanalista, por meio de biografias (Roudinesco & Plon, 1998).

Há ainda uma quarta geração que surge a partir de 1970, caracterizada por Roudinesco e Plon (1998) como “anônima e impessoal”, consistindo em diferentes grupos, com tendências variadas.

A seguir, buscaremos apresentar a trajetória de Heinz Kohut, situando sua teoria no corpo da produção psicanalítica e realizando uma breve estruturação cronológica de suas obras (de acordo com seu discípulo Paul Ornstein).

1.1. Mr. Psicanálise

Heinz Kohut nasceu em Viena no dia 3 de maio de 1913. Filho de um casal judeu, Felix Kohut e Else Lampl, que pertencia à elite social e vivia com boas condições financeiras, Kohut desfrutou de uma infância e adolescência bastante privilegiada em termos culturais. Contudo, ele teria sido uma criança bastante solitária já que sua família não era muito afetuosa e ele também não frequentara a escola regular – teve tutores particulares. Ambos os pais de Kohut tinham talentos artísticos, Felix era pianista e Else era cantora; mais tarde, após a guerra, migraram para a área dos negócios. Felix morreu de leucemia em 1937, aos 49 anos, enquanto Else viveu até os 81 anos (Strozier, 2001).

Strozier (2001) afirma que desde a adolescência Kohut quis ser médico, apesar de nutrir interesses pela arte. Então, em 1932, aos 19 anos, entrou para a Universidade de Viena para cursar medicina. Nesses anos de faculdade ele teria desenvolvido interesse pela obra de Freud, mas só decidiu estudar psicanálise na década seguinte. Kohut chegou a fazer análise durante a faculdade, logo após a morte do seu pai em 1937, com Walter Marseilles. Em 1938 buscou análise com August Aichhorn, que acabou por influenciá-lo, tanto na vida pessoal como profissional – foi a partir daí que o interesse de Kohut pela psicanálise se aprofundou. Os dois mantiveram correspondência até a morte de Aichhorn em 1949.

Em 1938 os nazistas tomaram a Áustria e Kohut passou a se preocupar com as restrições impostas aos judeus. Ele termina seus estudos na Universidade de Viena em novembro desse ano e em março do ano seguinte é levado para um campo de refugiados na Inglaterra. Seu desejo era ir a Chicago, para onde seu amigo Siegmund Levarie já havia

emigrado há alguns meses, mas somente em fevereiro de 1940, aos 27 anos, Kohut consegue ir para a América em companhia de sua mãe (Strozier, 2001).

Quando chegou aos Estados Unidos, Kohut iniciou residência no Hospital Chicago South Shore. No ano seguinte, foi estudar neurologia na Universidade de Chicago, onde permaneceu até 1948, lá concluiu também uma especialização em psiquiatria. Segundo Strozier (2001), Kohut era muito bem quisto no departamento de neurologia e o diretor do departamento, Richard Richter, que teria criado expectativas sobre o futuro de Kohut no hospital da universidade, teria se enfurecido com a mudança de Heinz para a psiquiatria.

A ida de Kohut para essa área da medicina estava aliada ao seu desejo de estudar psicanálise e, a partir daí, ele começou a se aprofundar na teoria freudiana. Antes mesmo de mudar para a psiquiatria Kohut já havia se candidatado ao Instituto de Psicanálise de Chicago. Sua primeira tentativa de entrar no Instituto, em 1942, resultou em uma negativa; Kohut não foi aceito para a análise didática e os motivos para essa recusa são desconhecidos. Após o resultado, ele entra estrategicamente em análise com Ruth Eissler, que era também analista do Instituto. Ele acreditava que uma análise com Eissler poderia vir a ser aceita como uma análise didática, o que facilitaria sua entrada no instituto futuramente. Sua análise com Eissler pode ser vista no texto “As duas análises do Sr. Z”, escrita por Kohut em 1979, porém sem informar que seria a respeito de seu próprio processo de análise (Strozier, 2001). Segundo Strozier (2001), em 1946, ele novamente candidata-se ao Instituto e, apesar de aceito, atuou com restrições – ele fora permitido cursar as disciplinas, mas não tomar nenhum caso até que pudessem conhecê-lo melhor. Após quatro anos, Kohut finaliza seus estudos em psicanálise no Instituto.

Nesse período de formação psicanalítica, Kohut conhece Elizabeth Meyer, uma descendente de alemães. Betty, como era chamada, trabalhava como assistente social na clínica do Instituto de Psicanálise de Chicago. Em 1948 eles se casam, dois anos depois têm o único filho do casal – Thomas August Kohut. Mais tarde, Betty também se engaja nos estudos da psicanálise e torna-se analista (Strozier, 2001).

Após tornar-se, finalmente, um psicanalista, no ano de 1950, Kohut devota-se para a clínica. Segundo Strozier (2001), Kohut tinha bastante afeição pelo trabalho clínico e seus pacientes mostravam apreço por ele. O seu rigor técnico, dedicação e criatividade levaram-no rapidamente a despontar entre os psicanalistas mais requisitados.

Além do trabalho na clínica, Kohut também desenvolveu atividades no Instituto de Psicanálise de Chicago nos anos 50. Em 1953, foi convidado a ocupar a posição seleta de membro do Instituto, ao todo eram dez ou doze membros. Kohut passa, então, a atuar como

supervisor, oferecer seminários, trabalhar em prol da reorganização do currículo e, no final dos anos 50, ministrar um curso de dois anos sobre a teoria freudiana, curso esse que se tornou lendário (Strozier, 2001).

O desempenho na clínica e o envolvimento com o instituto levaram Kohut a ocupar uma posição de destaque no cenário da psicanálise; ele rapidamente passou a ser referido como um dos psicanalistas de maior prestígio em Chicago. Tinha em seu círculo de amizades pessoas renomadas da psicanálise, como a filha de Freud, Anna Freud, o fundador da Psicologia do Ego, Heinz Hartmann, e o casal de psicanalistas Ruth e Kurt Eissler. De forma jocosa, Kohut passou então a ser referido como Mr. Psicanálise (Strozier, 2001).

Ainda nos anos 50, Kohut escreveu um dos seus primeiros trabalhos “Sobre a Empatia”, que apresentou em um encontro do Instituto em meados da década. O texto foi bastante aceito pela comunidade psicanalítica e foi publicado no *Journal of the American Psychoanalytic Association* (Strozier, 2001).

Já nos anos 60, Kohut ocupou o cargo de presidente da Associação Psicanalítica Americana e a vice-presidência da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Tais atividades o afastaram de sua atuação psicanalítica, já que a demanda de trabalho administrativo era grande, mas ao mesmo tempo lhe trouxeram visibilidade nacional, o que, segundo Strozier (2001), teria preparado o espaço para a divulgação de suas ideias futuras.

Em 1965, quando já havia deixado as atividades administrativas da APA, houve uma mudança significativa no pensamento teórico de Kohut. No verão desse ano, ele escreveu os trabalhos sobre suas novas ideias, sobre o narcisismo, que nos anos seguintes seriam publicados sob o título de “Formas e transformações do narcisismo” (1966) e “O tratamento psicanalítico dos transtornos de personalidade narcísica” (1968). Nos meses que se seguiram, essa mudança no seu pensamento foi sendo percebida por todos no instituto; ele deixou de lecionar seu curso de dois anos sobre a teoria freudiana e estava agora realizando seminários e conferências sobre casos clínicos, todos relacionados ao narcisismo (Strozier, 2001).

Nesta mesma época, Kohut enfrenta também problemas relacionados a algumas questões familiares. Sua mãe, Else, então com aproximadamente 75 anos de idade, começa a apresentar alucinações paranoides. Para Kohut, isto seria ao mesmo tempo difícil, pelos cuidados que precisava despender com a mãe, e também um alívio, ter a confirmação de que a mãe possuía algum problema mental sério dava sentido à relação complicada entre ambos durante a infância e a adolescência. Else teria sido bastante dominadora e suprimia as tentativas de independência e vinculação com outros. Em “As duas análises do Sr. Z” (1979a) Kohut descreve um pouco desta vivência e relata, entre outras coisas, que suas atividades

sempre incluíam Else e, no máximo, mais um amigo, que provavelmente seria Siegmund Levarie. A descoberta da doença mental de Else, segundo Strozier (2001), teria libertado Kohut e aberto uma via para a criatividade – como se ele pudesse tornar-se, finalmente, independente dela. Em setembro de 1972, Else falece.

Segundo Strozier (2001), no final dos anos 60 e início dos 70 Kohut voltou-se para a escrita de seu livro *A análise do Self*. Ele recebera apoio de Anna Freud e Heinz Hartman quando enviou uma versão preliminar do livro, mas mesmo assim, sentia-se inseguro, pois suas ideias seriam controversas no meio psicanalítico. Por esta razão, Kohut formou um grupo com pessoas que apoiavam suas ideias e lhe seguiam: ex-pacientes, supervisionandos, alunos, ou aqueles a quem agradava o seu trabalho. Todos eram analistas jovens e tinham mais abertura para as novidades propostas por Kohut. Desse modo, formou-se um grupo composto por Michael Basch, John Gedo, Arnold Goldberg, David Marcus, Paul Tolpin, Marian Tolpin, Paul Ornstein, Anna Ornstein, Ernest Wolf e Ina Wolf.

Esse grupo era comparado, pelo próprio Kohut e os componentes, àquele criado por Freud – a Sociedade das Quartas-feiras – havia inclusive brincadeiras entre os participantes comparando-se aos discípulos de Freud. O grupo também se reunia às quartas-feiras e ali eram discutidas as ideias de Kohut (Strozier, 2001).

Além de ter sido um espaço de extrema importância para o primeiro livro de Kohut, *A análise do self*, publicado em 1971, segundo Strozier (2001), o grupo era um ambiente propício para o fomento de várias ideias. Wolf (1996) informa que o grupo também produziu uma compilação de trabalhos clínicos embasados na teoria kohutiana intitulado *A Psicologia do Self: a casebook* (1978). Além deste, outros trabalhos escritos pelos discípulos tornaram-se referência para a Psicologia do *Self*, como, por exemplo, a compilação de trabalhos de Kohut realizada por Paul Ornstein – *À procura do self* (2011c).

Segundo Strozier (2001), com a publicação de *A análise do self*, em 1971, Kohut sofreu uma série de críticas que o acusavam de reproduzir algo já realizado por outros autores, como Ferenczi, Klein e Winnicott. Kohut também teria perdido parte do respeito e da admiração dos colegas da APA e do Instituto. Foi, inclusive, retirado do conselho deste último órgão em 1977. Enquanto há alguns anos era considerado uma das cinco pessoas mais importantes do movimento psicanalítico, e sucessor de Hartman, após 1971 ele entrou em conflito com pessoas como Anna Freud e Kurt Eissler e passou a ser mesmo ignorado por outros psicanalistas.

Em 1971, Kohut descobre que sofre de câncer, doença que, por fim, o leva ao falecimento em 1981. Siegel (1996) acredita que essa doença teve bastante impacto em sua

produção, o que, de certa forma, o impulsionou a enfrentar a crítica e dar corpo a uma nova escola de psicanálise – a Psicologia do *Self*. Strozier (2001) afirma que Kohut temia deixar seu trabalho incompleto; sua proposta modificava a psicanálise de forma significativa e ele precisava finalizar, ou pelo menos adiantar, seus pensamentos para que sua teoria pudesse ser reconhecida.

Em 1974 Kohut começa a escrever seu segundo livro, publicado em 1977 sob o título de *A restauração do Self*. Nessa obra, ele rompe com a psicanálise clássica e propõe a Psicologia do *Self*. Segundo Strozier (2001), Kohut já não estaria mais preocupado com as críticas.

Apesar da resistência dos psicanalistas à proposta de Kohut na época de sua produção, posteriormente, a Psicologia do *Self* passou a ocupar lugar de maior destaque nos Estados Unidos. Strozier (2001) afirma que foi criado um Conselho Nacional da Psicologia do *Self*, vários institutos para treinamento na área e, ainda, muitos outros passaram a incluir a teoria nos seus currículos. Roudinesco e Plon (1998) comparam o reconhecimento que a teoria de Kohut obteve nos Estados Unidos àquele que Lacan obteve na França.

1.2. Kohut e a psicanálise: insatisfações

André Green (2012) relata que Freud desenvolveu sua teoria em torno da neurose. Não que Freud não reconhecesse formas não-neuróticas de constituição, porém, entendia que elas não seriam o foco do tratamento psicanalítico. Segundo o autor, Freud realizou certa investigação acerca das psicoses, neuroses atuais e neuroses narcísicas, mas deixou claro que o método da psicanálise não se aplicava a esses sujeitos, mas que deveria ser adaptado para lhes ser útil. Por muitos anos, esses indivíduos foram considerados não analisáveis e, em algumas escolas do pensamento psicanalítico, continuam ainda a ser.

A contribuição de muitos autores pós-freudianos deu-se na ampliação da teoria psicanalítica para aqueles sujeitos considerados não analisáveis. Segundo Roudinesco e Plon (1998), os kleinianos, com suas investigações do psiquismo em momentos bastante iniciais de desenvolvimento, contribuíram para uma compreensão mais aprofundada da psicose e incluíram esses sujeitos no tratamento psicanalítico. Ainda segundo Roudinesco (1998), já na década de 60, houve a extensão do consultório para pacientes com graves falhas no desenvolvimento identitário, conhecidos de forma mais geral por *borderlines*. Kohut foi um dos teóricos que se debruçaram sobre esse último tópico.

O desenvolvimento da teoria kohutiana, segundo Ornstein (2011b), tem suas origens em insatisfações do psicanalista com as teorias existentes, mais especificamente a teoria freudiana (por ele chamada de clássica ou tradicional), e a Psicologia do Ego. Uma das primeiras insatisfações de Kohut diz respeito à maneira com que algumas bases teóricas da psicanálise foram construídas e as implicações desta construção para a clínica.

Em diversos textos⁹, Kohut traz uma insatisfação quanto ao fato de a psicanálise fazer uso da biologia para construir seus conceitos, e de que os analistas façam uso destas noções nas compreensões dinâmicas. Em “Introspecção, empatia e psicanálise” (1959), Kohut trata de algumas questões relacionadas ao dito biologicismo da psicanálise freudiana. O autor argumenta que alguns conceitos propostos por Freud não poderiam ser aceitos, pois não se baseavam na experiência com o analisando, mas que teriam sido construídos a partir da biologia e mesmo sociologia. Kohut (1959) divide a teoria de Freud entre conceitos propostos com base na Biologia – as pulsão de vida e de morte, a compulsão à repetição e a dependência – e aqueles desenvolvidos por meio da introspecção – o narcisismo, a agressão, o masoquismo e seus derivados primários, ou seja, o narcisismo primário, a agressão primária e o masoquismo primário¹⁰. O psicanalista austro-húngaro conclui que estes últimos termos seriam legítimos da teoria psicanalítica, enquanto os outros seriam da biologia geral.

Para Kohut (1959), fazer uso de conceitos não oriundos do método introspectivo seria biologizar a psicanálise e, ao fazê-lo, Freud havia cometido erros metodológicos. Kohut não se afeiçoava aos biologicismos presentes na teoria psicanalítica, pois acreditava que a teoria deveria ser construída apenas a partir da experiência interna. Segundo o autor, ao fazer uso de um aparato teórico que se baseava na biologia, o terapeuta não estaria oferecendo interpretações baseadas na experiência interna do paciente.

Dessa forma, uma das primeiras contribuições de Kohut diz respeito a um método para acessar a experiência do paciente e a partir daí construir a teoria e as interpretações. Esse método seria de introspecção e empatia. Em uma de suas primeiras obras “Introspecção, empatia e psicanálise” (1959), Kohut define a introspecção como o modo de observação do mundo interno. O autor propõe que o mundo externo é observado por meio dos órgãos sensoriais e que o mesmo não pode ser feito com o mundo interno, já que os pensamentos, sentimentos, etc. não podem ser vistos ou tocados; apesar disto, eles são reais, pois podemos observá-los. Essa observação do que acontece em nosso mundo interno é designada pelo autor

⁹ “Introspecção, empatia, e psicanálise” (1959); A análise do *self* (1971) e Como a análise cura? (1981a)

¹⁰ Segundo Ornstein (2011a), posteriormente Kohut entende que a pulsão seria perceptível por meio da empatia.

como introspecção, como dito acima. Acrescenta, ainda, a possibilidade da introspecção vicariante, ou seja, a introspecção das experiências alheias, a que o autor chama de empatia.

Sobre empatia, um dos discípulos de Kohut, Arnold Goldberg (2011), diz-nos que o método não consiste em apenas ouvir ou observar o paciente, mas em conectar-se temporariamente com ele em uma identificação temporária; isto, de modo que o paciente possa experimentar o analista como parte de seu *self*. Kohut (1959) afirma que seria como pensar-se no lugar do outro e sentir o que o outro sente. O autor apresenta o seguinte exemplo:

Nós vemos uma pessoa que é incomumente alta. (...) Apenas quando nos pensamos no lugar desta pessoa, apenas quando nós, através da introspecção vicariante, começamos a sentir seu tamanho incomum como se fosse nosso próprio e assim reviver as experiências internas nas quais nós fomos incomuns ou conspícuos, apenas então nós começamos a apreciar o significado que o tamanho incomum pode ter para esta pessoa e apenas então nós observamos um fato psicológico. (p.207-208)¹¹

Segundo Strozier (2001), Freud já havia falado sobre empatia antes em um rodapé de seu texto “Psicologia das massas e análise do eu”. Buscamos esta obra e lá encontramos a descrição proposta por Freud - “mecanismo pelo qual se torna possível, para nós, tomar uma posição ante uma outra vida psíquica” (Freud, 2011, p. 96). A ideia, contudo, teria sido, segundo Strozier (2001), desenvolvida por um dos seguidores de Freud, Ferenczi, cujas obras despertaram o interesse de Kohut nos anos 40.

Ornstein (2011a) afirma que Kohut foi bastante criticado pelo uso de empatia como método. Em seu último discurso, que ocorreu em um congresso de Psicologia do *Self* (Kohut, 1981), ele afirmou que seu método de empatia foi compreendido erroneamente. Em *A restauração do self* (1977), o autor afirma que

Existem aqueles que podem tomar indevidamente o significado popular evocado pelo uso não científico do termo empatia – a saber, significados vagamente relacionados a bondade, compaixão, e simpatia, de um lado, e intuição, sexto sentido, e inspiração, de outro. ([...] [e que seria] uma intenção habilmente disfarçada em direção a formas não científicas de psicoterapia que propõe a cura pelo amor e pela sugestão. (p. 304)¹².

¹¹ “We see a person who is unusually tall. (...) Only when we think ourselves into his place, only when we, by vicarious introspection, begin to feel his unusual size as if it were our own and thus revive inner experiences in which we had been unusual or conspicuous, only then do we begin to appreciate the meaning that the unusual size may have for this person and only then have we observed a psychological fact.”

¹² “There are those who might seize on the popular resonance evoked by the unscientific use of the term empathy—namely, on such fuzzily related meanings as kindness, compassion, and sympathy, on the one hand, and

Em “Reflexões sobre os avanços na Psicologia do *Self*” (1978c) Kohut afirma que a introspecção e a empatia são a única maneira, que ele concebe até então, de se ter contato com as experiências psicológicas e, assim, construir formulações teóricas na psicanálise. E a teoria kohutiana poderia ser considerada uma construção oriunda desse método introspectivo-empático.

A insatisfação com a construção de conceitos psicanalíticos e a implicação disso na clínica não foi o único descontentamento de Kohut com a psicanálise freudiana e a de Hartmann. Segundo o próprio Kohut, em “Reflexões sobre os avanços na Psicologia do *Self*” (1978c), outra razão de seu desagrado com estas teorias – e, possivelmente, a mais importante para o desenvolvimento da Psicologia do *Self* – seria a falta de correspondência entre o que encontrou na clínica e as teorias psicanalíticas.

Kohut (1977) dizia que tanto ele como seus supervisionandos deparavam-se na clínica com pacientes que exibiam queixas que não eram, de fato, explicáveis pelo arcabouço teórico existente – “[...] eu me convenci de que ela [a psicanálise clássica] não faz justiça a uma ampla faixa no espectro da psicopatologia e a um grande número de outros fenômenos psicológicos que nós encontramos fora da situação clínica” (p. vxiii)¹³. Esses pacientes, segundo Kohut (1971; 1977), não exibiam conflitos neuróticos, mas eram pacientes que apresentavam baixa autoestima e eram bastante vulneráveis e suscetíveis a críticas, falhas e desapontamentos. Ainda, eles traziam na transferência uma busca por empatia e reafirmação, e não uma repetição de conflitos reprimidos como nas neuroses. Como Kohut (1971; 1977) entendia que as teorias existentes não davam conta de elucidar o que ele encontrava nestes pacientes, pois nem explicavam as queixas destes, nem propiciavam a eles um tratamento efetivo, ele pôs-se a investigar estes sujeitos que lhe vinham à clínica a partir das experiências de transferência. Ele acreditava que estes sujeitos apresentavam problemas relacionados ao narcisismo e por isso utilizou a terminologia “personalidades narcísicas” para referir-se a eles.

Cabe aqui ressaltar que foi justamente por causa da investigação e teorização de Kohut sobre sujeitos de personalidade narcísica que entramos em contato com o autor. Como dissemos, nosso encontro com Kohut se deu em meio a pesquisas sobre as patologias ditas atuais. Autores como Anzieu (1989) e Coderch (2004) acreditam que tais patologias

intuition, sixth-sense perception, and inspiration, on the other. (...) [and that it is a] cleverly disguised first move toward nonscientific forms of psychotherapy which provide cure through love and cure through suggestion”

¹³ “I have become convinced that it does not do justice to a broad band in the spectrum of human psychopathology and to a great number of other psychological phenomena we encounter outside the clinical situation.”

apresentam constituição dinâmica e sintomática que pode ser compreendida pelo conceito de personalidade narcísica de Kohut.

Os primeiros textos que Kohut produziu se voltam justamente para o tema do narcisismo – “Formas e transformações do narcisismo” (1966), “O tratamento psicanalítico dos transtornos de personalidade narcísica” – mais especificamente para a compreensão do desenvolvimento narcísico saudável e do patológico, das transferências narcísicas, e das formas de tratamento das personalidades narcísicas.

A Psicologia do Ego de Hartmann, com quem Kohut tinha certo contato, havia trazido algumas definições diferentes das de Freud sobre narcisismo, as quais Kohut tomou para si. Diferentemente do que propunha Freud, Hartmann (Coutinho, 1999) dizia que o narcisismo não seria o investimento no ego, mas no *self*, isto é, na representação da própria pessoa. Assim, ao buscar desvendar o narcisismo, Kohut estaria interessado no resultado de seu desenvolvimento: o *self*.

Inicialmente, Kohut construiu uma teoria que buscava compreender o desenvolvimento narcísico para clarificar a dinâmica de pacientes que apresentavam queixas distintas das neuróticas. Porém, ao teorizar sobre o *self*, o psicanalista acabou por criar uma teoria que modificava o entendimento do funcionamento psíquico como um todo. Segundo Oppenheimer (2002), a teoria proposta por Kohut logo acabou por chocar-se com aquela proposta por Freud e o autor precisou “criar” uma inter-relação entre uma teoria e outra. Em 1977, no livro *A restauração do self*, Kohut então apresenta esta relação: coloca as pulsões como secundárias; e cria então a Psicologia do *Self*, que ele dizia ser uma “extensão” da teoria psicanalítica dita clássica.

Siegel (1996) e Ornstein (2011a) falam de alguns fatos que possivelmente contribuíram para que Kohut rompesse com o que chamava de teoria clássica e que fundasse sua Psicologia do *Self*. Os autores mencionam a doença – ele sofria de câncer e veio a falecer quatro anos depois de publicar seu segundo livro – e o apoio que recebeu do seu “grupo de quartas-feiras” como favorecedor de um posicionamento teórico mais ousado.

Em resumo, abordamos neste tópico a questão de que as insatisfações de Kohut com o método de construção teórica da psicanálise e a lacuna entre a teoria e a prática foram o pontapé para o desenvolvimento do método introspectivo-empático e a formulação de um novo arcabouço teórico. Vejamos agora um pouco de como se estrutura sua obra.

1.3. A obra de Heinz Kohut

Paul Ornstein, no livro *À procura do self* (2011c), faz uma organização da evolução da obra de Kohut a partir de uma perspectiva de períodos e do que chama pontos nodais. O autor divide a obra de Kohut em quatro períodos e seis pontos nodais. Temos, então, um primeiro período denominado “Sínteses emergentes e impulso em direção ao método”, entre 1950 e 1959; seguido de “Avanços na clínica, psicanálise teórica e aplicada”, de 1960 a 1966; “A descoberta do narcisismo”, entre 1966 e 1977; e, por fim, de 1978 à 1981, “Consolidação do método e teoria”. Quanto aos pontos nodais, estes seriam as obras mais representativas e mesmo cruciais em sua produção. Veremos quais são eles ao longo da discussão acerca dos períodos.

Ornstein (2011a) diz-nos que, em um primeiro período (1950-1959), os trabalhos de Kohut tinham como foco a psicanálise “aplicada”, discussões sobre o ponto de vista psicoeconômico e a tríade: método, teoria clínica e metapsicologia. Ainda, que estas primeiras preocupações culminaram em um artigo intitulado “Introspecção, empatia, e psicanálise” (1959), que seria o primeiro ponto nodal da teoria kohutiana

No que tange à psicanálise aplicada, Kohut logrou vários *insights* clínicos na análise da literatura e em seu trabalho acerca da música, o que, eventualmente, contribuiu para a construção de suas teorias. Buscou, pois, entender o porquê de gostarmos de música e tentou justificá-lo a partir dos pontos de vista genético, topográfico e psicoeconômico (Ornstein, 2011a).

A respeito do ponto de vista econômico, Siegel (1996) afirma que Kohut tinha especial interesse por ele, isto porque o criador da Psicologia do *Self* questionava-se quanto à capacidade do psiquismo de tolerar grandes cargas de energia e permanecer intacto. Essa questão levou Kohut a teorizar sobre a importância do viés econômico em fases iniciais do desenvolvimento da personalidade.

Já a respeito do método, da teoria, e metapsicologia psicanalítica, neste período, segundo Ornstein (2011a), Kohut traz as primeiras discussões sobre pacientes *borderline* e as críticas ao método utilizado pela psicanálise, que mencionamos anteriormente.

Kohut, segundo Ornstein (2011a), aponta para a dificuldade de encontrar na teoria uma abordagem única que pudesse servir às psiconeuroses e aos *borderline*, e que uma ou outra patologia poderia ser identificada pelas diferenças no estabelecimento das transferências. Sobre este último ponto, o autor dizia que nas transferências das psiconeuroses manifestavam-se os conteúdos pulsionais reprimidos que buscam novos objetos para obter satisfação; enquanto nas transferências *borderline* não era observável esta busca por satisfação, mas por afirmação. Dizia Kohut (citado por Ornstein, 2011a) que assim como as

funções do ego poderiam ser libidinizadas em busca de satisfação, também poderiam servir aos propósitos narcísicos. Como resultado dessa diferença observada, ele, inclusive, propõe um tratamento para os casos *borderline*, mas Ornstein (2011a) afirma que esta proposta será modificada posteriormente com uma nova compreensão de narcisismo.

Segundo Ornstein (2011a), é neste momento também que Kohut faz críticas ao uso da Biologia para fundamentar conceitos da psicanálise, e propõe o uso da introspecção e empatia como método investigativo. No primeiro ponto nodal da obra kohutiana, o artigo “Introspecção, empatia, e psicanálise” (1959), Kohut argumenta que “Apenas um fenômeno que nós podemos observar através da introspecção ou da empatia com a introspecção do outro pode ser chamado de psicológico” (Ornstein, 2011a, p. 28)¹⁴.

O segundo período da teoria de Heinz Kohut, compreendido entre os anos 1959 e 1966, teve como produto sínteses sobre suas ideias a respeito do método psicanalítico e sua relação com a teoria psicanalítica. As produções teóricas que são reconhecidas por Ornstein (2011a) como pontos nodais neste período são duas. “Além dos limites da regra fundamental” (1960) é uma delas e representa o trabalho desenvolvido nestes anos a respeito da aplicação da metodologia recém-desenvolvida – introspecção e empatia – em problemas clínicos, educacionais e organizacionais. Já “Conceitos e teorias da psicanálise” (1963) é uma compilação de teoria psicanalítica baseada no curso que Kohut ministrava no Instituto de Psicanálise de Chicago e traz elementos para a expansão da teoria existente (Ornstein, 2011a).

Nesse período já começam a aparecer as contribuições para a teoria do narcisismo. Kohut, diz-nos Ornstein (2011a), começa então a sentir que o modelo psicanalítico existente já não é suficiente para suas observações clínicas e teóricas. Por exemplo, em uma análise do caso Schreber, o criador da Psicologia do *Self* passa a considerar uma categoria diagnóstica nova - “um tipo especial de estrutura de caráter psicótico em que o teste de realidade mantem-se amplamente intacto” (Kohut citado por Ornstein, 2011a, p. 42)¹⁵. Nesse período ainda, mais especificamente após a publicação de uma das obras ícones desta fase, “Conceitos e teorias da psicanálise”, Kohut deixa de ministrar sua disciplina de introdução à psicanálise no Instituto de Chicago, pois a lacuna entre a teoria e a clínica havia se tornado muito grande (Siegel, 1996). O autor passa, então, a ministrar outra disciplina em que tratava da aplicação de seu método introspectivo e empático na formulação teórica.

¹⁴“Only a phenomenon that we can attempt to observe by introspection or by empathy with another's introspection may be called psychological”

¹⁵“a special kind of psychotic character structure in which reality testing remains broadly intact.”

O terceiro período (1966-1977), ainda segundo Ornstein (2011a), é decisivo na obra de Kohut. Consiste no momento em que o criador da Psicologia do *Self* desenvolve suas ideias sobre o narcisismo. Aí são publicados trabalhos centrais para a compreensão deste conceito, são eles: “Formas e transformações do narcisismo” (1966), “O tratamento psicanalítico dos transtornos de personalidade narcísica” (1968), “Reflexões sobre o narcisismo e fúria narcísica” (1972b) e o livro *A análise do self* (1971), que também compõe o quarto ponto nodal da teoria kohutiana.

Nesses trabalhos, Kohut fala de sua prática clínica com os pacientes que entende não se beneficiarem da psicanálise por ele dita tradicional, e começa a construir suas compreensões teóricas a respeito destes pacientes. O autor propõe uma teoria em que o narcisismo tem uma energia própria – a libido narcísica – independente da libido objetal. Kohut também descentraliza a constituição psíquica do complexo de Édipo e propõe que experiências mais primitivas é que são determinantes na formação do psiquismo. Além do mais, sugere um trabalho clínico que não teria sido visto como analítico pelos seus contemporâneos, pois se basearia em uma espécie de correção de experiências emocionais por meio de respostas empáticas do analista e não no desvelamento do material inconsciente. No entanto, por mais que ele afirmasse que isto seria um acréscimo à teoria clássica, foi profundamente criticado, com acusações de que suas proposições seriam não-analíticas. Após a publicação destas ideias, Kohut passou a ser hostilizado pelos colegas sendo mesmo desligado do Conselho de Educação Psicanalítica do Instituto de Chicago (Siegel, 1996; Ornstein, 2011a).

É no final do terceiro período, ainda, que Kohut publica *A restauração do self* (1977), quinto ponto nodal. É aí, pois, que se dá, segundo Ornstein (2011a), a consolidação do método e da teoria kohutiana e a “quebra” com a psicanálise freudiana. Contudo, ele continuava a afirmar que não estava discordando da teoria de Freud, apenas considerando que ela apresentava limites.

No quarto e último período, de 1978 a 1981, chamado por Ornstein (2011a) de “Consolidação do método e teoria”, Kohut apresenta seu último livro (que só seria publicado postumamente) e sexto ponto nodal: *Como a análise cura?* (1981a). Ao escrever esta obra, Ornstein (2011a) nos diz que Kohut tinha conhecimento de que em breve viria a falecer e apresentou, assim, sua posição final frente a sua teoria. Nesse último texto, fala sobre sua compreensão de saúde mental, a posição que o complexo de Édipo toma em sua teoria e, ainda, em que consiste a terapia a partir da Psicologia do *Self*.

2. O *SELF* NO SENTIDO RESTRITO¹⁶

Iniciaremos nossa discussão sobre o *self* em Kohut trazendo a primeira fase deste conceito na obra do autor. Agruparemos estas duas fases aqui, pois ambas convergem no que diz respeito a tomar o *self* em um sentido restrito. Ao final, contudo, apontaremos em que uma fase e outra se diferenciam. A concepção de *self* no sentido restrito abrange a produção de Heinz Kohut entre os anos 1966 e 1975, logo pertence ao que Ornstein (2011a) denominou terceiro período da obra de Heinz Kohut.

Ornstein (2011a) oferece uma definição para o que seria o *self* no sentido restrito em *À procura do self* (1970b), quando o demarca como um *conteúdo* ou *estrutura* no aparelho psíquico que apresenta continuidade no tempo. Apesar de Kohut tomar o *self* como uma estrutura, ele não está atribuindo a ele um sentido equivalente ao de ego, de id ou superego; o *self* não seria por ele considerado um componente do aparelho psíquico, tal qual o são essas instâncias. Kohut (1970b) ressalta que até mesmo um traço de memória pode ser considerado uma estrutura, então, é neste sentido de estrutura que o *self* deve ser entendido. Pensar o *self* como conteúdo também é possível. Neste sentido, seria para Kohut (1970b) equivalente ao que uma representação de objeto é para o psiquismo, uma *imago*.

Alguns teóricos da Psicologia do *Self* contemporâneos a Kohut, como Levin (citado por Kohut, 1970b), chegaram a propor que o *self* seria equivalente ao ego, ao id e ao superego, isto é, também uma instância psíquica. Kohut (1970b), contudo, não concordou com esta posição, apesar de que também não a descartou completamente. Para ele, até existem evidências que podem dar suporte à ideia de que o *self* seria uma instância psíquica, ou seja, uma “entidade psíquica com uma organização coesa experiencialmente identificável e com seu próprio processo particular de homeostase com o ambiente” (p. 578)¹⁷, mas, ressalta que até aquele momento não seria necessário “criar” uma quarta instância psíquica, já que a teoria existente, que considerava o ego, id e superego, poderia tranquilamente abarcar o *self*. Portanto, naquele momento, tomaria o *self* como uma estrutura ou conteúdo da mente, mas não descartaria em definitivo a possibilidade de o *self* vir a ser considerado uma agência psíquica caso o desenvolvimento da teoria assim indicasse.

Além do mais, para Kohut (1970b; 1971), o *self* e as instâncias psíquicas estariam em diferentes níveis de abstração. O *self* seria uma abstração relativamente próxima da experiência, enquanto o ego, o id e o superego seriam abstrações distantes da experiência.

¹⁶*self* in the narrow sense.

¹⁷ “psychic entity with an experientially identifiable cohesive organization and with its own particular processes of homeostasis with the environment.”

Encontramos em Ornstein (2011a) um esclarecimento sobre o uso destas expressões. Este autor afirma que “próximo à experiência” implicaria em que um conceito fosse observável pelo método de introspecção e empatia, enquanto “distante da experiência” seriam as abstrações que não logradas por este método, mas construções teóricas baseadas na observação comportamental ou conclusões metapsicológicas sobre o funcionamento psíquico.

Kohut (1970b; 1971), como já dito, afirma que o *self* é um *conteúdo* ou *estrutura* do aparelho mental, e não um *constituente* deste. O autor acrescenta que o *self* pode ser comparado às representações de objeto e, como elas, poderia, então, estar localizado em qualquer das instâncias psíquicas – ego, id ou superego. Ainda, que poderíamos ter vários *selves* – conscientes pré-conscientes e inconscientes. Inclusive, seria possível que coexistissem *selves* contraditórios. Haveria, contudo, uma parte central do *self* que seria mais constante, o *self* nuclear.

Nesse período, do *self* em um sentido restrito, Kohut também discute outras questões importantes para o entendimento deste conceito em sua obra. Elencamos alguns temas e vamos discuti-los abaixo; são eles: a formação do *self*, o narcisismo primário, a Imago Parental Idealizada e o *Self* Grandioso, a libido narcísica e as patologias do *self*.

2.1. A formação do *self*: fragmentação e coesão

Uma das questões que nos chamam a atenção diz respeito à formação do *self*: como se estabeleceria ele? Encontramos em *A análise do self* (1971) algumas informações que nos levam a pensar na existência de dois momentos na formação do *self*. Uma inicial que pode ser denominada *self fragmentado* e uma segunda chamada *self coeso*. Esta última configuração do *self* ainda pode ser diferenciada entre uma forma arcaica e outra madura.

Kohut (1971) fala de um *estágio do self fragmentado* ou *corpo-self fragmentado*, que seria anterior à formação de um *self* propriamente dito. Nesse momento primitivo da existência, o *self* seria constituído de partes corporais ou funções mentais individuais. Segundo o autor, esta etapa poderia ser equiparada ao estágio de autoerotismo proposto por Freud, em que a libido estaria investida em partes corporais ainda não unificadas. O *self*, portanto, seria aqui as partes e funções investidas e ainda sem uma concepção de pertencerem a um mesmo conjunto.

Numa etapa seguinte, segundo Kohut (1971), essas partes corporais e funções mentais se amalgamariam formando uma unidade. Com a formação dessa unidade, a libido estaria investida em um conjunto e não mais em partes. Seria aqui, segundo Kohut (1970b),

equivalente ao que Freud denominou narcisismo. Este seria *o estágio do self coeso*, ou *corpo-self coeso*, ou ainda *estágio do narcisismo*. Vejamos um trecho em que Kohut (1970b) apresenta esta etapa de unificação:

Podemos considerar [...] que o jovem infante experiencia suas várias atividades físicas e mentais, e especialmente suas partes do corpo, a princípio separadamente (um a um conforme funcionalmente catexizados); mas gradualmente adquire um senso de unidade, isto é, ele adquire consciência do fato que as funções individuais e partes corporais pertencem a um conjunto maior, seu *self* total. (p. 586)¹⁸

Esta coesão do *self* seria lograda com auxílio externo, mais precisamente com um outro que aceite e admire sem reservas todo o conjunto (corpo e funções mentais).

A resposta satisfeita de uma mãe para a criança (como um todo), o chamado dela por seu nome, além de responder às partes corporais individuais ou atividades ou funções mentais individuais que são investidas no momento, são uma importante contribuição nesta etapa do desenvolvimento. Distúrbios na consolidação do *self* (o que predispõe a fragmentação desta estrutura sob estresse) devem, é claro, também ser examinados diante de experiências de uma inabilidade materna em responder receptivamente à criança, especialmente a ela como um todo, como organização psicossomática unitária. (Kohut, 1970b, p. 586)¹⁹

Kohut (1971) traz um recorte do caso do paciente B. que nos ajuda a compreender a fragmentação e coesão do *self*. O autor relata que este paciente, um professor universitário de quase trinta anos, tem recordações de que em sua infância, ao mostrar com orgulho à mãe suas conquistas ou ao contar sobre determinados eventos, a mãe traria críticas a detalhes do que contava ao invés de analisar o todo, ou mesmo apontaria algo inapropriado em seu comportamento durante a fala. Segundo Kohut, isto afetaria a coesão do *self*, pois, quando a criança se mostraria por inteiro para aprovação, a mãe mudaria o foco para uma parte do corpo. Em decorrência destas respostas iniciais, B. experienciava períodos de tensão e sentimentos de vazio profundo, bem como preocupações com suas funções físicas e mentais. Com o processo de análise, o paciente relatou experienciar o equilíbrio e a coesão.

¹⁸ “We may assume [...] that the young infant experiences his various physical and mental activities, and especially his body parts, at first separately (one by one as they are functionally cathected); but that he gradually acquires a sense of over-all unity, i.e., he acquires an awareness of the fact that the single functions and body parts belong to a greater whole, his total *self*”.

¹⁹ “The mother’s delighted response to the (total) child, her calling out his name, in addition to responding to the single body part or single activity or mental function that is cathected at the moment, contribute importantly to this developmental step. Disturbances in the early consolidations of the *self* (which predispose to a later fragmentation propensity of this structure under stress) must, of course, also be examined against the background of a maternal inability to respond acceptingly to the child, especially to him as a whole, unitary psychosomatic organization”.

A experiência de coesão do *self*, segundo Kohut (1970b), é a fonte do sentido de realidade do *self*, ou seja, um *self* coeso faz com que o indivíduo perceba-se como real, como uma unidade e, por consequência, experiencie o bem estar subjetivo. Ornstein (2011b) afirma que a coesão implica que o sujeito vivencie o senso de continuidade no tempo e no espaço, isto é, sente que seu corpo e suas funções pertencem a um mesmo conjunto e que as ações, pensamentos, sentimentos, etc. mantêm-se constantes ao longo do tempo.

A partir disto, podemos pensar que esta “percepção” das partes independentes (órgãos, funções mentais, etc.) como formando um todo seria o início da experiência de existir do indivíduo. Mais adiante abordaremos situações de fragmentação do *self*, ou seja, do retorno (patológico) ao investimento de partes separadas; e então veremos como esta experiência de fragmentação é penosa e evitada a todo custo – não seria apenas um retorno à fragmentação, mas uma *ameaça* de retorno. Isto nos leva a pensar que o retorno ao investimento das partes fragmentadas poderia ser experimentado como um retorno à situação de não-existência, uma espécie de morte.

Agora vejamos a respeito da subdivisão do *self* coeso de que falamos. No *estágio do self coeso*, em que este se apresenta como uma unidade que pode ser investida e não mais consiste em fragmentos de corpo e funções mentais, ainda podemos identificar em Kohut uma outra divisão de etapas constitutivas do *self*. Kohut (1971) usa os termos *arcaico* e *maduro* algumas vezes para fazer referência ao *self* coeso.

Sobre o *self* arcaico, encontramos três colocações. Uma delas seria que, segundo Kohut (1973), o *self* arcaico estaria presente nos momentos mais iniciais do psiquismo, quando o *self* primeiramente fosse experienciado como uma unidade; outra que este *self*, de acordo com as “concepções solipcistas do início da vida, é ainda experienciado como possuidor do poder absoluto e do conhecimento ilimitado” (p. 532)²⁰; e uma última afirmação seria de que, segundo Kohut (1971), nesta etapa o *self* ainda estaria sujeito a desagregar-se e retornar à fragmentação.

Estas características do *self* arcaico estão intimamente relacionadas à discussão que Kohut (1971) faz sobre o narcisismo primário, que trataremos no próximo tópico, e a partir daí é possível inferir que um *self* arcaico seria aquele que ainda se encontra indiferenciado do mundo.

Quanto à esta indiferenciação do *self* rudimentar em relação ao mundo (ou aos objetos), Kohut (1966; 1971) afirma que o *self* pode tanto “perceber” o objeto, seja como sua

²⁰“solipsistic conceptions of early life, is still experienced as possessing absolute power and unlimited knowledge.”

extensão, seja como objeto independente. Kohut nomeia como *self*objetos²¹ aqueles objetos percebidos como parte do *self*, e objetos verdadeiros²² aqueles reconhecidos como independentes e autônomos. Nesta etapa arcaica do *self*, os objetos são tomados por ele apenas como um componente de si, ou seja, como controlados pelo *self* e a seu serviço. O reconhecimento de objetos autônomos e independentes é uma aquisição paulatina. Um *self* maduro teria condições de experienciar os objetos autônomos. Cabe ressaltar, Kohut (1971) supõe que mesmo um *self* maduro sempre manterá, em certa medida, uma relação com os objetos como sua extensão, ou seja, ainda poderá vivenciá-los como *self*objetos. Assim, ambos, *self* arcaico e o maduro, experienciam os objetos como extensões de si, mas o último é também capaz de conceber objetos independentes de si.

No que tange ao *self* maduro, Kohut não oferece uma definição precisa deste, mas Paul Ornstein (2011b) nos apresenta o seguinte trecho sobre o *self* maduro:

Respostas maternas, apropriadas à fase, de refletir, ecoar, aprovação, confirmar e admirar a grandeza e perfeição do *self* grandioso levam a etapas de maturação normais de transformação e internalização da grandiosidade e do exibicionismo arcaico em direção a uma capacidade de perseguir ambições ego-sintônicas, objetivos e propósitos; uma capacidade para a gozar das várias funções e atividades; e a obtenção de uma autoestima realista e estável, *todos estes seriam os resultados desta linha de desenvolvimento, isto é, funções de um self maduro e coeso.* [grifos nossos] (p.57)²³

Para tratarmos mais especificamente destes estágios do *self* arcaico e do *self* maduro, precisamos abordar assuntos ligados ao narcisismo.

2.2. Narcisismo primário

A compreensão Kohutiana do Narcisismo Primário é outro ponto a ser discutido. Embora o autor não traga essa terminologia muitas vezes ao longo de seus trabalhos, é essencial compreender de que se trata para se prosseguir em uma discussão sobre o *self*.

²¹*selfobjects*- Kohut inicialmente usa a palavra *self-object*, separado por hífen, e depois passa a construí-la sem a separação, *selfobject*. Neste trabalho, sempre que utilizarmos citações diretas seremos fiéis ao original então traremos o termo da forma com que consta no original, seja com ou sem o hífen. Contudo, em se tratando de citações indiretas ou trechos de nossa autoria adotaremos a escrita *selfobjeto*.

²²True objects.

²³“Phase-appropriate maternal responses of reflecting, echoing, approval, confirmation, and admiration of the greatness and perfection of the grandiose *self* optimally lead the normal maturational steps of transformation and internalization of archaic grandiosity and exhibitionism toward a capacity for the pursuit of ego-syntonic ambitions, goals and purposes; a capacity for the enjoyment of various functions and activities; and the attainment of a realistic and stable *self*-esteem, all of which are end-points of this developmental line, i.e., functions of a mature, cohesive *self*.”

A nomenclatura *Narcisismo Primário* advém de Freud. Em “Introdução ao narcisismo” (1996f), o pai da psicanálise afirma que o investimento libidinal do ego poderia acontecer em dois momentos. A princípio, em uma fase normal do desenvolvimento, que chamou de narcisismo primário, e depois como uma forma defensiva e por vezes patológica de retorno da libido já investida em objetos no ego, que chamou de narcisismo secundário.

As primeiras referências de Kohut ao narcisismo primário, dentro do contexto de sua teoria sobre o narcisismo, aparecem em “Formas e transformações do narcisismo” (1966), seu primeiro texto do período denominado por Ornstein (2011a) “Descoberta do narcisismo”. Neste texto Kohut refere-se ao narcisismo primário como um estágio em que “o bebê originalmente experiencia a mãe e seus cuidados, não como um outro e suas ações, mas dentro de uma visão de mundo em que a diferenciação eu-você ainda não foi estabelecida” (p. 430)²⁴. Neste momento inicial da existência, o mundo e o que o compõe não são percebidos como autônomos e independentes do sujeito (como objetos), mas como partes dele (*self*objetos).

Kohut (1966; 1968) propõe que o estado inicial do psiquismo chamado narcisismo primário é um estado ideal sem frustrações em que reinam sentimentos de completude e equilíbrio. O autor fala, porém, de uma perturbação desse estado de narcisismo primário pelas frustrações que o eu experimenta, devido às constantes falhas no cuidado – a mãe que não consegue, naturalmente, estar em absoluta sintonia com as demandas.

Segundo Kohut (1966; 1971), estas falhas da mãe fariam com que o bebê vivenciasse um estado de tensão psíquica²⁵. Ainda, afirma que a criança busca manter este estado de completude primária, possivelmente em razão desta intolerável angústia, e, para tal, lança mão de alguns recursos para contornar as frustrações.

Um deles faria uma espécie de cisão atribuindo ao *self* arcaico todo o “bom”, isto é, onipotência, onisciência e perfeição; enquanto ao outro restaria a imperfeição. Cabe lembrar que, por se tratar de um momento em que o *self* ainda é arcaico não haveria ainda uma noção de um outro autônomo, mas o *self* lida com este outro como controlado por ele, ou à seu serviço (Kohut, 1966; Ornstein, 2011a).

Essa forma de lidar com a dissolução do narcisismo primário é chamada *Self Grandioso*. Outra maneira de tentar manter o estado narcísico o mais intacto possível é

²⁴ “the baby originally experiences the mother and her ministrations, not as a you and its actions, but within a view of the world in which the I-you differentiation has not yet been established.”

²⁵ Acreditamos também que estas falhas no cuidado fariam com que a criança, cujo psiquismo ainda seria bastante rudimentar, viesse a experienciar uma angústia de desintegração. Isto pelo risco de que o *self* recém-unificado viesse a se fragmentar, e assim perder o recém-conquistado senso de ser real e de vivenciar o bem estar

atribuir a um “outro”, também arcaico, perfeição, onipotência, poder, bondade, etc. Este processo é o que se entende por idealização e Kohut o denomina *Imago Parental Idealizada*.

2.3. Imago Parental Idealizada e o *Self* Grandioso

Vejamos abaixo, de forma mais detalhada, as maneiras que a criança encontra para lidar com a dissolução do narcisismo primário.

2.3.1. Imago Parental Idealizada²⁶

Kohut (1966; 1968) acreditava que na tentativa de manter o estado de perfeição original e assim não romper o equilíbrio narcísico, o psiquismo idealiza um “outro”²⁷ onipotente e perfeito que é capaz de lhe proporcionar sentimentos de satisfação e completude. O autor denominou esse artifício do psiquismo *Imago Parental Idealizada*. Trata-se de uma construção necessária a princípio para que a criança dê conta das frustrações que se apresentam.

Segundo Kohut (1971),

depois de ser exposto à perturbação do equilíbrio psicológico do narcisismo primário, o psiquismo guarda parte da experiência perdida de perfeição narcísica atribuindo-a a um *self*-objeto arcaico e rudimentar, a imago parental idealizada. (p. 37)²⁸

A criança, de acordo com Kohut (1968; 1971), cria esta imagem de perfeição atribuindo todo o poder e satisfação a este *self*objeto arcaico. Logo, o infante precisa manter-se unido a este *self*objeto arcaico onipotente para lograr a gratificação, e não experimentar o vazio e a fragilidade a que está entregue. Ainda, quando se experiencia como parte deste *self*objeto idealizado, a criança tem um senso de bem estar e de ser completa. Cabe dizer que a idealização da criança precisa receber uma contrapartida do adulto para que esta experiência possa, de fato, ser efetiva e saudável. O adulto deve corresponder a esta idealização oferecendo os cuidados necessários e também permitir que a criança mantenha uma *fusão*²⁹ consigo, podendo assim experimentar as ações do *self*objeto como parte de si.

²⁶*Idealized parente imago.*

²⁷ Ainda não reconhecido como um outro separado, independente e autônomo, ou seja, um objeto, mas sim um *self*objeto

²⁸ “after being exposed to the disturbance of the psychological equilibrium of primary narcissism, the psyche saves a part of the lost experience of global narcissistic perfection by assigning it to an archaic, rudimentary (transitional) *self*-object, the idealized parent imago.”

²⁹*Merge.*

Embora a idealização inicialmente seja necessária, Kohut (1968; 1971) nos sugere que, como parte normal do processo, essa imagem idealizada vai aos poucos sendo desmistificada. Isto, pelas inerentes falhas deste *selfobjeto*, e, deste modo, por sua não correspondência a esta imagem de perfeição. Encontramos nos textos de Kohut que o processo de desmistificação deste *selfobjeto* pode encontrar dois desfechos: um saudável e outro nem tanto. No primeiro desfecho, este outro idealizado vai gradualmente apresentando à criança as frustrações. Neste caso, segundo Kohut (1968), o outro se esforça por (e tem condições de) suprir as demandas da criança, para expô-la a frustrações somente de acordo com o que ela pode tolerar em cada etapa de seu desenvolvimento. Desta forma, a frustração anda *pari passu* à maturação e desenvolvimento do aparelho cognitivo da criança. Kohut (1968) chamou isto de *frustração ótima*³⁰. Nestas condições a criança vai adquirindo meios de suportar pouco a pouco as frustrações.

Nesta situação ideal, quando a criança depara-se com as frustrações que este outro vai gradualmente apresentando, não fica psicologicamente inerte, mas toma para si as funções desempenhadas pelo outro idealizado como forma de buscar a gratificação. A isto Kohut (1968) chama de *internalizações transmutadoras*³¹. Assim, a criança vai tomando para si funções à medida em que se depara com as falhas do outro e, por conseguinte, vai paulatinamente desinvestindo esta *Imago Parental Idealizada*. Em outras palavras, vai internalizando as funções desempenhadas pelo outro e, por fim, constituindo uma estrutura reguladora das pulsões – o ego:

Expresso em termos metapsicológicos: à mínima falha empática, incompreensões, e atrasos da mãe, o infante desinveste libido narcísica da imago arcaica de perfeição incondicional (narcisismo primário) e logra em seu lugar uma estrutura psicológica que assume as funções maternas a serviço da manutenção do equilíbrio narcísico. (Kohut, 1971, p. 64)³²

Kohut (1971) divide, ainda, a internalização transmutadora em dois momentos: pré-edípico e edípico. No estágio pré-edípico, o desinvestimento e as internalizações deste outro idealizado são paulatinos e o desfecho é o desenvolvimento da estrutura reguladora das pulsões – o ego. Já no estágio edípico, acontece um desinvestimento maciço e este culmina no

³⁰ *Optimal frustration.*

³¹ *transmutating internalizations.*

³² “Expressed in metapsychological terms: with each of the mother's minor empathic failures, misunderstandings, and delays, the infant withdraws narcissistic libido from the archaic imago of unconditional perfection (primary narcissism) and acquires in its stead a part of inner psychological structure which takes over the mother's functions in the service of the maintenance of narcissistic equilibrium”.

estabelecimento de outra estrutura – o superego. Dessa forma, o superego é formado por meio da internalização maciça deste outro idealizado (perfeito, onipotente, onisciente, etc.).

De forma geral, quando as frustrações às quais a criança é submetida apresentam-se de forma condizente com suas condições psíquicas, à medida que estas frustrações encontram espaço no psiquismo da criança sem configurar-se como um exagero e permitem a realização de *internalizações transmutadoras*, a *Imago Parental Idealizada* torna-se menos necessária. Isto, uma vez que as funções passam a ser desempenhadas pelo próprio psiquismo da criança. Assim, a imagem deste outro vai também se tornando cada vez mais realista.

Outro desfecho no processo de desmistificação do *selfobjeto*, apresenta-se quando a criança experimenta frustrações excessivas. Neste caso, segundo Kohut (1968), não há a internalização da função exercida pelo *selfobjeto* e, em decorrência, existirão falhas na formação das estruturas internas – ego e superego. Como resultado de não internalizar as funções, o sujeito fica dependente dos objetos para realizá-las. Serão estes os sujeitos que se apegam ao objeto por necessidade; dependem do objeto ao invés de amá-lo.

O Paciente A., um homem em torno de 25 anos que trabalhava em uma grande empresa, apresentava grande vulnerabilidade e sensibilidade à crítica. O Sr. A. buscava aprovação constante de seus superiores no trabalho ou de outras pessoas às quais, no dia-a-dia, considerava-se hierarquicamente inferior. Quando se sentia aceito e guiado por seus superiores tinha bom desempenho no trabalho, mas quando recebia desaprovação deles ou quando estes sujeitos demonstravam falta de interesse em seus afazeres, deprimia-se e esvaziava-se, e, em consequência, não desempenhava suas funções de acordo com seu potencial. Em terapia, levantou-se que o paciente passou por desapontamentos traumáticos com uma figura de proteção e eficiência, seu pai, no período de latência. Seu pai, um homem próspero na Europa, não repetiu o mesmo quando mudou-se para os Estados Unidos e, frente às frequentes derrotas, deprimiu-se e apresentou queixas hipocondríacas. A mãe, além do mais, também não apresentava condições psíquicas equilibradas. Ela tendia a responder com extrema ansiedade quando exposta à pressão, apresentava uma superficialidade emocional e estabelecia-se de forma imprevisível (Kohut, 1971).

A grande marca narcísica do Paciente A., contudo, ainda foi o desapontamento traumático com o objeto idealizado. Por esta razão, A. não pode internalizar o objeto idealizado e, assim, seu superego não tinha condições de sustentar a autoestima. Então, A. precisava estar com alguém forte e admirado para ter uma boa autoestima (Kohut, 1971).

As próprias questões narcísicas dos pais favorecem ou não o desfecho tomado como saudável por Kohut. O autor propõe que uma mãe autocentrada pode projetar na criança suas

próprias necessidades, tensões e humores; e também responder de forma exagerada a algumas demandas, de acordo com suas próprias falhas narcísicas. Ou mesmo deixar de responder a estas demandas por não estar empaticamente conectada à criança e preocupada com as próprias demandas. Todas essas possibilidades, que Kohut denomina respectivamente empatia defeituosa, empatia exagerada e falta de empatia, expressam falhas empáticas da mãe. Essas falhas da mãe podem ter como decorrência uma criança com falhas na internalização de uma imago parental, isto, devido ao trauma causado por uma quebra na onipotência idealizada desta mãe (Kohut, 1971).

Novamente, podemos trazer o exemplo do Paciente B. Este teve uma mãe que o tratava como uma extensão das próprias necessidades, logo, suas respostas não eram empáticas às demandas do garoto. A mãe do paciente o supervisionava constantemente, determinando, por exemplo, o horário das refeições, mesmo quando já crescido. Frente às tentativas de B., já adolescente, de estabelecer uma separação entre eles (ficando no quarto, trancando a porta deste, etc.), a mãe colocara uma sirene em casa que o perturbava constantemente com chamados. Devido às formas rígidas de controle das atividades de B., o menino cresceu em dependência da mãe e ela continuava a desempenhar as funções que já podiam ser atribuídas a ele. B. sentia-se sem aparelho mental para dar conta das coisas por si só, bem como dependente dos outros, da mãe, para realizar as tarefas (Kohut, 1971).

Kohut enumera em seu texto “Formas e transformações do narcisismo” (1966) algumas frustrações possíveis, no próprio processo de educação, mas também nas demandas da realidade que não podem ser contornadas, na ausência dos pais, entre outros. O autor fala também sobre a frustração decorrente da morte dos pais e do desinvestimento afetivo deles em decorrência de doenças mentais ou físicas. Segundo Kohut (1966), ainda, se apropriadas à etapa do desenvolvimento, estas frustrações também fomentam a internalização, mas em um momento tão inicial do desenvolvimento psíquico como o discutido aqui, podem causar sérios danos – o que veremos mais adiante.

2.3.2. *Self Grandioso*³³

Além da formação de uma Imago Parental Idealizada, Kohut (1966) fala de outra forma que o psiquismo arcaico desenvolve para lidar com a perda do estado de perfeição narcísica primária. Este outro recurso, concomitante à Imago Parental Idealizada, é o de

³³*Grandiose self.*

atribuir ao *self* arcaico onipotência, onisciência e perfeição. O psiquismo cria então uma imagem grandiosa do *self*: o *Self* Grandioso.

Segundo Kohut (1971), é necessário que o outro faça uma função de *espelhamento*³⁴ frente a este recurso de auto atribuição de onipotência e perfeição da criança para que o psiquismo possa desenvolver-se e constituir um *self* maduro. O espelhamento para Kohut consiste em dois momentos diferentes, um primeiro de aceitação incondicional e outro de respostas mais seletivas. Em um primeiro momento, seria uma espécie de confirmação da mãe das satisfações narcísicas exibicionistas da criança. Em outras palavras, a mãe participaria das satisfações da criança reconhecendo-as e estimulando-as e, como diz Kohut (1979b), atuaria “confirmando o inato senso de vigor e perfeição da criança” (p. 457)³⁵ e, desta forma, estaria fortalecendo a autoestima do infante. Kohut (1971) acrescenta que seria o brilho nos olhos da mãe, ou seja, o deleite e aceitação dela, que confirmaria o *self* arcaico da criança.

Posteriormente, a mãe ofereceria respostas mais seletivas aos deleites e exibicionismos da criança. Diz Kohut (1971) que é necessário que, gradativamente, o sujeito seja também frustrado e que possa entrar em contato com suas reais habilidades e qualidades; é necessário que não fique para sempre preso em uma fantasia de grandiosidade. Aos poucos este outro deve mostrar que a criança não é completa e perfeita.

Sob condições favoráveis (respostas parentais seletivas apropriadas às demandas da criança por um eco e a participação [destes pais] nas manifestações narcísico-exibicionistas de suas fantasias grandiosas) a criança aprende a aceitar suas limitações realistas, as fantasias grandiosas e as demandas exibicionistas cruas são deixadas de lado, e são gradativamente substituídas por propósitos e objetivos ego-sintônicos, por prazer em suas funções e atividades e por uma autoestima realista. (Kohut, 1971, p. 107)³⁶

Deve haver, portanto, um equilíbrio nas respostas deste *self* objeto. Esse outro precisa apresentar gradativamente as reais condições deste *self*, de forma a evitar os extremos, ou seja, sem ser excessivo e sem deixar a criança perder-se nas fantasias de perfeição e onipotência. Entendendo, porém, que este dito equilíbrio não é atingido de forma consciente. Segundo Kohut (1971), quando o outro expõe a criança ao excesso, esta é apresentada

³⁴ *Mirroring*.

³⁵ "confirm the child's innate sense of vigor and perfection".

³⁶ “Under favorable circumstances (appropriately selective parental response to the child's demands for an echo to and a participation in the narcissistic-exhibitionistic manifestations of his grandiose fantasies) the child learns to accept his realistic limitations, the grandiose fantasies and the crude exhibitionistic demands are given up, and are *pari passu* replaced by ego-syntonic goals and purposes, by pleasure in his functions and activities and by realistic *self*-esteem.”

prematuramente – ou seja, antes que seu aparelho cognitivo esteja preparado para tal – às suas limitações, incapacidades e então o *self* encontra dificuldades em constituir-se de forma realista. Quando o outro não auxilia a criança a perceber-se de forma realista, ela não é limitada nem posta realisticamente frente às suas capacidades e limitações, e acaba por criar um *self* fantasioso, não realista.

Como resumo do que se passa tanto nos investimentos no *self* grandioso quanto na imago parental idealizada temos que

Repetidas vezes, em pequenas, psicologicamente administráveis proporções, o ego vai lidar com o desapontamento de ter que reconhecer que as reivindicações do *self* grandioso não são realistas. E, em resposta a esta experiência, ele irá ou pesarosamente desinvestir uma parte do investimento narcísico desta imagem arcaica do *self*, ou vai, com a ajuda da estrutura recém-adquirida, neutralizar as energias narcísicas associadas ou canalizá-las para atividades com finalidade inibida. E repetidamente, em pequenas, psicologicamente administráveis proporções, o ego vai lidar com o desapontamento ao ter que reconhecer que os objetos idealizados não estão disponíveis ou são imperfeitos. E, em resposta a esta experiência, irá desinvestir uma parte do investimento idealizado do objeto e fortalecer a estrutura interna correspondente. Em resumo, se o ego aprende primeiramente a aceitar a presença das estruturas narcísicas mobilizadas, ele irá gradualmente integrá-las em seu domínio, e o analista irá testemunhar o estabelecimento do domínio e autonomia do ego no setor narcísico da personalidade. (Kohut, 1968, p. 499)³⁷

Exemplos de fantasias grandiosas não modificadas seriam aquelas em que o sujeito acreditar-se-ia especial, que teria uma qualidade ou poder especial (controle, onipotência, onisciência). Um paciente, a que o autor nomeia D., quando criança tinha a fantasia de poder controlar carros pelas ruas por meio do pensamento; outro paciente, H., acreditava que todos seriam seus serventes ou que seria conhecido por todos; o Paciente G. estava convicto de que todos na escola o conheciam pelo nome e que, por isto, estaria acima dos demais. Em outras

³⁷ “Over and over again, in small, psychologically manageable portions, the ego will deal with the disappointment at having to recognize that the claims of the grandiose *self* are unrealistic. And, in response to this experience, it will either mournfully withdraw a part of the narcissistic investment from the archaic image of the *self*, or it will, with the aid of newly acquired structure, neutralize the associated narcissistic energies or channel them into aim-inhibited pursuits. And over and over again, in small, psychologically manageable portions, the ego will deal with the disappointment at having to recognize that the idealized object is unavailable or imperfect. And, in response to this experience, it will withdraw a part of the idealizing investment from the object and strengthen the corresponding internal structures. In short, if the ego learns first to accept the presence of the mobilized narcissistic structures, it will gradually integrate them into its own realm, and the analyst will witness the establishment of ego dominance and ego autonomy in the narcissistic sector of the personality.”

vezes, estas fantasias poderiam surgir em sonhos como o do Paciente J., que tinha sonhos em que era capaz de voar (Kohut, 1971).

Estas fantasias poderiam permanecer não integradas à realidade se o sujeito não recebesse uma frustração gradativa de suas fantasias. O caso do Sr. N. nos mostra a não integração destas fantasias em um paciente adulto. Sr. N., fisiologista e pesquisador, apresentaria uma fixação na necessidade de sucesso e reconhecimento que dificultavam a finalização de algumas atividades. Isto, porque correria o risco de não ser aclamado ou de seu feito receber um reconhecimento limitado. Em outros casos, as fantasias grandiosas podem impedir os pacientes de reconhecer “não saber”; assim, não pedem informações ou mentem que conhecem algo que não o sabem de fato (Kohut, 1971).

No caso A., anteriormente citado, também houve distúrbios no *self* grandioso, e Kohut (1971) aponta que em determinadas situações ele realizava uma hipercatexia do *self* grandioso como forma de lidar com a ausência e real desamparo que vivia da figura paterna. As fantasias grandiosas de A. estavam relacionadas a projetos de pesquisa grandiosos, e transações irreais na bolsa de valores, ainda, tivera sonhos em que manipulava pessoas.

Kohut (1971) também relaciona esta idealização do *self* com o fenômeno do preconceito seja ele racial, social, ou outros. O preconceito consistiria em atribuir ao grupo ao qual o sujeito pertence (social, racial) a perfeição e onipotência, e ao grupo externo é ligado à imperfeição.

2.4. A libido narcísica³⁸ vs. libido objetal

Podemos observar acima, como nesta “passagem” de um *self* arcaico para um *self* maduro se altera a relação com o objeto. Por um lado, no que diz respeito a um *self* arcaico, temos a relação do *self* com um objeto vinculado a si, o *self*objeto, e, no que diz respeito a um *self* mais fortalecido, a possibilidade de uma relação com este objeto considerando-o independente e autônomo – como objeto verdadeiro. Kohut (1971) ressalta que, porém, estas duas formas de relação do *self* com o objeto não são mutuamente exclusivas, ou seja, quando o *self* adquire uma configuração madura não deixa de vivenciar os objetos como parte de si. Ainda, nenhuma destas relações com o objeto é *melhor* do que a outra, ambas cumprem funções no psiquismo.

³⁸ Narcissistic libido.

Em um *self* arcaico, tais relações predominam, pois a percepção do *self* como absolutamente fusionado é necessária para a manutenção de sua coesão. Porém, à medida em que a este *self* é permitido fusionar com este outro e que, depois, gradativamente, vá percebendo as falhas deste outro e internalizando suas funções, ele deixa de *necessitar* estar amalgamado. Apesar disto, continuará a percebê-lo como fusionado em determinadas situações como, por exemplo, no estado de enamoramento, no processo criativo, entre outros.

A coexistência dessas duas formas de relação com o objeto ao longo da vida é explicada por Kohut (1971) como decorrente do fato de que existiriam diferentes libidos envolvidas nestas formas de perceber o objeto. Nas relações em que o objeto é tomado como separado do *self*, este é investido com libido objetal, e quando é assumido como fusionado, *self*objeto, está sendo investido com libido narcísica.

Esta posição de Kohut pode parecer confusa se temos como referência o que propunha o pai da psicanálise. Freud (1996e), considerava a existência de apenas uma libido em dois possíveis formatos quanto ao objeto – narcísica e objetal. Quando investida no próprio ego, como seria o caso do narcisismo secundário, a libido seria narcísica, e quando voltada para o mundo externo receberia o nome de libido objetal. Para ele, a diferença estaria nos objetos que essas formas de libido investiriam – a própria pessoa ou um objeto externo.

Heinz Kohut (1971) teve, pois, uma compreensão diferenciada de Freud. Para o primeiro, não existiria apenas *uma* libido como energia de investimento, mas haveria dois tipos de libido: a narcísica e a objetal. Estas duas energias libidinais seriam independentes uma da outra. Assim, o investimento, se narcísico ou objetal, não dependeria do objeto que estaria sendo investido, como proposto por Freud, mas de qual libido estaria envolvida neste investimento. Em outras palavras, estaria na experiência essencial do eu com o objeto.

A experiência do eu com o objeto, de que nos fala Kohut, diz respeito a como o eu o “percebe”, seja como sua extensão, seja como objeto independente. Objetos investidos com libido narcísica não são considerados pelo eu como objetos propriamente ditos; eles não são reconhecidos como independentes, autônomos, mas como parte pertencente ao eu, são os *self*objetos. Já os objetos catexizados com a libido objetal tem uma relação de autonomia com o eu e são investidos como objetos separados do eu.

Assim sendo, um mesmo alvo pode ser catexizado com qualquer das libidos, e a diferença estará na relação estabelecida com este objeto. Tanto um objeto externo, quanto o próprio sujeito podem ser catexizados pela libido objetal ou narcísica. Kohut (1971) nos dá o exemplo de casos em que o sujeito é investido de libido objetal, em que é tomado por objeto

independente, como nas automutilações e nas experiências de estranhamento vivenciadas pelos esquizofrênicos.

Um ponto a ser levantado é que se existem duas libidos, cada uma responsável por um tipo de relação com o objeto, o aumento ou diminuição de investimento em *self*objetos não influenciaria na disponibilidade de libido para o investimento objetal. Busquemos clarificar isso.

Freud (1996f) compreendia que uma mesma energia – libidinal – alimentava os dois investimentos e o investimento de objetos implicaria necessariamente na diminuição do investimento narcísico e vice-versa. O autor compara este modelo ao conceito de vasos comunicantes, um tubo em formato de “U” preenchido com um fluido, no qual quando um lado diminui o outro aumenta. Além do mais, Freud (1996f) entendia que investimento da libido nos objetos seria um sinal de maturidade. Com o amadurecimento, a libido deixaria, paulatinamente, de investir o “si” para investir no objeto.

Kohut (1972b) discorda destas duas ideias. Primeiramente, para ele os investimentos narcísicos e objetais são independentes, logo um não aumenta ou diminui a energia disponível para outro. Com relação ao amadurecimento estar relacionado ao investimento objetal, Kohut concorda que com a maturidade existam maiores condições de se perceber o objeto verdadeiro e, logo, investi-lo com libido objetal, mas de forma alguma coloca que a percepção de *self*objetos seja menos importante, imatura ou apenas presente nos primórdios do *self*; ou mesmo que seja *substituída* pela percepção dos objetos verdadeiros.

Chegamos aqui a outro ponto importante: a valorização do investimento objetal em detrimento do investimento narcísico. Kohut (1966) afirma que, desde Freud, se passou a conferir ao investimento objetal maior valor que ao investimento narcísico. Segundo o autor, um olhar negativo para o narcisismo seria justificado por este ser considerado mais primitivo e menos adaptativo do que o investimento dos objetos. Além do mais, existem fatores culturais que podem contribuir para tal. Segundo ele, na cultura ocidental predomina uma exaltação do altruísmo, o que se opõe ao investimento em si próprio.

Até mesmo no âmbito do tratamento clínico, Kohut (1966) pensa que se criou uma compreensão em favor do investimento de objetos. Para ele, o trabalho psicanalítico passou a se dar no sentido de diminuir o investimento narcísico, e favorecer/estimular/levar o paciente ao investimento no objeto. Tal forma de praticar a análise, segundo ele, deve-se a uma ideia de que o investimento objetal é, de alguma forma, melhor ou mais saudável que o investimento narcísico.

Kohut afirma que essa valorização não é teoricamente válida, pois o narcisismo não deve ser considerado patológico, mas necessário. O autor (Kohut, 1966) aponta as contribuições do narcisismo “para a saúde, adaptação, e conquistas” (p. 428)³⁹, e por esta razão o investimento narcísico não deve ser considerado inferior, ou menos válido, ou mais regredido que o investimento objetal. No que diz respeito à segunda fase – do *self* no sentido amplo – o autor continua a ter esta opinião, e é de lá que trazemos um trecho que retrata este ponto.

O adulto psicologicamente saudável continua a precisar de espelhamento do *self* pelos *self*-objetos (para ser exato: pelos aspectos de *self*-objeto em seus amores objetais), e ele continua a precisar de alvos para suas idealizações. Nenhuma implicação de imaturidade psicopatológica deve, portanto, ser derivada do fato de que outra pessoa seja usada como *self*-objeto – relações *self*-objeto ocorrem em todos os níveis de desenvolvimento, seja na saúde, seja na doença psicológica. (Kohut, 1977, p. 188)⁴⁰

Em um *self* arcaico, o investimento da libido narcísica está tanto no *self* como em *self*objetos. A libido investida no *self* é, neste momento, investida em fantasias arcaicas de onipotência - de grandiosidade e exibicionismo. A libido narcísica investida nos *self*objetos também o é em *self*objetos arcaicos e onipotentes. Com o fortalecimento do *self*, em uma conformação mais madura, esta libido fica investida em um *self* que já teve sua grandiosidade e exibicionismo domados e tem formas mais realistas; e também os investimentos em *self*objetos deixam de tomá-los como onipotentes e a fusão a eles torna-se menos necessária à subsistência. Relações de um *self*objeto em um *self* maduro seriam observadas, por exemplo, na paixão, na criatividade, entre outros.

2.5. *Self* saudável e *Self* patológico

Pelo exposto até agora, entendemos que o *self* maduro é oriundo da gradativa “desmistificação” deste *self* arcaico, quando adquire para si as funções do objeto que antes idealizava, e também da diminuição das fantasias a respeito do *self*, que se torna mais realista. Um *self* que lograsse tal desenvolvimento poderia ser considerado um *self* saudável. Contudo,

³⁹ “to health, adaptation, and achievement”.

⁴⁰ “The psychologically healthy adult continues to need the mirroring of the *self* by *self*-objects (to be exact: by the *self*-object aspects of his love objects), and he continues to need targets for his idealizations. No implication of immaturity of psychopathology must, therefore, be derived from the fact that another person is used as a *self*-object – *self*-object relations occur on all developmental levels and in psychological health as well as in psychological illness”.

este processo muitas vezes não acontece de forma harmoniosa, podendo gerar patologias. Vejamos agora a respeito dos resultados de uma constituição saudável ou não.

2.5.1. O *self* saudável

O processo de constituição saudável do *self* tem derivados importantes para Kohut. Quando a criança vivencia adequadamente tanto a fusão e o espelhamento, quanto é exposta a frustrações gradativas formam-se os ideais e as ambições.

Kohut (1966) afirma que estes dois termos, geralmente, são tomados como similares e, então, faz-se uma diferenciação. Para o autor, os ideais seriam nossos líderes internos. Estes seriam resultados da imago parental idealizada e da fusão. O *self* objeto idealizado é internalizado após frustrações ótimas e constitui as estruturas de controle e canalização do ego. Também forma o superego, que se torna uma fonte de liderança interna, que oferece um senso de direção e guia as atividades a serem desenvolvidas. Ainda, fornece uma admiração madura pelos outros e entusiasmo. Como produtos da idealização do *self* objeto, os ideais consistiriam na busca por tornar-se aquele outro idealizado - possivelmente aqui uma idealização menos primitiva, ou seja, com menor atribuição de onipotência ao outro. Assim, os ideais nos levariam a lutar por nos assemelharmos àquele outro admirado. (Kohut, 1970a; 1971).

Diferentemente, as ambições seriam produtos do *self* grandioso e do espelhamento, bem como o desejo da criança de ser olhada e admirada. A criança passa gradativamente a aceitar suas limitações e a abrir mão de suas fantasias grandiosas e exibicionistas e o *self* grandioso integra-se ao ego e faz com que as fantasias sejam substituídas por propósitos e objetivos. Desta forma, o indivíduo poderá experimentar satisfação com as atividades que desenvolve e os sucessos que logra, também uma autoestima positiva e autoconfiança. Em *A análise do self* (1971), Kohut afirma que as ambições seriam o sentimento de “direito de sucesso”, de ser um conquistador, estes derivados do absolutismo da psique infantil. Neste mesmo trabalho, entendemos que as ambições, mesmo que às vezes pouco “calibradas” com a realidade, é que levariam aos grandes feitos.

Para Kohut (1966), os ideais seriam experienciados como vindos “de cima”, enquanto as ambições viriam “de baixo”; e ainda que nossos ideais nos guiassem e as ambições nos impulsionariam. De acordo com o autor acima, nós amaríamos nossos ideais e viveríamos a ânsia de realizá-los quando ainda não logrados; já as ambições nos “empurrariam” e a não

realização delas nos causaria sentimentos desagradáveis, como o desapontamento e a vergonha, motivo pelo qual não nos seriam exatamente agradáveis.

2.5.2. O *self* patológico

O desenvolvimento do *self*, contudo, nem sempre segue até o estabelecimento de uma configuração madura, ou, mesmo quando segue, encontra no caminho percalços. Duas seriam as formas patológicas de estabelecimento do *self* pensadas nos trabalhos de Kohut nesta fase do *self*, no sentido restrito: a permanência/retorno às constituições arcaicas e a fragmentação.

O retorno ou a permanência nas constituições arcaicas seria a predominância daquelas configurações rudimentares da imago parental idealizada e do *self* grandioso. Quando, então, a criança tem uma mãe que não permite a fusão ou não realiza um espelhamento adequado - isto é, a criança não recebe da mãe um olhar de deleite e orgulho - esta criança não consegue desenvolver um *self* maduro. Nesta situação, a criança não recebe da mãe condições para o fortalecimento inicial e necessário do seu *self* arcaico, que permitiriam que ela desenvolvesse um *self* maduro, coeso, fortalecido e resistente à fragmentação (Kohut, 1971).

Por não receber tais condições e não poder passar para a etapa de um *self* mais realista e fortalecido, o indivíduo permaneceria fixado às configurações arcaicas do *self*, ou seja, ainda idealizando uma figura fusionada ao *self* – onipotente e poderosa - de quem ficaria sempre dependente e com quem precisaria fusionar-se para evitar sua fragmentação. Ainda, por falta de espelhamento, não seria capaz de desenvolver uma percepção acurada de suas capacidades e prosseguiria buscando pessoas que confirmassem suas capacidades, ou seja, buscando espelhamento.

Há que se dizer ainda que, segundo Kohut (1970a), as necessidades de fusão e espelhamento são intensificadas e distorcidas quando não sanadas em um primeiro momento do desenvolvimento; isto é, “a criança tornar-se-á insaciavelmente faminta por espelhamento, afirmação⁴¹ e elogio.” (p. 558)⁴². Estas necessidades intensificadas e distorcidas, por serem intoleráveis, são, então, reprimidas ou cindidas. Quando cindidas, estas necessidades arcaicas convivem lado a lado com partes mais sadias do indivíduo, podendo ser reativadas de tempos em tempos e levar o indivíduo a buscar satisfações nas adicções, em buscas desenfreadas por fundir-se à alguém – como no caso do Sr. A – entre outros. Já quando reprimidas, podem manifestar-se em uma falsa independência e frieza (Kohut, 1970a; 1971).

⁴¹ Segundo Siegel (1996), a afirmação seria a crença do outro nas capacidades da criança.

⁴² “the child becomes insatiably hungry for mirroring, affirmation, and praise.”

Além da regressão às formas arcaicas do *self*, existem também as fragmentações, que seriam retornos a vivência de um *self* fragmentado, em que partes corporais e funções mentais não estariam interligadas.

Ornstein (2011b) nos clarifica um pouco mais esta ideia de fragmentação comparando-a à coesão:

‘coesão’ significa a experiência de unidade e coerência do *self* no espaço e sua continuidade no tempo; ‘fragmentação’ refere-se a perda desta unidade e coerência e a experiência de funções mentais e corporais isoladas e individuais. (p. 100)⁴³

Kohut (1971) apresenta alguns exemplos de descrições usadas por pacientes nas experiências de fragmentação.

Sentia como se os lábios fossem “estranhos”, por exemplo; seu corpo tornara-se “alheio” à ele; seus pensamentos agora são “estranhos,” etc. – todos termos que expressam o fato de que mudanças regressivas ocorrem, em essência, fora da organização psíquica do paciente. De um ponto de vista do desenvolvimento, é possível, por isso, dizer que estes fragmentos são pré-psicológicos. (p. 30)⁴⁴

O paciente pode, além disso, muitas vezes, lembrar-se, e com gratidão entender, como ele tentava reavivar o sentimento de coesão do *self* por meio de uma variedade de estímulos auto aplicados: colocando o rosto contra o chão frio do porão; olhando no espelho para assegurar a si mesmo que estava ali e que era inteiro; cheirando uma variedade de substância e o seu próprio odor corporal; várias atividades orais e masturbatórias; e a (frequentemente grandiosa e perigosa) performance de proezas atléticas (pular de lugares altos, escalar telhados, etc.) em que fantasias de voar estavam sendo atuadas pela criança, para reafirmar-se da realidade de sua existência física na ausência do *self* objeto onipotente. (p. 99)⁴⁵

A suscetibilidade à fragmentação do *self*, segundo Kohut (1970a), dependerá da coesão deste *self*. Quanto mais coeso, menores são as possibilidades de fragmentação. O autor também afirma que distúrbios na consolidação de um *self* predisporiam a fragmentação desta

⁴³ “‘cohesion’ means the experiencing of the unity and coherence of the *self* in space and its continuity in time; ‘fragmentation’ refers to the loss of this unity and coherence and the experiencing instead, of single, isolated bodily and mental functions”.

⁴⁴ “His lips feel “strange,” for example; his body has become “foreign” to him; his thinking is now “odd,” etc.- all terms which are expressive of the fact that the regressive changes are, in essence, outside the patient’s psychological organization. From a developmental point of view one might, therefore, say that these fragments are prepsychological.”

⁴⁵ “The patient may furthermore often remember, and gratefully understand, how he tried to revive the feeling of a cohesive *self* by a variety of *self*-applied stimuli: putting the face against the cold floor in the basement; looking in the mirror to reassure himself that he is there and that he is whole; smelling a variety of substances, and smelling his own body odor; various oral and masturbatory activities; and the (often grandiose and dangerous) performance of various athletic feats (jumping from high places, climbing over rooftops, etc.) in which flying fantasies were being enacted by the child, in order to reassure himself about the reality of his physical existence in the absence of the omnipotent *self*-object.”

estrutura sob estresse, e que as Psicoses e Transtornos *Borderline* seriam exemplos de organizações em que o *self* estaria fragmentado.

Na esquizofrenia, por exemplo, a fragmentação do *self* pode ser observada nas preocupações hipocondríacas, decorrentes do investimento de partes corporais não unificadas, e algo análogo à hipocondria psicológica – como o medo de enlouquecer ou perder o intelecto – com resultado do investimento das funções mentais também não coesas. Ainda, a perda de coesão é que leva a preocupações sobre sentir-se irreal e não possuir um futuro seguro (Kohut, 1971).

Kohut (1972a) fala de acontecimentos e de etapas do desenvolvimento em que o *self* ficaria mais suscetível à fragmentação, por exemplo, o que Erik Erikson denominou “crise de identidade”⁴⁶ seria uma etapa do desenvolvimento em que o *self*, na realidade, estaria suscetível à fragmentação pelas pressões do crescimento. Além do mais, aponta que a mudança de culturas também poderia ser desencadeadora de fragmentação, caso o *self* não tenha estabelecido uma coesão consistente.

2.6. Transição entre “*self* no sentido restrito” e “*self* no sentido amplo”

Conforme já discutimos, Ornstein (2011b) apresenta três fases no desenvolvimento do conceito de *self* na obra de Kohut. As duas primeiras teriam em comum a concepção de um *self* no sentido restrito, isto é, como *conteúdo* do aparelho psíquico, e a terceira de um *self* no sentido amplo – definição que veremos melhor no próximo capítulo.

As duas primeiras fases, apesar de considerarem o *self* em um sentido restrito, diferem, e a diferença está em que na segunda fase começa a emergir uma outra definição de *self*. Kohut começa aí, segundo Ornstein (2011b), a contrastar duas formas diferentes de conceber o *self*.

A primeira forma seria aquela considerada até agora – de *self* como conteúdo do aparelho mental. Nesta, o *self* seria um conjunto de representações que estariam presentes tanto no ego, como no id e no superego, que poderiam ser conscientes, pré-conscientes ou

⁴⁶ Erikson entendia que cada fase possuía um conflito característico, e que a partir daí poderia se dar o progresso ou a regressão. A adaptação do psiquismo aos desafios que precisam ser integrados seria o progresso. No caso da adolescência, o conflito estaria na integração de uma identidade, por isto a crise desta fase seria uma “crise de identidade”. O jovem se depararia com mudanças fisiológicas, a necessidade de passar a desenvolver tarefas adultas, e construir papéis que o permitam condensar suas habilidades às ocupações. Tais questões levariam a um grande conflito de tentar integrar tudo isso e construir uma identidade. O trabalho seria de vincular o que lhe é próprio (suas habilidades e identificações logradas até então) às funções sociais (Matheus, 2007).

inconscientes e, além do mais, representações que poderiam ser contraditórias entre si. Ao final das contas, haveria uma parte mais coesa e constante – o *self* nuclear (Ornstein, 2011b).

A nova definição que Kohut começa a discutir, segundo Ornstein (2011b), é uma que coloca o *self* como centro da nossa existência. Segundo o próprio Kohut (1972a) “[o *self*] como o centro de nosso ser, de onde toda iniciativa advém e onde todas as experiências acabam” (p. 659)⁴⁷.

Kohut (1972a), nesse momento de sua teoria, ainda mantém a preferência por sua primeira definição de *self* - *self* como conteúdo do aparelho mental. Justifica tal escolha com dois argumentos. Primeiramente, ele acredita que a segunda definição, entender o *self* como único e central, destituiria o inconsciente de sua importância. Outro argumento, é que tomar o *self* como o centro de nossa existência não havia sido uma conclusão teórica oriunda de material psicanalítico, ou seja, da experiência introspectiva ou empática, mas de conclusões “distantes da experiência”.

Contudo, após alguns anos, o autor muda seu ponto de vista e passa a considerar o *self* como centro do funcionamento psíquico. O que leva Kohut a tal mudança? Ornstein (2011a) e Siegel (1996) apontam que esta modificação é bastante significativa, já que, como veremos, Kohut propõe ideias para o *self* que entram, aparentemente, em desacordo com as ideias da teoria dita clássica. Ornstein já havia chamado a atenção para o fato de que quando Kohut propõe a Psicologia do *Self*, que é decorrente da nova concepção que este tem do *self*, ele estaria tomando a coragem de propor algo novo e não mais encaixar seus pensamentos na teoria existente. Tanto Ornstein (2011a) quanto Siegel (1996) acreditam que as proposições mais ousadas de Kohut estiveram relacionadas ao suporte que ele recebeu do seu grupo das quartas-feiras e à doença que ele enfrentava.

Para compreendermos melhor esta segunda definição de *self* trazida por Kohut, trataremos a seguir do terceiro período da concepção de *self* – o *self* no sentido amplo.

⁴⁷ “[the *self*] as the center of our being from which all initiative springs and where all experiences end.”

3. O *SELF* NO SENTIDO AMPLO E SEUS DESDOBRAMENTOS

As primeiras tentativas de Kohut de explicar o *self* buscam vinculá-lo ao arcabouço teórico freudiano. Assim, segundo Ramos (2001), até 1975 Kohut entendeu o *self* à luz do que Hartmann propôs, isto é, como representações de si mesmo contidas no aparelho psíquico (id, ego e superego), tal qual uma representação de objeto. Ainda, vinculando o *self* a teoria libidinal, entendia que o *self* também seria investido e que os conflitos nas representações de si mesmo que estes pacientes apresentavam eram decorrentes de uma fragilidade de investimento libidinal nestas representações. Ou seja, pouco investimento no *self*, o que levaria a uma constituição vulnerável dele e a consequente experiência de baixa autoestima e a busca por aprovação.

Sobre este investimento libidinal no *self*, lembremo-nos que Kohut dizia que, à princípio, a libido estaria investida em partes corporais e funções mentais separadas – *self* fragmentado – e tal etapa seria equivalente ao que Freud chamou de autoerotismo. Posteriormente, estes fragmentos do *self* (partes corporais e funções mentais fragmentadas) unir-se-iam e passariam a ser tomados como parte de um todo – o *self* coeso. Aí então, a libido seria investida no conjunto, no todo, etapa esta que seria chamada de narcisismo – a libido investindo o *self* coeso (Kohut, 1975).

Contudo, Kohut acrescenta algo à teoria da libido para abarcar o *self*. O criador da Psicologia do *Self* “divide” a libido em narcísica e objetal – conforme visto no capítulo anterior – e propõe que a libido narcísica está estritamente vinculada ao *self*, não somente investindo-o, mas também investindo objetos que não seriam percebidos como separados do *self*.

Até este momento, o que Kohut propunha eram adaptações à teoria das pulsões para abarcar o *self*. Ele mantinha a constituição psíquica proposta pela psicanálise freudiana – de id, ego e superego – e considerava o *self* como um conteúdo das agências psíquicas, ou seja, o *self* consistia em representações ou imagos contidas no id, ego e superego. Esta concepção de *self* é entendida como o *self* em um sentido restrito, isto é, o *self* como conteúdo do aparelho psíquico, e é sustentada por Kohut até 1975.

Nesta primeira fase da concepção de *self*, pode-se considerar que um dos grandes feitos de Kohut foi trazer o *self* para dentro da teoria psicanalítica e teorizar sobre sua origem e o seu desenvolvimento. Contudo, Kohut ultrapassa estas suas ideias iniciais acerca do *self*. Posteriormente, a partir de 1975, oferece uma visão diferente deste e dos seus conflitos. Passa

a considerar o *self* como o centro do funcionamento psíquico e como uma estrutura ordenadora do psiquismo e independente das agências psíquicas.

Discutiremos a seguir alguns temas que visam o esclarecimento do conceito de *self* no sentido amplo tais como: o *self* com um desenvolvimento independente das pulsões, sua origem e formação, sua inter-relação com as pulsões e seus distúrbios. Também nos arriscaremos a debater sobre algumas mudanças que a proposição de um *self* como estrutura supraordenada trouxe para a compreensão do complexo de Édipo. Por fim, trataremos da distinção estabelecida por Kohut entre Homem Trágico e Homem Culpado, também produto desta nova compreensão de *self*.

3.1. O *self* no sentido amplo⁴⁸

Iniciemos com a discussão de temas que visam o esclarecimento do conceito de *self* no sentido amplo.

3.1.1. *Self*: um desenvolvimento independente

As ideias que dão início a discussão de uma nova concepção de *self* – *self* no sentido amplo – na obra de Kohut surgem no texto “Apontamentos sobre a formação do *self*” (1975). Neste, Kohut questiona-se sobre a sua proposta anterior de que a origem do *self* estaria na unificação da experiência de partes corporais e funções mentais e traz uma nova perspectiva: a de um *self* independente.

Como dito, na primeira fase de sua compreensão de *self* – *self* no sentido restrito – Kohut propôs que este se formaria a partir da união das partes do *self* fragmentado, ou seja, das partes corporais e funções mentais separadas. Uma das razões apontadas por Kohut (1975) para acreditar que o *self* formar-se-ia da coalescência de partes fragmentadas seria oriunda da experiência clínica. Alguns pacientes adultos que vivenciariam um estado regressivo de fragmentação do *self* passavam a experienciar a coesão do *self* quando recebiam uma interpretação correta da transferência. Kohut pensava que se isto acontecia na análise, algo semelhante poderia acontecer no desenvolvimento do *self*. Assim, o *self* consistia, primeiramente, em representações de partes mentais e funções corporais em separado e,

⁴⁸*self* in the broad sense.

depois, com o espelhamento do *self* objeto, estas partes passariam a ser percebidas como unidas e constituidoras de um *self* coeso.

Em seu artigo “Apontamentos sobre a formação do *self*” (1975), porém, Kohut começa a questionar sua primeira ideia de coalescência de partes na formação do *self*. O autor aponta que haveria poucas evidências para pensar-se em um *self* oriundo da junção destas partes e muda de opinião quanto à origem do *self*. Para ele, faria mais sentido pensar que, na verdade, estas partes e funções mentais separadas pertenceriam a outro âmbito do desenvolvimento psíquico que não o do *self* e que o *self* teria um desenvolvimento independente destes elementos fragmentados.

Vejamos um pouco de cada uma destas linhas de desenvolvimento, das partes e funções mentais e do *self*.

(1) Sobre as partes corporais e funções mentais, Kohut (1975) afirma que estas pertencem à linha de desenvolvimento das pulsões e que isto foi bastante elaborado por Freud quando ele falou de zonas erógenas – oral, anal, fálica e genital – e da busca pelo prazer por meio delas. Segundo Kohut (1975), para Freud, estas partes e funções são, à princípio, individualmente investidas e tal etapa seria denominada autoerotismo. Posteriormente, as partes corporais passam a ser reconhecidas como inter-relacionadas espacialmente e as funções percebidas como atuando de forma cooperativa. Quando percebidas de forma coordenada e unitária e investidas como um conjunto, já estão em outra etapa – a do narcisismo.

Assim, as partes e funções mentais separadas formariam, ao longo de seu desenvolvimento, um conjunto que, contudo, não seria o *self* como Kohut pensava anteriormente. Segundo Kohut (1975), esta unificação das partes e funções mentais desenvolver-se-ia em separado do *self*, mas em determinado momento relacionam-se a experiência do *self* coeso, tornando-se parte dele.

O que levaria as partes e funções a tornarem-se um todo? Isto é, o que levaria à passagem do autoerotismo para o narcisismo?

Freud, segundo Simanke (1994), argumenta que a diferença entre o autoerotismo e o narcisismo estaria em que neste último haveria uma "imagem de si", um todo que unificaria a pulsão, que passaria agora a poder ser investida no todo e não mais seria parcial – “a *síntese* da pluralidade das pulsões parciais em uma unidade” (p. 128). Essa imagem unificada seria, para Freud, o ego. Logo, entre o autoerotismo e o narcisismo, estaria o nascimento do ego.

Ora, se consideramos tal colocação à luz da definição de *self* trazida por Kohut, isto é, uma imagem unificada de si, não seria esta "unidade", na verdade, o *self*? É possível que sim, já que Freud utilizava o termo "ego" para referir-se tanto à pessoa como um todo e também para a parte organizada do psiquismo. Logo, é possível que quando Freud usou o termo "ego" para falar daquilo que estaria entre o autoerotismo e o narcisismo, estaria usando esta palavra com o sentido que é posteriormente atribuída a *self*.

Um trecho em Kohut (1970b) mostra que ele acredita que o *self* seria o todo que permitiria a unificação das funções e partes corporais - “ele [o lactente] gradualmente adquire um sentimento de unidade total, ou seja, ele adquire uma consciência do fato de que as funções individuais e partes do corpo pertencem a um todo maior, seu *self* total, o que é agora também, como uma unidade, catexizado com libido narcísica” (p. 586)⁴⁹

Cabe ressaltar que, apesar da percepção das partes e funções como unidas, o prazer oriundo do investimento delas individualmente ainda existirá. Na verdade, este prazer é experienciado de forma aumentada por causa da segurança de haver uma totalidade.

(2) A respeito do *self*, Kohut (1975) dizia, então, que este não se originaria da junção de partes, mas que, desde sua origem, já se apresentaria como uma totalidade mesmo que embrionária. Isto nos leva a crer que ele deixava de considerar a existência de um *self* fragmentado precursor de um *self* coeso/unitário – veremos posteriormente que o autor, porém, continuava a falar de uma fragmentação do *self*.

Ainda, Kohut (1975) afirma que o *self* se formaria de forma independente das pulsões, do ego, id e superego; ele não seria regulado pelas regras do princípio do prazer, nem seria um conteúdo de uma instância psíquica ou mesmo uma instância psíquica. A formação e o desenvolvimento do *self* estariam “Além do princípio do prazer”. O autor usa um título de uma obra de Freud para referir-se ao *self*, porém não atribuía o mesmo significado de Freud. O pai da psicanálise usava “Além do princípio do prazer” para falar da compulsão à repetição e à pulsão de morte, que funcionariam em um processo anterior ao princípio do prazer. O que Kohut quer dizer com esta expressão é que o *self* funcionaria de forma independente das pulsões. O autor brinca, ainda, com outro título de uma obra de Freud quando afirma que o que está além do princípio do prazer é “o *self* e suas vicissitudes”. Sobre o processo de formação do *self* trataremos logo mais abaixo.

⁴⁹ “he gradually acquires a sense of over-all unity, i.e., he acquires an awareness of the fact that the single functions and body parts belong to a greater whole, his total *self*, which is now also, as a unit, catexed with narcissistic libido.”

Ao atribuir ao *self* e às pulsões linhas de desenvolvimento independentes Kohut nos faz levantar duas questões. Primeiramente, qual a relação entre as pulsões e o *self*, além desta possibilidade de o *self* existir como um unificador delas? Depois, como se origina e se desenvolve o *self*? Vejamos, primeiramente, um pouco mais sobre como o autor concebe, nesta fase, a formação do *self*.

3.1.2. Origem e desenvolvimento do *self*: o *self* bipolar

Trataremos neste tópico a respeito da compreensão de Kohut, nesta nova fase do *self* no sentido amplo, sobre como se origina e se desenvolve o *self*. Vimos que na fase anterior o *self* existia, inicialmente, em uma forma fragmentada - partes corporais e funções mentais - evoluiria para uma conformação arcaica e coesa e, finalmente, alcançaria uma organização madura. Contudo, na fase do *self* no sentido amplo, o *self* não seria mais vivenciado de uma forma fragmentada, mas seria coeso desde o princípio. Assim, cabem algumas questões como: qual seria a origem deste *self*, se não mais as partes e funções? O recém-nascido já apresentaria um *self* ou ele formar-se-ia depois? Ainda, como se desenvolveria o *self*, haveria distinção entre uma forma rudimentar e outra madura?

O neonato e o self

Quando Kohut afirma, já nos trabalhos da fase do *self* no sentido amplo, que o *self* é, desde sua origem, coeso, não implica necessariamente em dizer que este esteja também presente desde o nascimento. Sobre o *self* estar ou não presente no neonato, Kohut não traz, à princípio, uma posição definitiva.

Por um lado, em *A restauração do self* (1977), Kohut afirma que existiriam estados psicológicos em que o *self* não estaria presente ou estaria organizado apenas de forma rudimentar e que isto aconteceria em casos patológicos e no início da infância. Neste mesmo trabalho, porém, Kohut mostra-se incerto sobre o *self* estar ou não presente desde o nascimento. O autor, contudo, afirma que o ambiente lida com o neonato como se ele já possuísse *self*, e que isto poderia, caso não houvesse um *self* desde o princípio, levar à origem do *self* rudimentar. Em outras palavras, caso não houvesse *self* algum, a origem do *self*

rudimentar poderia estar no encontro com o *self*objeto, mais precisamente quando houvesse uma convergência entre as potencialidades inatas do bebê e as expectativas do *self*objeto.

Embora neste momento Kohut ainda não tenha uma posição resolvida sobre a existência ou não de um *self* desde o princípio, há a compreensão clara de que se há um *self* no neonato, este tem conformações rudimentares. Kohut não propõe explicações sobre o que exatamente seria tal organização rudimentar do *self*, mas nos parece que o autor utiliza este termo de forma análoga a *self* arcaico. Assim, partiremos do princípio que o *self* rudimentar equivaleria ao *self* arcaico.

Em “Os transtornos do *self* e seus tratamentos” (1978d), contudo, Kohut declara que “Estritamente falando, o neonato ainda não tem *self*.” (p. 366)⁵⁰. Apesar de parecer conclusiva sobre a não existência de um *self* desde o princípio, tal afirmação pode ser interpretada de duas formas. Ou Kohut utiliza-se do termo “*self*” para referir-se ao *self* em sua forma supraordenada, consolidada e por isto afirma que, “estritamente falando”, o *self* não estaria presente desde o princípio, isto porque, conforme veremos, o *self* passa por um processo de consolidação; ou o autor utiliza-se do termo *self* para referir-se a qualquer forma de *self*, inclusive, um *self* rudimentar e aí afirmaria que, de fato, não haveria *self* algum.

Tomando como referência outras colocações do livro *A restauração do self* (1977), interpretaremos a colocação anterior de Kohut da segunda forma proposta: que mesmo a forma mais rudimentar do *self* ainda não estaria presente desde o nascimento. Isto porque Kohut nos fala neste livro do processo de consolidação do *self* – do *self* propriamente dito – mas também de um processo de “aquisição” inicial de componentes do *self*, que entendemos ser um processo de formação de um *self* rudimentar. Consideremos estes dois processos de aquisição inicial e consolidação.

Consolidação do self

Antes de discutirmos sobre o processo de aquisição inicial do *self*, isto é, sua origem, é importante tratarmos sobre o processo de consolidação deste. Para Kohut, o *self* sofre um processo de desenvolvimento até consolidar-se e lograr uma posição supraordenada no psiquismo. Em *A restauração do self* (1977), o autor afirma que, em sua forma consolidada, o *self* seria composto de: um núcleo e um elemento executivo (as habilidades e talentos adquiridos).

⁵⁰ “strictly speaking, the neonate is still without a *self*.”

O núcleo do *self*, ou *self* nuclear, combinaria um núcleo de ambições e outro de idealizações que seriam frutos, respectivamente, das respostas parentais ao *self* grandioso e à imago parental idealizada. Na fase anterior, do *self* no sentido restrito, Kohut já propunha que a formação do *self* seria decorrente destas duas formas da criança lidar com a quebra do narcisismo primário: a idealização de uma figura parental onipotente – imago parental idealizada – e a fantasia de grandiosidade e onipotência do próprio *self* – *self* grandioso (Kohut, 1977).

Lembre-mos do capítulo anterior em que nos reportamos à afirmação do autor (Kohut, 1971) de que o *self* grandioso é a atribuição de onipotência e perfeição ao próprio *self* e isso como forma de lidar com a perda do estado de perfeição narcísica primária. À princípio é necessário que isso seja alimentado pelo *self*objeto e, depois, que a criança seja levada, gradativamente, a desmistificar este *self* e, no lugar da onipotência, estabeleçam-se ambições. Para que isto aconteça, faz-se necessária a função de *espelhamento* do *self*objeto.

Quanto à imago parental idealizada, trata-se também de um artifício do psiquismo para lidar com a perda do estado de perfeição narcísica, mas aí pela atribuição de onipotência e perfeição ao *self*objeto – o qual experiencia como parte de si. Inicialmente o *self*objeto idealizado precisa permitir esta idealização e também a fusão da criança consigo. Depois, precisa permitir que seja gradativamente desmistificada esta perfeição e onipotência atribuída a ele para que, assim, a criança possa tanto internalizar as funções desempenhadas pelo *self*objeto como estabelecer ideais. A função do *self*objeto neste caso é permitir a *fusão*.

Kohut já argumentava na fase do *self* no sentido restrito que com a adequada resposta parental – resposta empática de espelhamento e fusão – à idealização e à onipotência do *self*, a criança teria a possibilidade de desenvolver um *self* que apresentaria ambições, no lugar de uma grandiosidade e exibicionismo arcaicos, e ideais, que seriam os derivados maduros e saudáveis de uma idealização do *self*objeto. Na fase que discutimos no presente capítulo, o *self* no sentido amplo, Kohut (1977) acrescenta que os ideais e as ambições formariam o *self nuclear*.

De acordo com Kohut (1977), as ambições e os ideais formariam, cada um, um *polo*. Estes dois polos criariam entre si um *arco de tensão* – como que uma energia propulsora que emergiria da tensão dos polos. Da tensão existente entre os dois polos do *self* desenvolve-se o elemento *executivo do self*: as habilidades e os talentos. O elemento executivo é que realiza as ambições e ideais dos dois polos. É por esta forma de configuração do *self* que Kohut atribuiu a denominação *self bipolar*.

Ramos (2001) apresenta uma ilustração bastante esclarecedora sobre esta proposição de Kohut na Figura 1.

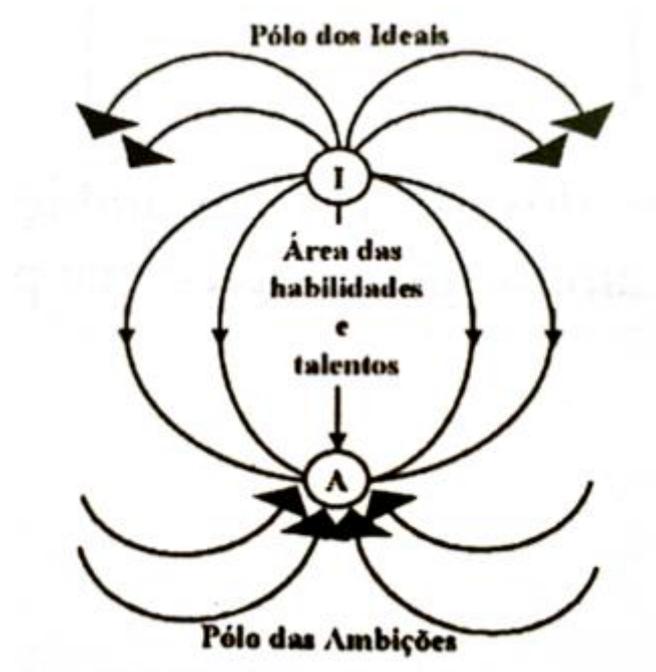


Figura 1 - Ilustração esquemática do *self* bipolar

Apesar de que seriam três os constituintes do *self* – núcleo grandioso e exibicionista (pólo das ambições), núcleo da imago parental idealizada (pólo dos ideais) e os talentos e habilidades (elemento executivo), a consolidação do *self* não depende da presença de cada um dos núcleos. Kohut (1977) propõe que um *self* consolidado seria aquele que teria estabelecido o arco de tensão entre os núcleos das ambições e dos ideais e que, em decorrência, houvesse formado o elemento executivo.

Ora, não seria o arco de tensão formado pelos dois pólos? Como poderia, então, não ser necessária a presença de cada um deles para que o *self* se consolide?

Segundo Kohut (1977), caso houvesse falha na constituição de um dos pólos, o outro poderia remediar esta falha e ainda assim estabelecer o arco de tensão. Assim, a criança teria duas chances de consolidar o seu *self* e estas duas chances estariam ligadas ao estabelecimento seja do polo exibicionista e grandioso do *self*, seja do polo da imago parental idealizada. Cada um destes constituintes poderia remediar a falha do outro e assim manter a coesão do *self*.

Normalmente, o estabelecimento do núcleo exibicionista e grandioso tem como *selfobjeto* a mãe, enquanto o núcleo da imago parental idealizada toma o pai como *selfobjeto*. Assim, se um destes *selfobjetos* falha e, em decorrência, falha o pólo a ele relacionado, o outro *selfobjeto* "remenda" a constituição do *self*. Por exemplo, Kohut (1977) traz que como é a mãe quem freqüentemente desempenha a função de espelhamento, relacionada ao *self* grandioso e exibicionista, na falha dela a tentativa de compensação seria idealizar o pai e, desta forma, assegurar a formação do polo dos ideais. Cabe ressaltar que esta determinação a respeito de um genitor específico que cumpre uma função no estabelecimento dos núcleos do *self* não é, contudo, uma regra. Tanto o *selfobjeto* materno como o paterno podem exercer cada uma das funções - espelhamento ou idealização - ou a mesma pessoa pode ser o *selfobjeto* na formação de ambos os núcleos.

O resultado esperado de todo este processo é um *self* coeso e consolidado que é o que faz o indivíduo experienciar a sensação de continuidade, de unidade do corpo e mente e de invariabilidade ao longo do tempo. Além do mais, este *self* se estabeleceria como um centro de iniciativa que buscaria, ao longo da vida, a realização dos ideais e ambições que o constituem. Se estes forem satisfeitos, experienciaríamos a satisfação, caso contrário, a depressão (Kohut, 1977).

O caso do Sr. M., apresentado por Kohut (1981a) é ilustrativo desta tentativa dupla de estabelecer o *self*. O Sr. M., um escritor de um pouco mais de trinta anos, busca terapia após o fim de seu casamento de seis anos e descreve problemas na autoestima e profundo senso de vazio que o fazia sentir-se "meio-vivo". Ainda, aponta perturbações envolvendo sua capacidade de produzir, isto é, escrever; ele se queixa de bloqueios na escrita, o que dificulta desenvolver atividades profissionais.

M. era filho adotivo e permanecera no orfanato até os três meses de idade e, por esta razão, Kohut (1981a) acredita que houvera uma falha empática de sua mãe biológica. Posteriormente, M. relata ter sentido rejeição também de sua mãe adotiva. Talvez por questões ligadas a própria adoção, a mãe adotiva não conseguira estabelecer uma conexão com o filho, apesar de esforçar-se para manter um sorriso amistoso. O pai, por sua vez, não mostra muito entusiasmo com o filho, e após a morte da mãe adotiva mostra ainda menos interesse.

Assim, temos que, para Kohut (1981a), a mãe do paciente falhara no espelhamento e prejudicara o aspecto grandioso e exibicionista de seu narcisismo. M. teria, então, se voltado para o pai na tentativa de estabelecer uma compensação para a falha na responsividade materna. O paciente buscara idealizar e copiar habilidades do pai – principalmente as

habilidades deste como escritor. Contudo, o pai falhou assim como a mãe, já que não teve satisfação em ser idealizado pelo filho e logo não alimentou os anseios deste. O distúrbio do *self* deste paciente seria decorrente de uma dupla falha na tentativa de estabelecer o arco de tensões – falham tanto o espelhamento como a idealização.

O processo de desenvolvimento do *self* acima mencionado não é divergente daquele proposto por Kohut na fase do *self* restrito, mas traz acréscimos. As colocações sobre os dois polos, das ambições e dos ideais, é semelhante à da fase anterior, apesar de que naquele momento o *self* não recebia a nomenclatura “bipolar”. Por outro lado, são novidades da fase do *self* no sentido amplo as ideias de formação de um arco de tensão e da possibilidade de um polo compensar a falha de desenvolvimento do outro e ainda assim culminar em um *self* saudável.

Origem do self

Kohut (1977) propõe que o processo de consolidação do *self* ocorre entre o segundo e sexto ano de vida. O núcleo das ambições ocorre na primeira infância (por volta do segundo, terceiro e quarto ano), e dá-se com a função de espelhamento realizada pelo *self*objeto materno; por outro lado, o núcleo dos ideais seria consolidado por volta do quarto, quinto e sexto ano e seria produto de uma fusão adequada com o *self*objeto paterno idealizado.

Apesar de que esta consolidação do *self* aconteça mais tarde na criança, em *A restauração do self* (1977), Kohut traz informações que indicam que os constituintes do *self* já iniciam seu processo de formação desde muito cedo – “traços tanto das ambições como dos objetivos idealizados começam a ser adquiridos lado a lado na primeira infância” (p. 179)⁵¹. Podemos concluir que este processo que acontece desde cedo seria a constituição dos rudimentos do *self*, ou seja, seria a construção de uma primeira estrutura para ser chamada de *self*, ainda que rudimentar.

A formação destes constituintes iniciais ou rudimentos do *self* seria, geralmente, realizada na interação com o *self*objeto materno – diferentemente daquela do processo de consolidação que seria realizada pelos *self*objetos de ambos os sexos. O *self*objeto materno teria, à princípio, a incumbência de propiciar a fusão da criança com ele e também responder com aceitação incondicional e confirmação a grandiosidade e ao exibicionismo do *self* -

⁵¹ “traces of both ambitions and idealized goals are beginning to be acquired side by side in early infancy”.

Os constituintes iniciais do *self* são, normalmente, predominantemente derivados da relação com o *selfobjeto* materno (a aceitação de espelhamento materno confirma o núcleo grandioso; seu colo e carinho permitem a experiência de fusão com a onipotência idealizada do *selfobjeto*), enquanto os constituintes adquiridos depois estão relacionados com as figuras parentais de ambos os sexos. (Kohut, 1977, p. 179)⁵²

Vejamos um pouco do trabalho de fusão que seria realizado pelo *selfobjeto* materno.

De acordo com Kohut (1977), o recém-nascido precisa de respostas empáticas de seu ambiente para sua sobrevivência psíquica assim como precisa de oxigênio para sobreviver fisicamente; o adulto cuidador, maduro, deveria ter condições de remediar o desequilíbrio vivenciado pela criança através de dois “processos”. Primeiramente, o adulto (experenciado como *selfobjeto*) incluiria a criança em sua própria organização psíquica. Com esta experiência de fusão, ou seja, com a “permissão” do *selfobjeto* para que a criança una-se a ele, ela passa a vivenciar os estados emocionais do *selfobjeto*, que seriam transmitidos pelo toque, a voz, etc. A ansiedade excessiva e generalizada que estaria sendo experienciada pela criança devido ao desequilíbrio narcísico é contida pela sua participação (fusão) no psiquismo organizado do *selfobjeto*. Ela passa, então, de um estado de pânico e vivência de desintegração, para um estado de calma e ausência de ansiedade. Em seguida, após permitir a fusão e a concomitante experiência de apaziguamento dos afetos desagradáveis, o *selfobjeto* propiciaria a satisfação da necessidade da criança voltando-se para alimentar, trocar, aquecer, a criança⁵³.

Vejamos agora a respeito da relação entre o *self* e as pulsões.

3.1.3. *Self* e pulsões: inter-relações

Outra questão que levantamos para discussão, diz respeito à relação entre o *self* e as pulsões, já que Kohut (1975; 1977) propõe que se desenvolvam de forma independente. Neste âmbito, focaremos em dois pontos: a experiência pulsional como anterior a existência do *self* e a tomada do *self* como uma estrutura supraordenada.

Vejamos o primeiro ponto.

⁵² “The earlier constituents of the *self* are usually predominately derived from the relation with the maternal *self*-object (the mother’s mirroring acceptance confirms nuclear grandiosity; her holding and carrying allows merger-experiences with the *self*-object’s idealized omnipotence), whereas the constituents acquired later may relate to parental figures of either sex.”

⁵³ Ocorre de, na primeira etapa, o *selfobjeto* por vezes não mostrar uma resposta empática, o que impossibilitaria que a criança venha a construir uma estrutura interna para dar conta da ansiedade. Ainda, o *selfobjeto* pode ter uma reação hipocondríaca, e ao fusionar com a criança produzir o aumento da ansiedade – o pânico (Kohut, 1977).

Discutimos que o *self* e as pulsões possuem linhas de desenvolvimento separadas, e também que o *self* não é uma estrutura inata, mas construída na relação com o *self*objeto. Além disto, as pulsões, segundo Kohut (1975), já estariam em “atividade” antes da formação do *self*. Estas pulsões, seriam aquelas não integradas, ou seja, experienciadas através das partes do corpo e funções mentais individuais.

Não há estrutura psicológica supraordenada (isto é, um *self*) presente neste estágio [autoerótico] (ou, de qualquer modo, apenas uma muito rudimentar), e a criança sente com intenso prazer cada parte corporal propriamente estimulada, cada área da pele e membranas mucosas propriamente estimuladas, cada impressão sensorial propriamente modulada, bem como cada movimento individual de cada um de seus membros e órgãos, especialmente quando se evoca resposta adequada do *self*objeto. Todas estas experiências, como disse, são intensas e prazerosas (“sexualidade infantil”). (Kohut, 1975, p. 754)⁵⁴

Neste momento, bastante inicial do desenvolvimento psíquico, o psiquismo seria, então, regido pelas pulsões, pela experiência de prazer e desprazer experimentada pelas partes corporais e mentais vivenciadas em separado, como não pertencentes à um todo. Podemos comparar o funcionamento das pulsões neste momento ao que Freud chamava de pulsões parciais.

Em um segundo momento, com a formação e consolidação do *self*, essas pulsões passam a ser integradas à uma unidade – o *self*. Segundo Kohut (1975), as experiências de prazer em partes corporais e funções mentais continuam a existir, mas como parte do *self*. Esta incorporação das partes ao *self*, contudo, só é possível quando o *self* de fato consegue estabelecer-se como estrutura bipolar.

Sobre o segundo ponto, a tomada do *self* como estrutura supraordenada, além de propor que o *self* desenvolver-se-ia de forma independente das pulsões e que as pulsões antecederiam a existência e um *self*, Kohut ainda afirma que o *self* seria uma estrutura supraordenada. Ou seja, que depois de formado e fortalecido funcionaria acima das partes e funções individuais – “quando o *self* é finalmente bem estabelecido, ele toma sua posição, como uma estrutura supraordenada, sobre a experiência de um mundo de partes e funções

⁵⁴ “There is no superordinated psychological structure (i.e., no *self*) present at this stage [autoerotic] (or, at any rate, only a very rudimentary one), and the child senses with intense pleasure each properly stimulated body part, each properly stimulated area of his skin and mucous membranes, each properly modulated sensory impression, as well as each individual motion of each of his limbs and organs, especially when it evokes the *self*object’s adequate response. All these experiences, as I said, are intense and pleasurable (“infantile sexuality”).”

individuais. Este último mundo de experiências, porém, continua a existir” (Kohut, 1975, p. 756-757)⁵⁵.

Isto quer dizer que quando o *self* é fortalecido e bem constituído, ou seja, se dá uma formação adequada deste *self*, é ele quem direcionaria o funcionamento psíquico deste indivíduo. Este indivíduo voltar-se-ia para a busca pela auto realização, levado pelos seus ideais e ambições. Assim, de acordo com Kohut, é o *self* e não as pulsões, que ditam as regras quando este é bem constituído.

O predomínio das pulsões sexuais isoladas (ou parciais), enquanto fixações, se daria apenas quando o *self* não conseguisse se estabelecer, ou quando passasse por períodos de fragmentação ou enfraquecimento (o que veremos logo abaixo). Quando isto ocorre, por não constituir um *self* maduro que tomaria uma posição central no psiquismo e levaria a busca pela auto realização, este sujeito retornaria a uma busca de satisfação pulsional – que regeria o psiquismo na ausência de um *self* fortalecido.

Vejamos um pouco melhor este mecanismo.

Kohut (1977) afirma que “se uma mãe aceita orgulhosamente o presente fecal – ou se ela o rejeita ou não está interessada nele – ela não está respondendo apenas a uma pulsão. Ela está respondendo também ao *self* da criança que está se formando” (p. 75)⁵⁶.

Ainda, o autor acredita que se o *self*objeto é empático às demandas pulsionais, o *self* caminha para a integração. Agora, se o *self*objeto apresenta falhas nas respostas à criança, ou seja, não é empático às suas demandas, inclusive as demandas pulsionais, ocorre falha na integração do *self*. Como consequência, a demanda pulsional que é apresentada ao *self*objeto, por não receber resposta adequada, acaba por tornar-se alvo de fixação (Kohut, 1977).

Em outras palavras, se o *self*objeto é empático, permite a integração do *self* e as pulsões (parciais) acabam por ficar submetidas a este, funcionando de forma harmônica. Caso o *self*objeto não apresente respostas empáticas, o *self* ficaria enfraquecido e com risco de fragmentar-se e, assim, por não conseguir constituir-se como supremo, prevaleceria a pulsão – fixada naquelas etapas evolutivas em que se deu a falha empática do *self*objeto (oral, anal, fálica). Desta forma, ao invés de constituir-se um *self* fortalecido que busca a auto realização, este *self*, enfraquecido e correndo o risco de fragmentar-se, se volta para os prazeres dos fragmentos corporais – as zonas erógenas.

⁵⁵ “When the *self* is finally well established, it takes its position, as a superordinated structure, above the experiential world of single parts and functions. This latter world of experiences, however, continues to exist.”

⁵⁶ “If a mother accepts a fecal gift proudly – or if she rejects it or is uninterested in it – she is not only responding to a drive. She is also responding to the child’s forming *self*.”

A fixação anal está presente, mas esta se torna significativa apenas com base na reconstrução genética que, enquanto criança, sentindo que o *self* estava desmoronando e/ou vazio, tentou obter um, prazer tranquilizador através da estimulação de um fragmento de seu corpo-*self*. (Kohut, 1977, p. 76)⁵⁷

Assim, quando não adequadamente formado o *self*, o indivíduo remeter-se-ia às pulsões isoladas como forma de buscar o preenchimento de sua autoestima. Desta forma, as pulsões acabariam por ser sobrecarregadas com a busca pelo preenchimento daquilo que o *self* não bem estruturado deixa de oferecer ao indivíduo.

Kohut (1977) acredita que fixações nas pulsões não são o centro de uma psicopatologia, mas sim decorrentes de um *self* defeituoso. Seria o *self* não estabelecido de forma coesa que, em uma manifestação patológica, busca prazer nas zonas erógenas como defesa contra a fragmentação.

A ênfase tradicional nos elementos pulsionais-psicológicos da ação entre a mãe e a criança – no exemplo presente: no período anal – não é uma explicação satisfatória para o fato de que a criança fixou-se na analidade e de que o subsequente estabelecimento de defesas contra a expressão de uma analidade não dissimulada tornou-se o ponto de partida para o desenvolvimento de estruturas psíquicas que se manifestam através da atitude caracterológica de avareza. Nós de fato, acredito, chegaremos a uma explicação mais satisfatória, se, além das pulsões, nós considerarmos o *self* do período anal, um *self* durante um estágio inicial de consolidação. Se uma mãe aceita orgulhosamente o presente fecal – ou se ela o rejeita ou não está interessada nele – ela não está respondendo apenas a uma pulsão. Ela está respondendo também ao *self* da criança que está se formando. (Kohut, 1977, p. 75)

Justamente por isso, diz o autor, a criança

experiencia a rejubilante e exultante atitude dos pais ou a falta de interesse dos pais, não apenas como a aceitação ou a rejeição de uma pulsão, mas também – este aspecto da interação entre os pais e a criança é, com frequência, decisivo – como a aceitação ou rejeição de seu provisoriamente estabelecido, porém ainda vulnerável *self* criativo, produtivo e ativo. Se a mãe rejeita este *self* neste momento em que começa a afirmar-se como um centro de iniciativa criativa e produtiva [...] [isso] leva a criança a preocupações produtoras de fragmentação com suas fezes [...] então o *self* da criança será empobrecido e abandonará suas tentativas de obter

⁵⁷“The anal fixation is present, but it becomes fully meaningful only on the basis of the genetic reconstruction that, as a child, feeling that his *self* was crumbling and/or empty, he had tried to obtain reassuring pleasure from the stimulation of a fragment of his body-*self*”.

as satisfações da auto confiança e irá, na tentativa de reafirmar-se, voltar-se para os prazeres que puder obter dos fragmentos do seu corpo-*self*. (Kohut, 1977, pp. 75-76)⁵⁸

Vejamos algumas vinhetas clínicas para ilustrar a relação entre o *self* e as pulsões.

O Paciente A., de quem falamos no capítulo anterior e que é novamente apresentado por Kohut em seu livro “A restauração do *self*”, seria um exemplo da emergência das pulsões frente às falhas do *self*. Retomemos que A. teria falhas graves da idealização parental e, em decorrência da traumática exposição, o paciente recorreu a masturbação de forma compulsiva como forma de dar conta da falha estrutural que se estabelecera. O Sr. M., de forma semelhante, buscava lidar com seu sentimento de vazio e depressão, decorrentes de seu *self* fragmentado, com fantasias sexuais sádicas e de dominação com mulheres (Kohut, 1977).

O paciente I., outro com falhas constitutivas do *self*, possuía um comportamento promíscuo declarado. Este paciente apresentava problemas mais graves na tentativa de estabelecer seu *self*. Enquanto o Sr. M. tivera um pai que, apesar de pouco empático, ainda lhe garantira alguma idealização, o Sr. I. teve *self*objetos que falharam completamente. O pai de I. era autocentrado e competia com o próprio filho, tirando-lhe a atenção necessária e era incapaz de ter orgulho do desenvolvimento do filho. O Sr. I desenvolveu um comportamento “don juanesco” para com as mulheres e registrava em uma espécie de catálogo suas conquistas amorosas (Kohut, 1977).

Kohut (1977) apresenta um argumento que poderia ser levantado contrariamente à sua teorização de que falhas no *self* levariam a supremacia das pulsões. O autor propõe que pode ser argumentado que mesmo crianças que receberam respostas aparentemente empáticas de seus *self*objetos e que obtiveram uma gratificação de seus desejos ao longo de seu desenvolvimento podem apresentar fixações nas pulsões. Kohut propõe que se deve pensar

⁵⁸ “The traditional emphasis on the drive-psychological elements of the interplay of mother and child - in the present example: during the anal period - is not a satisfactory explanation for the fact that the child had become anally fixated and that the subsequent establishment of defenses against the expression of undisguised anality had become the starting point of the development of psychological structures which then manifested themselves as the characterological attitude of penuriousness. We do indeed, I believe, reach a more satisfactory explanation if, in addition to the drives, we consider the *self* of the anal period, a *self* during an early stage of its consolidation. If a mother accepts the fecal gift proudly – or if she rejects it or is interested in it – she is not only responding to a drive. She is also responding to the child’s forming *self*. (...) The child therefore experiences the joyful, prideful parental attitude or the parent’s lack of interest, not only as the acceptance or rejection of a drive, but also – this aspect of the interaction of parent and child is often the decisive one – as the acceptance or rejection of his tentatively established, yet still vulnerable creative-productive-active *self*. If the mother rejects this *self* just as it begins to assert itself as a center of creative-productive initiative (...) leads her to a fragmentation-producing preoccupation with his feces (...) then the child’s *self* will be depleted and he will abandon the attempt to obtain the joys of *self*-assertion and will, for reassurance, turn to the pleasures he can derive from the fragments of his body-*self*”.

que não é apenas a resposta empática que constitui o *self*, mas também uma gradativa frustração – a frustração ótima – que permite que o *self* desenvolva suas estruturas psíquicas, caso contrário ficaria dependente do *self* objeto eternamente.

O autor afirma que, devido a não frustração gradativa e apropriada das pulsões, o ego manter-se-ia imaturo e não conseguiria desenvolver a capacidade de controle, modulação e sublimação das pulsões. Assim, os cuidados maternos deveriam, também, ser limitados para não culminar em um *self* enfraquecido e com risco de fragmentação. Em resumo, nem o excesso, nem a falta de cuidados empáticos levam a formação de um *self* fortalecido.

Em relação ao que foi discutido aqui sobre o segundo ponto, ou seja, a tomada do *self* como uma estrutura supraordenada, podemos resumir que quando a constituição do *self* – em suas duas chances de se constituir como bipolar – é falha, o sujeito busca por meio da satisfação pulsional (parcial) manter a integridade e preencher o vazio.

Não podemos deixar de mencionar que nos casos em que o *self* se apresenta maduramente constituído, as partes corporais e funções mentais são incorporadas ao *self* e aí as experiências de prazer também existem. Essas experiências de prazer, porém, não são mais de forma desvinculada e isolada, mas seriam consideradas formas saudáveis de se lograr a satisfação pulsional (Kohut, 1977).

Sobre a inter-relação entre o *self* e as pulsões, podemos concluir que Kohut acredita que quando o *self* fosse formado de maneira coesa, ele seria experienciado como supraordenado, ou seja, com uma posição superior no psiquismo; que um sujeito com um *self* consolidado buscaria ao longo da vida a satisfação dos ideais e ambições e estaria apto a experienciar os desejos pulsionais; e que a experiência das pulsões parciais é anterior à conformação do *self* e, portanto, caso o *self* não se consolide, o psiquismo organizar-se-ia em função destas experiências pulsionais primitivas.

3.1.4. Os distúrbios do *self*

Em *A restauração do self* (1977), Kohut mantém a ideia da fase anterior, de que o processo de formação do *self* nem sempre se dá de forma harmoniosa e, por isto, ele pode não alcançar a coesão desejável, mas acrescenta agora que se o *self* não se estabelece de forma coesa, não toma o lugar de uma estrutura supraordenada. Também de forma semelhante ao período anterior, o autor supõe que as falhas no processo de formação acontecem porque os *self* objetos podem não responder de forma empática e deixam de ofertar condições de espelhamento ou fusão adequadas para a formação do *self* nuclear.

As patologias do self a partir das respostas dos selfobjetos

Em “Os transtornos do *self* e seus tratamentos”, Kohut (1978d) apresenta, desta vez de forma mais ampla e mais organizada do que anteriormente, algumas respostas dos *self*objetos que acarretariam em falhas na constituição desta estrutura por serem não apropriadas às necessidades explicitadas pelo *self*, logo, não empáticas.

Uma das mais primitivas falhas seria quando o *self*objeto materno não oferece a oportunidade de que a criança fusione-se a si e experiencie a sua calma e, como consequência, limite sua ansiedade e a transforme de uma ansiedade exagerada em uma ansiedade sinal. De tal modo, esta criança não desenvolveria condições de acalmar-se, ou seja, não iria adquirir estruturas reguladoras de tensão e viveria no trauma decorrente do espelhamento, isto é, da falta de um olhar de deleite e orgulho da mãe. Em consequência de não conseguir acalmar-se, tal *self* enxergaria o mundo (que oferta estímulos) como inimigo, e perigoso. Este seria um *self* excessivamente estimulado (Kohut, 1977; 1978d).

No caso em questão, parece-nos que sendo uma falha empática bastante primitiva, influenciaria na formação dos rudimentos do *self*. A criança não teria recebido condições de fusionar-se com o *self*objeto para experimentar a calma, o que é algo que deve acontecer no início da infância e por isto não conseguiria nem mesmo estabelecer as bases para uma posterior consolidação do *self*. Como consequência, ficaria continuamente ameaçada pela vivência dos excessos emocionais e dependente de *self*objetos para realizar a contenção.

Kohut (1981a) relata um sonho do Sr. U que ilustra a vivência de um sujeito cuja ansiedade não passou por esta transformação e, por isso, experienciar a sensação de desintegração. No sonho do Sr. U, ele relata estar em um túnel de gelo, frio e áspero e repentinamente é puxado para fora do túnel e vai para um lugar onde existem várias pessoas ocupadas, trabalhando e que parecem irrealis, que não poderia aproximar-se. Eram pessoas frias, intocáveis, com as quais a comunicação não era possível e às quais não poderia pedir ajuda – estava sozinho. U. chama este lugar de “mundo de aço inoxidável”. Durante o sonho e também após acordar, U. experienciar uma ansiedade intensa. Kohut (1981), supõe que este sonho representaria a perda do *self*objeto e que a ansiedade seria de desintegração – esta em decorrência de uma vivência de um mundo sem o “oxigênio psicológico” (a relação como *self*objeto). Cabe ressaltar aqui que a maneira com que U. lidava, antes da terapia, com a internalização desta falta de suporte do *self*objeto materno era através de um fetiche; este tinha a função de cobrir uma ansiedade de desintegração violenta.

Outra situação é a de um *self*objeto que não oferece estimulação suficiente. Neste caso, predomina um sentimento de vazio e apatia que o indivíduo busca evitar por meio da estimulação excessiva e forçada - masturbação compulsiva, esportes radicais, atividades sexuais promíscuas, drogadicção, hipersocialização. Se tais atividades defensivas são retiradas, o indivíduo vivencia a depressão vazia (Kohut, 1978d).

O Sr. M. poderia ser um exemplo dessa situação. Suas mães biológica e adotiva o rejeitaram e M. percebia na expressão da segunda a indiferença, que ela tentava disfarçar. Como decorrência, M. experienciava o vazio e para lidar com esta sensação buscava ora negar a falha, ora atuar ou fantasiar atividades sexuais sádicas e de controle das mulheres (Kohut, 1977).

Há casos também em que o *self*objeto oferece respostas ao *self*, porém, são respostas não integradoras. O produto desse tipo de relação é um *self* cujos polos do *self* nuclear se estabelecem de uma forma fragilizada, de modo que ele fica suscetível de ruir frente ao mínimo sinal de abalo. O sujeito experiencia retornos a um estado de fragmentação na forma de uma preocupação com as funções e partes corporais individuais. Uma manifestação comum seria a hipocondria (Kohut, 1978d).

Por fim, existem os casos em que o *self* é superestimulado. Para compreendermos os danos deste tipo de resposta do *self*objeto, precisamos lembrar que o recebimento de respostas empáticas do *self*objeto é somente parte do processo de constituição do *self*. Apesar de que, inicialmente, é necessária esta completa sintonia e pronta resposta entre a criança e o *self*objeto, não é saudável que isto se mantenha por todo sempre. Há a necessidade de que, paulatinamente, o *self*objeto exponha a criança a frustrações – frustrações ótimas – e assim dê condições para que a criança internalize as funções do *self* objeto e desenvolva uma estrutura interna para lidar ela mesma com seus desejos, necessidades e, também, com a ansiedade (Kohut, 1977).

Essa colocação faz-se necessária, pois os distúrbios do *self* não são causados apenas pela ausência de respostas empáticas do *self*objeto, mas também pela ausência de frustração, que não dá lugar ao desenvolvimento de estruturas próprias ao *self*. É o que acontece no caso do *self* superestimulado. Neste, haveria pais que responderiam à criança, mas de forma exagerada. Este *self* é aquele em que um *self*objeto oferece respostas exageradas tanto no polo grandioso e exibicionista quanto no polo de idealização. No polo grandioso e exibicionista, por exemplo, temos pais que não oferecem um espelhamento adequado e assim não permitem que a criança tenha condições de desenvolver um *self* realista – com capacidades e limitações

– mas mantenha-se fixada em um *self* arcaico. Esta criança vivencia a ansiedade e a tensão de porque suas ambições não foram “domadas” e reduzidas (Kohut, 1978d).

A experiência da criança seria a de possuir um “monstro”, com ambições irreais e indomáveis, gerador de ansiedade e que, pelo excesso, impossibilitaria a canalização produtiva, ou seja, a busca de ambições realísticas e saudáveis. Os pais desta criança não teriam passado de uma etapa de confirmação incondicional da grandiosidade e do exibicionismo para outra de confirmação seletiva destas.

Pais que oferecem respostas excessivas no polo das idealizações provocariam consequências diversas. Neste caso, permitir-se-iam ser idealizados pela criança, porém, não quebrariam tal idealização no momento adequado – o que faria com que esta criança internalizasse as funções do *self*objeto. Estes pais prolongariam a admiração da criança por eles e sustentariam a necessidade desta estar fusionada com eles (Kohut, 1977).

Neste caso haveria um distúrbio do *self* em que se constituiria um *self* que não evoluiria para um estado maduro, mas manter-se-ia fixado em uma formação arcaica. Seria, possivelmente, o que Kohut denominava de *Transtornos de Personalidade Narcísica*. Em que haveria um *self*, mas não muito bem formado e capaz de lograr realização através dos ideais e ambições.

O paciente X., analisado por Kohut (1977), pode ilustrar este tipo de relação com o *self*objeto. O Sr. X teve uma mãe que o idealizava e o estimulava com fantasias de grandiosidade e que depreciava a figura paterna. Assim, estabeleceu-se uma relação de fusão que não se desfez. A mãe, inclusive, alimentava a fusão através de histórias bíblicas em que comparava a relação dela com o filho, àquela entre a Virgem Maria e o menino Jesus. Em decorrência, o menino desenvolveu uma identificação com o próprio Jesus Cristo. Aos 22 anos de idade, buscou terapia após não ser aprovado em uma seleção para uma empresa que trabalha com ações humanitárias (ajudar os menos afortunados e sofredores). O desejo de juntar-se a tal organização estaria relacionado a sua identificação com o Salvador. X. mostrava comportamentos arrogantes e um senso de superioridade, mas ao mesmo tempo um profundo vazio e solidão e a ausência de objetivos próprios – seguia aqueles ambicionados pela mãe. Entende-se que, neste caso, o *self*objeto materno não oferecera condições para “domar” o aspecto grandioso e exibicionista de seu narcisismo, mas, pelo contrário, o estimulava a fantasias grandiosas, e por esta razão seu *self* desenvolvera-se com falhas.

Os danos ao self

As respostas do *self*objeto poderiam acarretar, como vimos, diferentes danos ao *self* – desde distúrbios mais severos como outros menos graves. Em “Apontamentos sobre a formação do *self*” (1975), Kohut propõe que

Além da fragmentação, existem várias *regressões do self* e de seus dois constituintes principais (o *self* grandioso e a imago parental idealizada) até formas mais arcaicas, mas ainda assim coesas; e ainda há, sobretudo, o simples *enfraquecimento* do *self* ainda coerente em forma de uma queda na autoestima. [grifos nossos] (p. 739)⁵⁹

Em “Os transtornos do *self* e seus tratamentos” (1978d), Kohut afirma que o *self* pode variar em coerência, vitalidade e harmonia e que a falha para lograr tais qualidades, ou mesmo a perda delas, caracterizaria um distúrbio do *self*.

O *self* adulto pode existir em estados de diferentes graus de coerência, da coesão à *fragmentação*; em estados de diferentes graus de vitalidade, do vigor ao *enfraquecimento*; em estados de diferentes graus de harmonia funcional, da ordem ao *caos*. [grifos nossos](p.362)⁶⁰

Assim, a fragmentação, o enfraquecimento, o caos funcional, e a regressão poderiam ser considerados distúrbios do *self*. Destes, porém, encontramos nos trabalhos de Kohut definições apenas para a fragmentação e o enfraquecimento.

Quanto à fragmentação, Kohut (1978d) afirma que seria a perda do senso de continuidade do *self* no tempo e de sua coesão espacial. Esta última seria a experiência de que “várias partes corporais começam a não mais ser mantidas juntas por uma forte, saudável consciência de totalidade do corpo *self*” (p. 372)⁶¹; já a continuidade espacial seria a “perda do sentimento de ser contínuo no eixo temporal e então elaborado na forma de preocupações sobre ser irreal e sem um futuro certo” (Kohut, 1979b, p. 458)⁶².

Na fase anterior, Kohut apresentava a fragmentação como o retorno à experiência de *self* como partes corporais e funções mentais separadas, mas como o autor deixa de considerar

⁵⁹ “Apart from fragmentation, there are various regressions of the *self* and its two major constituents (the grandiose *self* and the idealized parent imago) to more archaic yet still cohesive forms; and there is, above all, the simple enfeeblement of the still coherent *self* in the form of a drop in *self*-esteem (experienced as empty depression)”.

⁶⁰ “The adult *self* may thus exist in states of varying degrees of coherence, from cohesion to fragmentation; in states of varying degrees of vitality, from vigor to enfeeblement; in states of varying degrees of functional harmony, from order to chaos”.

⁶¹ “that various body parts are beginning not to be held together anymore by a strong, healthy awareness of the totality of the body *self*”.

⁶² “loss of feeling himself continuous along the time axis and then elaborated by him in the form of worries about being unreal and of lacking a reliable future”.

tal etapa do *self* para considerá-lo como uma totalidade desde o princípio, surge então a questão: o que seria a fragmentação a partir desta nova concepção da formação do *self*?

Se o *self* já é coeso desde a origem, a fragmentação não poderia ser, como no período do *self* no sentido restrito, um retorno à forma de funcionamento anterior a formação e consolidação do *self*. Talvez a fragmentação poderia ser não um retorno à uma etapa anterior, mas a simples perda da coesão do *self*.

Com a perda da coesão do *self* haveria um retorno à um estágio de partes fragmentadas que antecede o *self* coeso. Contudo, Kohut (1975) não crê que este estágio de partes fragmentadas seria um *self fragmentado* – como propunha na fase anterior de sua obra – mas, antes, que tais experiências de partes estão sob o domínio das pulsões, ou seja, pertencem a outra vertente de desenvolvimento.

A respeito do enfraquecimento do *self*, por sua vez, encontramos poucas referências. Trata-se de um “desapontamento letárgico” (Kohut, 1977, p. 259)⁶³, ou de uma “depressão vazia” (Kohut, 1975, p. 738)⁶⁴. O *self* enfraquecido seria constituído, porém, de uma forma fragilizada.

Estruturas compensatórias e defensivas

Após trazermos algumas formas de respostas não empáticas do *self*objeto e alguns distúrbios do *self* causados por estas, cabe dizer que, nesta fase da obra de Kohut, o autor propõe que as respostas não empáticas dos *self*objetos somente levarão à um distúrbio quando não houver a possibilidade de compensação (Kohut, 1977). Antes, na fase do *self* no sentido restrito, o autor não falava sobre esta possibilidade de compensação.

Vimos anteriormente que o *self* possui uma constituição bipolar, contando, portanto, com dois polos, um de ideais e outro de ambições; e que a não constituição de um *self* saudável é resultado de falhas em ambos os polos, e não apenas em um deles. A falha em ambos os polos impede o estabelecimento do polo de tensões, o que estaria no cerne das desordens do *self*.

Uma grande variedade de constelações genéticas pode interferir com o desenvolvimento de um *self* coeso e vigoroso na infância [...] todas elas parecem ter em comum o fato de que a criança foi privada de ambas as chances na sequência de eventos do desenvolvimento: ou o *self*-objeto idealizado falhou com a criança depois que o espelhamento falhou ou o *self*-objeto

⁶³ “disappointed lethargy”

⁶⁴ “empty depression”

do espelhamento falhou novamente quando a criança tentou retornar a ele para um suporte reparador depois da destruição de um *self* delimitado por uma falha traumática do *self*-objeto idealizado. (Kohut, 1977, p. 190)⁶⁵

As estruturas compensatórias, segundo Kohut (1977), visam compensar um defeito primário, ou seja, a falha no estabelecimento de um dos polos, buscando fortalecer um lado para equilibrar outro defeituoso. Quando há um defeito em um dos polos do *self*, o polo das ambições, por exemplo, haveria uma compensação com o fortalecimento do outro polo, neste caso, dos ideais. É muito frequente que as estruturas compensatórias contrabalancem falhas na área de exibicionismo e grandiosidade com fortalecimento do polo formado pela imago parental idealizada, porém, o oposto também é possível. Estas estruturas compensatórias seriam uma tentativa de constituir um *self* coeso apesar de existir uma falha em um dos polos.

Tomemos o caso do Sr. M., por exemplo. Este sofreu com a irreponsividade materna e buscou uma forma de compensar a falha primária idealizando a figura paterna – um habilidoso escritor. Apesar de que houve também uma falha na compensação, existia nesta idealização a possibilidade de este paciente ter estruturado o seu *self*. A tentativa compensatória de M. não fora de toda falha, ele lograra alguma capacidade de escrita e mesmo tornara-se um escritor, contudo, os bloqueios e dificuldades na profissão dão também indícios de que houve sim uma certa falha no processo de compensação (Kohut, 1977).

Pensemos na possibilidade de compensação das respostas dos *self*objetos anteriormente citadas. Ao que nos parece, estas respostas poderiam ser divididas entre aquelas bastante primitivas e outras nem tanto. As bastante primitivas implicariam na impossibilidade da formação mesmo dos rudimentos do *self*, enquanto as demais ainda possibilitariam a formação de um *self*, apesar de bastante fragilizado.

Acreditamos que as respostas de estimulação excessiva do *self* e aquelas de ausência de estimulação parecem ser falhas bastante primitivas, que dificultam/impedem a formação dos rudimentos do *self*. A primeira uma falha na oferta da fusão inicial com o *self*objeto materno que cria bases para os primórdios de um *self*, sem esta base, um *self* não poderia constituir-se; e a segunda seria a ausência de respostas dos *self*objetos, logo não há possibilidade de reparação se não há a presença de um *self*objeto materno minimamente empático. Já as respostas não integradoras ou aquelas que não permitem a frustração teriam

⁶⁵ “A wide variety of genetic constellations can interfere with the development of a firmly cohesive and vigorous *self* in the child (...) they all seem to have in common the fact that the child had been deprived of both chances in the developmental sequence of events: either the idealized *self*-object failed the child after the mirroring one had failed or the mirroring *self*-object failed again when the child attempted to return to it for remedial sustenance after the destruction of a tentatively delimited *self* by the traumatic failure of the idealized *self*-object”.

um caráter diferenciado por haver um *self*objeto respondendo à criança, apesar de ainda não ser uma resposta empática ou que permita o desenvolvimento de estruturas próprias da criança. Nestas, o infante tem, pelo menos, um *self* rudimentar estabelecido.

As falhas empáticas mais primitivas, nos parece, ficariam impossibilitadas de compensação, já que, como diz Kohut (1977), estas seriam realizadas predominantemente pelo *self*objeto materno

os constituintes iniciais do *self* são, costumeiramente, predominantemente derivados da relação com o *self*objeto materno (a aceitação de espelhamento materno confirma o núcleo grandioso; seu colo e carinho permitem a experiência de fusão com a onipotência idealizada do *self*objeto). (p. 179)⁶⁶

Já as falhas de respostas que implicariam na fragilização do *self*, poderiam ser compensadas, pois havendo o estabelecimento do *self* rudimentar com o *self*objeto materno, a consolidação deste *self* poderia se dar recorrendo-se a outro *self*objeto que poderia compensar a má constituição de um polo do *self* pelo fortalecimento de outro polo – “(...) os constituintes adquiridos depois estão relacionados com as figuras parentais de ambos os sexos” (Kohut, 1977, p. 179)⁶⁷.

Quando, porém, não houvesse a possibilidade de compensação ou esta falhasse, o psiquismo buscaria outras formas de lidar com os defeitos primários do *self* para evitar a fragmentação. Faria uso de estruturas defensivas. Estas estruturas têm a função de acobertar os defeitos primários do *self*, logo não teriam o mesmo caráter que as compensatórias; isto é, não colaborariam para o estabelecimento dos polos que formariam o *self*, mas apenas para encobrir, tamponar as falhas (Kohut, 1977).

Para exemplificar, um *self* que apresente um defeito primário na área do exibicionismo e grandiosidade, decorrentes de falhas de responsividade dos *self*objetos, poderá apresentar estruturas defensivas em que manifestaria excesso de entusiasmo, uma hipervitalidade. Tais respostas seriam uma forma de esconder uma baixa autoestima, depressão, solidão e sentimentos de morte psíquica (Kohut, 1977).

O Sr. M., por exemplo, desenvolveu estruturas defensivas para compensar as falhas no âmbito da grandiosidade e do exibicionismo. Segundo (1977), a defesa de M. foi do tipo

⁶⁶“the earlier constituents of the *self* are usually predominatly derived from the relation with the maternal *self*-object (the mother’s mirroring acceptance confirms nuclear grandiosity; her holding and carrying allows merger-experiences with the *self*-object’s idealized omnipotence)”.

⁶⁷“(...)the constituents acquired later may relate to parental figures of either sex.”

“tudo ou nada”, ou ele suprimia o seu exibicionismo ou este explodia através de um excesso de atividades, entre outros que mais abaixo mencionaremos.

Silvernstein (1999) afirma que as estruturas defensivas não seriam reparadoras e apresentar-se-iam apenas quando as estruturas compensatórias não tivessem dado conta do trabalho, ou seja, frente à falha do investimento em outro polo. O *self* exposto ao seu defeito primário usaria das estruturas defensivas como maneira de protegê-lo quando as compensações falhassem. Enquanto as estruturas compensatórias manteriam a coesão e bom funcionamento do *self*, as defensivas limitariam o desenvolvimento do *self* – apesar de ser a melhor opção possível, frente à falha da outra estrutura, para evitar a fragmentação.

Se levarmos em conta as diferentes falhas responsivas do *self*objeto, pensamos que, possivelmente, as estruturas defensivas poderiam agir nas falhas mais primitivas em que não pode haver possibilidade de compensação – nos casos do *self* superestimulado ou subestimulado. Ainda, também poderiam surgir estruturas defensivas nas respostas não empáticas um pouco mais tardias ou quando a tentativa de compensação falhasse.

O *self* saudável, segundo Kohut (1981c), seria aquele em que predominam as estruturas primárias ou compensatórias. Em outras palavras, o *self* saudável seria ou aquele que foi adequadamente construído na relação empática com os *self*objetos de acordo com as demandas por espelhamento e idealização da criança, isto é, em que não houve falhas em nenhum dos polos; ou aquele *self* construído a partir da tentativa de se lograr o equilíbrio após uma falha em algum dos polos – espelhamento ou idealização – com o fortalecimento do polo oposto àquele em que se deu a falha. Em um *self* saudável existiriam, também, estruturas defensivas, mas estas seriam mínimas. A presença de muitas estruturas defensivas seria indicativo para a patologia.

Segundo Kohut (1977; 1978d), as organizações psíquicas que não possuem um *self* saudável seriam, entre outras, as psicoses, as organizações *borderline* e os transtornos narcísicos de personalidade. No caso das psicoses, a falha estaria ou em uma fragmentação permanente⁶⁸ ou no enfraquecimento também permanente do *self* e esta falha estaria exposta, isto é, nem coberta por estruturas defensivas nem compensada pelo fortalecimento de outro polo. Kohut (1977) considera que um *self* não teria se formado nestes casos e não descarta que nestas situações a não estruturação de um *self* nuclear possa ter relação com fatores biológicos além das falhas empáticas do *self* objeto.

⁶⁸ Falamos de permanente, pois Kohut (1978c) afirma que as fragmentações e enfraquecimentos do *self* podem ser temporários.

Já nos casos de organizações *borderline*, estruturas esquizoides, e estruturas paranoides também haveria fragmentação ou enfraquecimento permanente ou, no mínimo, prolongado. Os defeitos primários, contudo, diferentemente das psicoses, não estariam expostos, mas estariam encobertos por estruturas secundárias, mais precisamente de estruturas defensivas, ao invés de compensações. A particularidade das estruturas esquizoides e paranoides é que as defesas dizem respeito ao distanciamento, frieza emocional, superficialidade emocional ou hostilidade para com os outros. Ou seja, evitar o outro e o envolvimento emocional com este como forma de defesa (Kohut, 1977; 1978d).

Nas desordens narcísicas, por sua vez, a fragmentação ou enfraquecimento não seriam permanentes, mas temporários. Nestas, um *self* se estabeleceria, mas de forma precária, e/ou as vivências de fragmentação seriam temporárias (Kohut, 1977; 1978d).

Retomando a discussão sobre estruturas compensatórias e defensivas, surge uma questão, discutimos anteriormente que ante a falha do estabelecimento do *self*, as pulsões parciais emergiriam. Poderiam, então, as pulsões não integradas serem usadas como estruturas defensivas? Ou entrariam quando as estruturas defensivas falhassem? No primeiro caso, diríamos que quando se dão as falhas primárias e não se estabelece uma compensação, as estruturas defensivas que entram em ação e as pulsões seriam uma forma de estrutura defensiva. Neste caso, a experiência de satisfação pulsional parcial seria uma *defesa frente a ameaça de fragmentação*. A outra possibilidade seria que quando se apresentam defeitos primários e nem as estruturas compensatórias nem as estruturas defensivas dão conta de remediar a situação, afim de constituir um *self* coeso e consolidado, o psiquismo recorre à busca de satisfação pulsional parcial. Neste caso, *a busca pela satisfação pulsional seria a fragmentação em si*.

Encontramos em Kohut (1977) a seguinte afirmação:

Não é fácil descrever o uso quase aditivo das zonas erógenas do corpo – com ou sem a presença de fantasias que se tornam os pontos de cristalização para uma posterior psicopatologia, por exemplo, perversões adultas – pela criança deprimida que busca neutralizar a experiência de fragmentação ou enfraquecimento do *self*. (p. 74)⁶⁹

⁶⁹ “It is not easy to describe the quasi-addictive use made of his body's erogenic zones-with or without the aid of accompanying fantasies which become the crystallization points for later psychopathology, for example, adult perversions- by the depressed child who attempts to counteract the experience of the fragmentation or enfeeblement of the *self*.”

Portanto, nos parece que o uso das pulsões não seria a fragmentação em si, mas uma tentativa de conter não apenas a fragmentação, mas também o enfraquecimento do *self*. Restaria a dúvida ainda de se o fato de se recorrer às pulsões é uma forma de defesa.

Quando Kohut (1977) apresenta o caso do Paciente M., que fora rejeitado pela mãe biológica e adotiva, ele dá exemplo de que recorrer às pulsões seria uma forma de defesa. M. desenvolve um mecanismo “tudo ou nada” de ora suprimir as necessidades exibicionistas, ora manifestá-las por meio do excesso de atividades. Neste último extremo também havia manifestações de sexualidade. M. tinha fantasias sexuais selvagens de cunho sádico, de controle sob mulheres, que, inclusive, eram levadas ao ato.

Para finalizar, compreendemos que para Kohut os distúrbios do *self* são oriundos da relação com o *self*objeto, mais precisamente, das falhas empáticas do *self*objeto levariam a problemas na configuração do *self* como estrutura bipolar. Ainda, levantamos que estas falhas levam a diferentes distúrbios – enfraquecimento, fragmentação, etc. – porém, isso ocorre somente quando não houver a possibilidade de compensação. Frente à impossibilidade de compensação, estabelece-se uma tentativa última, porém limitante ao psiquismo, de evitar danos mais graves por meio de estruturas defensivas. Dentre as prováveis estruturas defensivas, estaria a pulsão parcial.

3.2. Desdobramentos do *self* supraordenado

Aventuremo-nos agora a debater alguns desdobramentos desta proposição de um *self* como estrutura supraordenada. Trataremos aqui de uma nova concepção do complexo de Édipo, da distinção estabelecida por Kohut entre Homem Trágico e Homem Culpado e do tratamento psicanalítico.

3.2.1. Complexo de Édipo e o *self* supraordenado

Observamos ao longo de nosso trajeto pela sua obra que Kohut coloca as pulsões em um plano diferenciado daquele que elas ocupam na psicanálise freudiana. Para Kohut (1977; 1981a), quando integradas ao *self*, as pulsões logram satisfação de forma não conflituosa, mas quando existem falhas na constituição do *self*, o indivíduo vivencia a fragmentação delas, que passam a ser experimentadas de forma parcial.

Assim como as pulsões, o complexo de Édipo foi entendido por Kohut de forma diferente da proposta por Freud. O autor enxergou o Édipo de forma semelhante às pulsões

orais e anais, ou seja, com um enfoque no *self* e na relação *self*objeto como desencadeadores ou não de um sexual patológico. Veremos abaixo as diferenças entre as teorias acerca do Édipo em Kohut e em Freud, os fatores envolvidos no Édipo saudável e no patológico, a universalidade do complexo de Édipo e a relação entre Édipo e neurose.

Édipo em Kohut: saúde x patologia, e universalidade

Segundo Kohut (1977), a psicanálise freudiana entendia o Édipo como uma etapa inerente ao desenvolvimento da criança e de caráter conflituoso.

Após uma série importante de fases iniciais, a criança entra em uma etapa psicológica em que, a partir de fatores psicológicos intrínsecos (como a maturação das pulsões), ela é inexoravelmente levada a uma situação psicológica – desejo sexual pelo genitor de sexo oposto, e um desejo rival assassino em direção ao genitor de mesmo sexo – que a confronta com conflitos que não consegue resolver a partir de escolhas conscientes e decisões através de ações externas, mas às quais responde com adaptações autoplásticas massivas. (p. 226)⁷⁰

Segundo o autor, na teoria clássica, entendia-se que nesta fase se instalaria um conflito entre as pulsões e as defesas que levariam a formação de soluções de compromisso, ou seja, os sintomas neuróticos (histerias, fobias e obsessões).

Kohut (1980) concorda com Freud que as vivências de desejo sexual pelo genitor do sexo oposto e a rivalidade para com o genitor do mesmo sexo seriam experiências que emergiriam em certa idade; Kohut acreditava que isto seria uma parte normal do desenvolvimento e chamou a esta etapa de **Fase Edípica**. Contudo, diferentemente da psicanálise freudiana, ele acredita que o Édipo não necessariamente incitaria a ansiedade de castração, a culpa, nem seria impreterivelmente patogênico. Segundo Kohut (1977; 1981a), a fase edípica poderia enredar-se por diferentes caminhos. Quando as vias fossem patológicas, ter-se-ia o **Complexo de Édipo** propriamente dito, ou seja, a manifestação da sexualidade e da agressividade e a experiência da ansiedade de castração; enquanto que uma passagem relativamente tranquila por esta fase foi denominada **Estágio Edípico**.

⁷⁰ “After important series of preliminary steps, the child enters a psychological stage in which, on the basis of intrinsic psychological factors (such as drive maturation), it is inexorably drawn into a psychological situation – sexual desire for the heterogenital parent, rivalrous murderous wished toward the homogenital parent – that confronts it with conflicts which it cannot solve on the basis of conscious choice and decisions through external action, but to which it responds by massive autoplactic adaptations.”.

Se para a Psicologia do *Self* o Édipo seria uma fase em que determinadas pulsões aflorariam sem um caráter patogênico, o que levaria o Édipo à patologia? E quais os fatores que permitiriam uma fase sem maiores complicações?

Quanto ao Édipo dito saudável, existem, a nosso ver, dois pontos a serem considerados na teoria kohutiana. Um deles seria a respeito da chegada deste sujeito à fase do Édipo, isto é, como estaria a constituição de seu *self*. Segundo Kohut (1977), “se uma criança entra na fase edípica com um *self* firme, coeso e contínuo, ele irá então experienciar desejos assertivos-possessivos, afetivo-sexuais pelo genitor de sexo oposto e sentimentos assertivos, autoconfiantes, competitivos pelo genitor do mesmo sexo” (p. 230)⁷¹. Logo, um *self* coeso poderia levar a uma passagem sem maiores embates pelo Édipo. Contudo, o oposto também é verdadeiro? Ou seja, um *self* fragmentado quando entra na fase edípica, vivenciaria a versão desencadeadora da doença? Logo adiante discutiremos este ponto.

Além da existência de um *self* coeso e firme, ao se iniciar a fase edípica, Kohut (1981a) afirma que para que não se estabelecesse um complexo de Édipo seriam necessárias também respostas empáticas do *self*objeto edípico. Se os pais respondessem de forma empática, ou seja, se esta etapa do desenvolvimento “provoca um brilho de alegria empática e orgulho do lado do *self*objeto da fase edípica” (p. 14)⁷² e assim os levem a agir de forma afetuosa, com aceitação e mesmo orgulho e satisfação, a criança também responderia positivamente a esta fase. Isto porque perceberia que estaria encaminhando-se para uma nova etapa do desenvolvimento psicológico e também que isto seria motivo de orgulho para seus *self*objetos.

Por outro lado, seria o complexo de Édipo decorrência das respostas não empáticas do *self*objeto frente às demandas edípicas e/ou da existência de um *self* pré-edípico fragmentado, enfraquecido?

Kohut (1980; 1981a) afirma que respostas não empáticas dos *self*objetos na fase edípica levam ao complexo de Édipo. Se os pais apresentam respostas de sedução sexual, da figura parental do sexo oposto e de hostilidade e competição, da figura parental do mesmo sexo, a criança experienciaria uma ansiedade elevada, a ansiedade de castração, e o seu *self*, mesmo que anteriormente bem constituído, tornar-se-ia mais enfraquecido e desarmônico. Além do mais, em decorrência das respostas não empáticas, os afetos manifestos de forma

⁷¹ “if a child enters the oedipal phase with a firm, cohesive, continuous *self*, he will then experience assertive-possessive, affectionate-sexual desires for the heterogenital parent and assertive, *self*-confident, competitive feelings vis-a-vis the parent of the same sex.”

⁷² “elicits a glow of empathic joy and pride from the side of the oedipal-phase *self*object”.

não sexual e não hostil ou destrutivo tornam-se sexuais e destrutivos, a criança recorrerá a sexualidade como uma forma de reorganizar o *self*, assim como ocorreria em etapas anteriores – fase oral e anal. De tal modo, o afeto e a assertividade são transformados em pulsões patogênicas, o que entendemos como manifestações da sexualidade infantil (Kohut, 1980; 1981a).

Em vez de um maior desenvolvimento de um *self* firmemente coeso capaz de sentir o brilho de prazer saudável no seu funcionamento sexual carinhoso e adequado a fase e capaz de empregar assertividade autoconfiante na busca de objetivos, encontramos ao longo da vida uma contínua propensão a experimentar os fragmentos de amor (fantasias sexuais) ao invés de amor e os fragmentos de assertividade (fantasias hostis) ao invés de assertividade e para responder a essas experiências - que incluem sempre o renascimento das experiências *self*objetais não saudáveis de infância - com ansiedade. (Kohut, 1981a, p. 25)⁷³

Quanto à relação entre o *self* pré-edípico fragmentado e o complexo de Édipo, Kohut nos dá a entender que não haveria causalidade entre o primeiro e o segundo, isto é, um *self* que se fragmentara antes mesmo do Édipo não seria o desencadeante do complexo. Isto porque Kohut (1977) entende que um *self* não coeso nem mesmo experienciaria o Édipo.

Em “A restauração do *self*”, Kohut (1977) sugere que somente um *self* firme e coeso poderia vivenciar o Édipo – “a menos que a criança veja a si mesmo como um centro de iniciativa delimitado, permanente, independente, ela não será capaz de experienciar os desejos objeto-pulsionais que levam aos conflitos e adaptações secundárias do período edípico” (p. 227)⁷⁴.

O autor argumenta ainda que os pacientes que apresentam distúrbios no *self* pré-edípico podem vir a experimentar o Édipo com o andamento do trabalho psicanalítico e conclui, a partir de sua experiência clínica, que estes pacientes vivenciam o Édipo envolvendo o analista e sua família – apesar de poder parecer uma transferência do Édipo. Nestes casos não haveria memórias de um conflito edípico anterior (Kohut, 1977).

Esta última ideia entra em contradição com a proposta kohutiana, anteriormente discutida, de que a fase edípica seria universal. Se um *self* não coeso não experienciaria a fase

⁷³ “Instead of the further development of a firmly cohesive *self* able to feel the glow of healthy pleasure in its affectionate and phase-appropriate sexual functioning and able to employ *self*-confident assertiveness in the pursuit of goals, we find throughout life a continuing propensity to experience the fragments of love (sexual phantasies) rather than love and the fragments of assertiveness (hostile fantasies) rather than assertiveness and to respond to these experiences — which always include the revival of the unhealthy *self*object experiences of childhood — with anxiety”.

⁷⁴ “Unless the child sees himself as a delimited, abiding, independent center of initiative, he is unable to experience the object-instinctual desires that lead to the conflicts and secondary adaptations of the oedipal period.”

edípica, esta seria apenas “destinada” àqueles que receberam respostas empáticas em uma etapa pré-edípica, ou que lograram certa coesão do *self* através do processo de tratamento psicanalítico.

Enquanto temos, por um lado, uma posição clara de Kohut de que o complexo de **Édipo** não é aplicável a todos, esta questão da universalidade da fase edípica nos parece um tanto ambígua.

Quanto à não universalidade do complexo de Édipo, Kohut defende que, ao contrário do que a psicanálise freudiana acredita, o Complexo de Édipo não aconteceria para todas as crianças; tal complexo seria um resultado patológico que se manifestaria naqueles sujeitos cujos *self*objetos edípicos apresentaram respostas não empáticas. Kohut (1981a) reconhece que apesar de não ser comum a todos, o complexo de Édipo se manifesta na maioria das crianças e, então, o autor compara este a cáries dentárias – “As cáries dentárias são universais, e nem por isto são constitutivas de saúde bucal” (p. 14)⁷⁵.

Kohut (1981a) afirma que traços do complexo de Édipo todos teríamos, pois o *self*objeto edípico dificilmente responderá de forma absolutamente adequada, criando traços do complexo de Édipo e ansiedade de castração em todos nós em níveis não considerados patogênicos. Diz Kohut que

Não há pessoa totalmente livre de características que causam dependência, cuja sexualidade seja totalmente livre de interesses perversos, que seja incorruptivelmente não delinquente. Da mesma forma, não há nenhum indivíduo que não tenha vestígios de desejo, hostilidade, culpa e medo edípicos. (p. 27)⁷⁶

Ora, se todos temos traços do complexo de Édipo, logo todos passaríamos por uma fase edípica. Fica novamente ambígua esta questão da universalidade ou não da fase edípica.

Édipo e a neurose

Um último ponto que traremos para reflexão no que tange a mudança na compreensão do complexo de Édipo é sobre a situação da neurose. De acordo com Kohut (1977), para Freud o complexo de Édipo seria universal e a neurose seria produto de uma inabilidade do

⁷⁵ Dental caries is ubiquitous, and yet it is not constitutive of dental health.”

⁷⁶ “There is no individual who is totally free of addictive features, whose sexuality is totally free of perverse interests, who is always incorruptibly nondelinquent. Similarly, there is no individual who does not have traces of oedipal lust, hostility, guilt, and fear.”

ego em lidar com os conflitos deste complexo. Por outro lado, a habilidade em lidar com os conflitos levaria a uma vida sem impedimentos causados por conflitos neuróticos.

Se Kohut argumenta que o complexo de Édipo não se aplicaria a todos, haveria alguma mudança com relação a compreensão da neurose?

Para Kohut (1977; 1981a) ainda seria o complexo de Édipo que levaria às neuroses de transferência, também conhecidas como neuroses edípicas ou neuroses estruturais (fobia, obsessão, histeria). A diferença para a teoria dita clássica é que segundo a teoria kohutiana nem todas as crianças passariam pelo complexo de Édipo e, logo, nem toda seriam expostas aos conflitos que possibilitariam o desenvolvimento de uma neurose. Caso a criança recebesse respostas empáticas do *self* objeto edípico, e não se estabelecesse a versão patológica da fase edípica, isto é, o complexo de Édipo, ela estaria livre dos conflitos edípicos que levam às neuroses – ansiedade de castração, culpa, entre outros.

Além do mais, para Kohut (1977; 1981a), a patologia neurótica seria reservada àqueles sujeitos que desenvolvessem um *self* relativamente firme e coeso. Um *self* que haveria se constituído de forma satisfatória até experienciar o Édipo e que teria ali, apenas, recebido respostas significativamente não empáticas de seu *self* objeto. Por já estar firme e coeso, suas pulsões já estariam integradas e os conflitos que seriam experienciados nas neuroses de transferência – satisfação pulsional *versus* impedimentos da realidade e da moral – seriam de pulsões saudáveis, totais.

No caso do sujeito cujo *self* se fragmentasse antes mesmo do Édipo, ele estaria centrado em outros conflitos que não o edípico, conflitos anteriores no desenvolvimento, estes relativos as falhas empáticas mais primitivas. Este *self* apresentaria falhas de natureza não neurótica – seria um sujeito *borderline*, psicótico ou com uma personalidade narcísica.

Kohut (1981a) apresenta uma discussão sobre a agorafobia que nos ajuda a compreender a patologia das falhas do *self* objeto em uma fase pré-edípica e edípica. Neste sintoma, o autor argumenta que uma ansiedade específica como a agorafobia ocorreria em um *self* que haveria recebido suporte do *self* objeto pré-edípico e logo haveria constituído um *self* coeso. Isto, porque tal ansiedade seria específica, logo mais modulada. Já as ansiedades muito difundidas e com manifestações de pânico seriam decorrentes de falhas pré-edípicas nas respostas do *self* objeto, ou seja, decorrentes de falhas mais primitivas.

Dessa discussão de Kohut, podemos entender que as manifestações neuróticas ocorrem quando as falhas empáticas mais significativas são edípicas, ou seja, houve respostas empáticas anteriores ao Édipo, mas o *self* objeto, por quaisquer razões, falhou no Édipo. Por outro lado, quando as falhas empáticas são anteriores à fase edípica, os distúrbios são de

natureza não-neurótica. Kohut (1977) argumenta que o Édipo “está mais apto a ser o terreno fértil para conflitos neuróticos paralisantes do que um foco central para graves perturbações do *self*” (p.239-240)⁷⁷.

Cabe ainda ressaltar que no que diz respeito à patologia, segundo esta visão de Kohut sobre o complexo de Édipo, todas as patologias são manifestações de distúrbios do *self*. Kohut (1977) acredita que a divisão entre desordens do *self* e neuroses edípicas já não serviria, mas que a diferenciação deveria ser entre distúrbios do *self* edípicos e não edípicos. Ainda, que o Édipo seria o último grande bloco na estruturação do *self* e a última possibilidade no desenvolvimento de que o *self* pudesse sofrer uma fragmentação severa ou prolongada. Quando saudavelmente constituído, o *self* não mais correria este risco, a não ser em casos de exposição a formas de traumatização prolongada (guerras, experiências desumanizadoras).

Por fim, trazemos um exemplo clínico que exemplifica a forma como Kohut passa a entender o Édipo. O fato de que, para o autor, o Édipo não é universal, implica em uma diferente compreensão daquelas manifestações clínicas interpretadas à luz do Édipo e é isto que veremos com o caso da paciente V.

A Srta. V. era uma artista com um pouco mais de 40 anos. Ela sofria de uma depressão vazia, isto é, sua autoestima e vitalidade exauriam-se massivamente, e passava por períodos de letargia e improdutividade. V. já havia passado por uma análise anterior com terapeuta freudiano. Nesta, o complexo de Édipo conduziu as interpretações. A paciente tinha alguns sonhos durante a análise clássica e depois na análise kohutiana, com conteúdos muito similares: sonhos envolvendo banheiro e em um deles estaria urinando e sendo observada por alguém. As interpretações clássicas que foram dadas a esta paciente foram relacionados à inveja do pênis – que gostaria de urinar em pé, como um garoto. A paciente lembra de desejar, na infância ver o corpo e os órgãos sexuais do pai quando ele estava no banheiro (Kohut, 1977).

Durante a análise, foi possível saber que V. tivera uma mãe também depressiva, imprevisível e superficial, que atendia à filha a partir de suas próprias necessidades. Por conta disso, Kohut (1977) acreditava que os sonhos não seriam manifestações de desejos sexuais ou conflitos fálico-genitais. Para o autor, os sonhos estavam relacionados a uma necessidade de buscar suporte no pai e fugir da relação com uma mãe que não a nutria emocionalmente. A simbologia do banheiro estaria em uma memória que a paciente tinha de orientações da mãe

⁷⁷ “is more apt to be the breeding ground for paralyzing neurotic conflicts than a central focus for serious *self*-disturbances”.

quanto ao uso do banheiro. A mãe dizia que o banheiro era um lugar sujo, cheio de infecções e outros, e que ela nunca deveria sentar no vaso para evitar os perigos. Esta orientação que a mãe passava sobre o banheiro era representativa da maneira como ela transmitia à filha sua visão do mundo – como um lugar perigoso. Assim, querer ver o pênis do pai, seria uma forma de buscar nele um suporte para uma vivência não paranoide.

Vemos como a compreensão teórica de Kohut propõe outros sentidos para aquelas experiências antes interpretadas como relacionadas ao desejo edípico. Kohut volta-se sempre para a relação com o *self*objeto e para a estruturação do *self* e toma, como já vimos, as pulsões como meros sintomas das falhas do *self*.

Em resumo, observamos que o complexo de Édipo para Kohut é diferente do proposto por Freud, que a coesão do *self* e as respostas dos *self*objetos podem levar a uma vivência relativamente tranquila desta fase ou a uma versão patológica desta fase. Por esta razão, o complexo de Édipo não é universal, apesar de que a fase edípica seja vivenciada por todos. As neuroses seriam decorrente do complexo de Édipo, enquanto patologias não-neuróticas seriam produtos de falhas anteriores ao Édipo. Haveria ainda a possibilidade de saídas não patológicas.

3.2.2. Homem culpado vs. Homem Trágico

Kohut propõe uma teoria do aparelho psíquico que difere, obviamente, daquela proposta por Freud. Enquanto a teoria freudiana teria como foco o conflito entre as pulsões e a satisfação destas, a Psicologia do *Self* propõe pensar a constituição psíquica a partir do *self*, enquanto estrutura supraordenada. Apesar dessa diferença, Kohut (1977) sustenta que sua teoria não descarta a utilidade da teoria clássica, mas a complementa. Segundo ele, a psicanálise tradicional não explicaria certos fenômenos humanos, lacuna esta que buscaria preencher com a sua Psicologia do *Self*.

Para Kohut (1977), a justificativa para as duas psicanálises está em que

Algumas pessoas podem viver vidas criativas gratificantes, apesar da presença de conflitos neuróticos graves - até mesmo, às vezes, apesar da presença de uma doença neurótica quase paralisante. E, por outro lado, há outros, que apesar da ausência de conflito neurótico, não estão protegidos contra a sucumbir à sensação de falta de sentido de sua existência, inclusive, no campo da própria psicopatologia, de sucumbir à agonia do desespero e letargia da

depressão vazia generalizada - especificamente, como eu disse antes, de certas depressões do final da meia idade. (p. 241)⁷⁸

Assim, ambas as teorias seriam úteis e mesmo se complementariam, pois voltar-se-iam a situações diversas; uma para explicar os conflitos pulsionais e as patologias decorrentes destes e outra para as questões ligadas a autoestima e ao sentido da existência.

A teoria clássica seria, de acordo com Kohut (1977), bastante útil e dispensaria a Psicologia do *Self* nos casos em que o *self* estivesse firme e coeso ou naqueles em que ele não estivesse presente ou estivesse formado apenas de forma rudimentar. Em ambos os casos, as pulsões é que ocupam o centro do funcionamento psíquico. No primeiro, prevaleceriam questões que dizem respeito à busca pela satisfação pulsional e ao conflito com as limitações a ela. Ainda, estariam presentes a ansiedade e culpa, despertadas pelo conflito. No outro cenário, as pulsões também regeriam o funcionamento por não haver *self* – isto se daria nos primórdios da infância e em sujeitos com acentuada desorganização psíquica, psicoses. Em ambos os casos, então, uma Psicologia das pulsões, conforme intitulou Kohut, seria suficiente.

Por outro lado, nos casos em que houvesse um *self* fragmentado, desarmonioso, enfraquecido, a Psicologia do *Self* teria melhores condições explicativas que a teoria clássica. Nestes casos, estariam as questões ligadas a auto realização e aos bloqueios para tal.

Kohut (1977) faz uma diferenciação entre a busca do psiquismo nos casos em que prevalecem as demandas do *self* e naqueles em que predominam as pulsões. Quando as pulsões regem o psiquismo, há a busca por prazer, que seria logrado, entre outros, na sexualidade e estaria relacionado a experiência das partes. Se o *self* e suas vicissitudes estão no centro do funcionamento psíquico, a busca é por contentamento⁷⁹, que seria experienciado, por exemplo, com o sucesso e envolveria o *self* total. O contentamento é uma emoção mais abrangente, enquanto prazer é uma experiência mais delimitada.

O *self*, seja no setor das ambições ou no setor dos ideais, não procura prazer através da estimulação e da descarga tensional; ele busca o preenchimento através da realização de suas ambições e ideais nucleares. Sua satisfação não traz prazer, como no caso das pulsões, mas triunfo e brilho de alegria. E seu impedimento não evoca sinais de ansiedade (ansiedade de

⁷⁸“Some people can live fulfilling, creative lives, despite the presence of serious neurotic conflict- even, sometimes, despite the presence of a near-crippling neurotic disease. And, in the obverse, there are others, who despite the absence of neurotic conflict, are not protected against succumbing to the feeling of the meaninglessness of their existence, including, in the field of psychopathology proper, of succumbing to the agony of the hopelessness and lethargy of pervasive empty depression - specifically, as I said before, of certain depressions of later middle life.”

⁷⁹ Joy.

castração – ansiedade da perda do falo como fonte suprema de gozo), mas a antecipação do desespero. (Kohut, 1975, p. 757)⁸⁰

Assim, cada uma das teorias – psicanálise freudiana e Psicologia do *Self* – versaria sobre uma dimensão diferente do psiquismo: as pulsões e o *self*. Cada uma delas voltar-se-ia a um homem distinto. A dimensão das pulsões, suas vicissitudes e conflitos seria aquela do *Homem Culpado*, aquele homem pensado por Freud no desenvolvimento de sua teoria e que estaria em conflito com suas pulsões em busca de prazer. Este homem seria, principalmente, aquele cujas pulsões seriam saudáveis (totais e integradas) e cujo *self* estaria firme e coeso. Já o âmbito do *self* seria aquele do *Homem Trágico*, o homem impedido de lograr auto realização pelo fracasso na estruturação de seu *self*. Neste, a coesão do *self* está em jogo e as pulsões que encontramos são resultados da desintegração (Kohut, 1977; 1978a).

A teoria freudiana enxergava o homem como um animal domesticável e que precisaria ter suas pulsões contidas – o que o seria feito pela punição e pela culpa; a Psicologia do *Self* acrescentaria a esta uma visão humana deste homem. Para esta última, compreender o homem como um emaranhado de pulsões que buscam satisfação e que precisam ser contidas é enxergar apenas metade deste homem e, para compreendê-lo como um todo, se deveria olhar para o *self* (Kohut, 1977).

O *self* e suas vicissitudes traria à psicanálise questões que antes pertenceriam e eram discutidas apenas pela filosofia, arte e teologia, tais como o mal estar existencial e a ansiedade existencial. Kohut (1975) acreditava que estes âmbitos poderiam ser cientificamente investigados com a proposição de um *self* que estaria além do princípio do prazer, isto é, que funcionasse em separado das pulsões.

Desde seus primeiros trabalhos, Kohut (1971) justificava a sua busca por compreender esta outra “face” pelo encontro, na clínica, de muitos pacientes que enfrentavam questões ligadas ao que ele atribuiu posteriormente ao *self* – autoestima, integração – e que não respondiam ao tratamento proposto pela psicanálise tradicional, nem seriam compreendidos pelo arcabouço teórico dela. Nos trabalhos a partir de 1975, o autor argumenta que este paciente que encontrava na clínica e que o motivara a buscar novas construções seria uma novidade neste ambiente. Para ele, na época de Freud, predominava o Homem culpado, ou

⁸⁰ “The *self*, whether in the sector of its ambitions or in the sector of its ideals, does not seek pleasure through stimulation and tension-discharge; it strives for fulfillment through the realization of this nuclear ambitions and ideals. Its fulfillment does not bring pleasure, as does the satisfaction of a drive, but triumph and the glow of joy. And its blocking does not evoke the signal of anxiety (e.g., of castration anxiety – anxiety concerning the loss of the penis as the supreme source of pleasure) but the anticipation of despair.”

seja, aquele que alcançava uma boa constituição do *self*. Na contemporaneidade o autor observava um aumento de pacientes com distúrbios no *self* – distúrbios mais severos.

Kohut (1980; 1981a) afirma que os pacientes da época de Freud apresentavam falhas na relação *self*objeto mais tardias, ou seja, no Édipo, enquanto na atualidade estas falhas são mais precoces – pré-edípicas. O autor sustenta esta posição dizendo que no final do século XIX e início do século XX haveria uma estrutura familiar e servicial que dava suporte à constituição psíquica. Segundo ele, a mulher ficava em casa, as famílias eram grandes e próximas, existiam serviçais à disposição, dentre outros que davam respostas de espelhamento e oportunidades para a criança fundir-se permitindo um desenvolvimento pré-edípico. Possivelmente, esta mesma condição permitia o que Kohut (1980; 1981a) chama de sedução na fase edípica, isto é, a respostas sexuais e hostis por parte dos *self*objetos, criando danos edípicos ao *self*.

Por outro lado, em nosso tempo, Kohut (1980; 1981a) afirma que as condições familiares e sociais favoreceriam falhas mais precoces. A família pequena, o pai faltante, a mãe que trabalha e a ausência de serviçais são fatores que estariam levando a um contato mais superficial nos anos iniciais da vida das crianças, gerando falhas no espelhamento e fusão – “[O] homem do nosso tempo é o homem do *self* precariamente coeso, o homem que anseia a presença, o interesse, a disponibilidade do *self*objeto que mantém sua auto coesão” (Kohut, 1981a, p. 61)⁸¹

A partir destas diferenças, Kohut (1981a) entende que a personalidade investigada por Freud no fim do século XIX e início do século XX o levou a propor um modelo baseado no conflito estrutural; já a personalidade do nosso tempo não pode ser caracterizada por esta divisão, mas ela é multifragmentada e desarmônica. Por isto que a Psicologia do *Self* seria indispensável para compreender estes sujeitos que já não são explicáveis pelo modelo de conflitos inconscientes.

3.2.3.A clínica

Trataremos agora brevemente sobre as implicações clínicas de um *self* no sentido amplo. Kohut propõe uma visão de funcionamento psíquico e de saúde e doença que demanda

⁸¹ “man of our time is the man of the precariously cohesive *self*, the man who craves the presence, the interest, the availability of the *self*-cohesion-maintaining *self*object”.

também uma nova aproximação no que tange ao objetivo e método do tratamento psicanalítico.

Segundo Kohut (1981a), o sujeito em funcionamento saudável seria aquele que haveria estabelecido um *self* firme e coeso, isto é, um continuum energético entre os polos do *self* – polo dos ideais e das ambições. Esta energia é que permitiria a busca pelos ideais e ambições, a autoestima, o senso de continuidade no tempo e no espaço e o sentido para a existência. A patologia, por sua vez, seria oriunda de distúrbios constitutivos do *self* – da falha no estabelecimento deste arco de tensão.

A partir desta construção teórica, Kohut (1981a) entende que o trabalho terapêutico se dá, de maneira sucinta, a partir do reestabelecimento deste *self*. Sendo o *self* bipolar, a cura estaria na formação das estruturas deste, ou seja, da construção de um polo das ambições e/ou dos ideais e do arco de tensão entre eles. Com o estabelecimento desta energia entre os polos, o resultado é a possibilidade de uma vida produtiva, da autoestima, entre outros.

Kohut (1981a) entendia que Freud haveria proposto dois tipos de tratamento ao longo de sua obra. O primeiro estaria baseado no modelo topográfico – consciente e inconsciente – e a “cura” estaria na transformação dos conteúdos inconscientes em conscientes. Após a construção do modelo estrutural – ego, id e superego –, o propósito do tratamento passou a ser a busca pela modificação das pulsões, no aumento do território do ego. Kohut (1981a) afirma que apesar de que o processo de tratamento da Psicologia do *Self* também pode levar ao aumento da área de domínio do ego e na expansão da consciência, estes seriam apenas efeitos secundários do reestabelecimento do *self*.

De que maneira tratar o sujeito, isto é, tornar seu *self* firme e coeso? Kohut (1981a) responde que seria por meio da promoção de experiências emocionais corretivas - “o analista atuando de forma oposta às expectativas transferenciais do paciente – isto é, o oposto do comportamento traumático dos pais do paciente na infância” (p. 78)⁸².

A experiência emocional corretiva aconteceria quando o analista oferece as duas condições necessárias para a estruturação do *self*: as respostas empáticas e as frustrações ótimas. Por meio das respostas empáticas do *self*objeto, o sujeito pode experimentar a fusão e as falhas dele permitem o desenvolvimento das estruturas do *self* por meio da internalização transmutadora. Estas duas condições seriam logradas no processo terapêutico por meio da interpretação (Kohut, 1981a).

⁸² “The analyst’s playacting the opposite of the patient’s transference expectations – the opposite, that is, of the traumatic behavior of the patient’s parents in childhood.”

Uma parte da experiência emocional corretiva estaria na compreensão empática do analisando e na comunicação desta ao paciente. A compreensão empática ocorreria em um nível que Kohut (1981a) denominava “próximo à experiência” e seria a captura da essência dos estados internos do paciente por meio da empatia. Ao vivenciar empaticamente a experiência do paciente, o analista traria verbalizações sobre as experiências emocionais do paciente - interpretações - e a compreensão acurada se apresentaria como resposta empática do analista e proveria ao analisando a vivência empática necessária para a construção de suas estruturas do *self*.

As falhas na compreensão do analisando, por sua vez, seriam as frustrações ótimas que permitiriam a internalização transmutadora. Kohut (1981a) argumentava que o analista, obviamente, falharia na compreensão dos estados internos do paciente e que isto, gradativamente, levaria à desidealização do analista e à formação das estruturas do *self*.

Desta forma, a interpretação não seria útil, como acreditam outras teorias psicanalíticas, para tornar o inconsciente consciente, mas serviria, segundo Kohut (1981a), como ferramenta para transmitir a compreensão e explicação dos estados internos do paciente. Em resumo, “o desenvolvimento de uma estrutura psíquica através de frustrações ótimas das necessidades ou desejos do analisando, que é fornecido para a ele sob a forma de interpretações corretas, é que constitui a essência da cura” (p. 108)⁸³.

No caso do Sr. B., trazido por Kohut (1971), o analista interpreta que por conta das atitudes da mãe ele nunca pudera se experienciar como “amado, carinhoso e tocável”, ele responde “Crash! Bang! Você acertou!” (p. 233)⁸⁴. A correta interpretação teria feito com que as defesas se quebrassem e ele agisse de forma superestimulada, já que sua psique vulnerável não teria tido ainda condições de lidar com uma resposta empática.

Cabe ressaltar, para que o paciente possa experienciar as respostas empáticas e a frustração em análise, é necessário que, antes disto, ele consiga mobilizar as necessidades maturacionais através da relação com o terapeuta; precisa tomar o analista como *self*objeto e transferir a ele seus suas demandas por fusão e espelhamento. Além disto, é indispensável superar a resistência – um medo de novamente ser traumatizado – e trabalhar a depressão e raiva frente à falha dos *self*objetos arcaicos.

Seria este processo aplicável à todas as patologias?

⁸³ “the accretion of psychic structure via an optimal frustration of the analyzand’s needs or wishes that is provided for the analyzand in the form of correct interpretations that constitutes the essence of the cure.”

⁸⁴ “lovable, loving, and touchable (...) Crash! Bang! You hit it!”

Kohut (1981a) entendia que este processo terapêutico não poderia ser aplicado a todos os casos, mas apenas aqueles em que o *self* estivesse com certa coesão. Nas psicoses e casos *borderlines*, por exemplo, não houve uma construção de estruturas de *self*. Nesses, ante a falha da formação do *self* nuclear, criaram-se estruturas defensivas significativas que precisariam ser desmanteladas para possibilitar que o sujeito experienciasse novamente a alternância entre o caos e a tranquilidade da fusão com o *selfobjeto*. O autor acredita que, a partir daí, o sujeito poderia experimentar com um novo *selfobjeto* (o analista) a homeostase e com as frustrações ótimas constituir as estruturas do *self*. Contudo, Kohut pensa que se torna inviável este processo tão aprofundado com o psicótico ou *borderline*, pois acredita que dificilmente alguém dissolveria suas estruturas defensivas, já bastante consolidadas e que agem de forma protetiva, para encarar a experiência de ansiedades primitivas extremas.

Já nas personalidades narcísicas, em que haveria uma estruturação mínima do *self*, o processo terapêutico seria viável. Nestes casos, o *self* está constituído, mas passa frequentemente por desorganizações. A terapia psicanalítica neste caso buscaria o fortalecimento do *self*. Por fim, nas neuroses, o *self* teria se constituído, mas não teria finalizado seu desenvolvimento. Devido as falhas do *selfobjeto* edípico, o potencial criativo ficaria comprometido, pois as energias seriam utilizadas nos conflitos edípicos. O trabalho seria resolver os conflitos para que a energia torne-se novamente disponível (Kohut, 1981a).

Porém, no caso das neuroses o tratamento proposto por Kohut seria efetivo, e necessário, ou aqui o tratamento clássico seria empregado?

A resposta mais curta é que, desde que o tratamento busque uma compreensão empática do estado interno do paciente, tanto faz. Kohut (1981a) afirma que mesmo que uma interpretação esteja incorreta, devido à teoria que a embasa, a compreensão da vivência do paciente pode ser ainda assim transmitida.

Dada a situação analítica e as respostas confiáveis do analista para seus analisandos, bons - se não ideais - resultados terapêuticos podem ser alcançados, mesmo se as teorias que orientam o analista em sua avaliação da psicopatologia do paciente e na sua compreensão do processo terapêutico estejam em erro. (p. 91)⁸⁵

O autor dá o exemplo de uma paciente de uma terapeuta kleiniana que se mostrara triste e silenciosa em uma sessão posterior ao anúncio que a terapeuta se ausentaria por algum tempo. A interpretação oferecida pela terapeuta foi que a paciente havia mudado a percepção

⁸⁵ “given the analytic situation and the analyst’s reliable responsiveness to his analysands, good - if not optimal - therapeutic results can be achieved even though the theories that guide the analyst in his assessment of the patient’s psychopathology and in his understanding of the therapeutic process may be in error.”

da analista após o anúncio, “antes, a analista diz, ela [a analista] teria sido o seio bom, caloroso, e alimentador, mas agora ela se tornou o mau, frio e não alimentador” (Kohut, 1981a, p. 92). Kohut afirma que o conteúdo da interpretação estaria incorreto, pois traria as pulsões primárias e a pulsão a objetos arcaicos, mas haveria uma compreensão sobre o estado interno da paciente: que estaria muito triste pela ausência da terapeuta.

Desta forma, entende-se que tanto uma psicoterapia com base na teoria clássica quanto uma com base na Psicologia do *Self* poderiam ser efetivas, não só nas neuroses, mas em qualquer transtorno. Isto, claro, desde que se busque, por fim, a compreensão empática dos estados internos do paciente. Kohut (1981a) afirma que um terapeuta kleiniano ou outros que não focam no complexo de Édipo teriam maiores condições de oferecer uma compreensão empática ao paciente, e que a Psicologia do *Self* ofereceria um âmbito teórico mais expandido que propiciaria maior compreensão e interpretações mais empáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, com este trabalho, expor o que Kohut entende por *self*, percorrendo sua obra cronologicamente e levantando temas elementares que pudessem colaborar para o entendimento do conceito em cada uma das fases do *self* propostas pelo próprio autor, a saber, *self* no sentido restrito e no sentido amplo.

Dissemos que o conceito de *self* nos parecia pouco claro na obra de Kohut. Isto porque, inicialmente, o autor trazia discussões envolvendo o *self* sem oferecer uma definição para o termo; e quando passava a oferecer explicações para o conceito, estas eram vagas e imprecisas, sem permitir uma real compreensão do *self* dentro de um modelo psicanalítico que se baseia em instâncias psíquicas, pulsões, consciente e inconsciente.

Assim, tínhamos por objetivos específicos responder: por que Kohut não traz uma definição de *self* inicialmente? Qual o sentido destas definições impressas que nos apresenta posteriormente? Qual é, afinal, o lugar atribuído, por Kohut, ao *self* na psicanálise, isto é, qual a relação dele com as instâncias psíquicas, as pulsões e o consciente e inconsciente?

Debruçando-nos sobre a teoria de Heinz Kohut, foi possível, portanto, sistematizar algumas conclusões:

(1) A falta de explicações sobre o que seria o *self* nos primeiros trabalhos poderia ser decorrente de Kohut adotar este conceito de Hartmann. Contudo, nem toda a posição kohutiana sobre o *self* neste primeiro momento é semelhante à de Hartmann.

(2) Kohut oferece dois tipos de definições para o *self*: explicações fenomenológicas e as metapsicológicas.

(3) As explicações metapsicológicas variam nas duas fases do *self* e não é possível compreendê-las à luz do modelo psicanalítico freudiano.

Vejamos abaixo essas questões, de acordo com o caminho que percorremos na obra de Kohut, conhecendo o conceito de *self* no sentido restrito e no sentido amplo.

Os dois *selves* de Kohut

No capítulo três discutimos o sentido do *self* na primeira fase, *self* no sentido restrito, entre os anos de 1966 e 1975. Nessa abordagem, observamos que o foco de Kohut estava em tratar da formação do *self*, mais especificamente em como a imago parental idealizada, o *self* grandioso e as respostas empáticas dos *self*objetos estariam relacionadas à constituição desse *self*. Kohut frisa, também, a existência de diferentes estados do *self* – fragmentado, coeso,

arcaico e maduro – e que a maneira como este se apresenta estaria ligada à saúde e a doença psíquica.

Nos trabalhos iniciais, como “Formas e transformações do narcisismo” (1966), “O tratamento psicanalítico dos transtornos de personalidade narcísica” (1968) e “Narcisismo como uma resistência e uma força impulsora em psicanálise” (1970a), centrados nos temas acima citados, Kohut utilizava amplamente termos como *self* narcísico, *self* grandioso, *self* expandido, catexis do *self*, autoestima (*selfesteem*), corpo-*self*, *self* coeso, *self* desagregado e outros sem oferecer uma definição para o *self*.

Possivelmente isto ocorre porque, segundo Ramos (2001), o conceito teria sido “emprestado” de Hartmann e Kohut talvez dispensasse definições. Lembremos que Hartmann teria distinguido o *self* e ego: enquanto este último referir-se-ia, segundo Redfearn (1994), ao controle dos instintos, a orientação para a realidade, o *self*, para Oppenheimer (2002), referia-se-ia a pessoa como um todo.

Em trabalhos posteriores como “Sobre o processo adolescente e a transformação do *self*” (1972a) e “Discussão de ‘O *self*: Uma contribuição para o seu lugar na teoria e na técnica’ por D.C. Levin” (1970b) e o primeiro livro *A análise do self* (1971), Kohut, finalmente, traz definições para o conceito, algumas esclarecedoras e outras nem tanto. Kohut diz que o *self* seria “o sentimento seguro de uma pessoa de ser uma unidade bem delimitada, isto é, sua concepção clara de quem é” (Kohut, 1970b, p. 587)⁸⁶, e “o ‘eu’ de nossas percepções, pensamentos e ações” (Kohut, 1972a, p. 659)⁸⁷. Tais explicações são bastantes vagas e imprecisas e não nos auxiliaram a compreender onde está o *self* na metapsicologia psicanalítica.

Contudo, nesses trabalhos, Kohut também oferece uma discussão metapsicológica sobre o *self*. Nesse momento de sua teoria, o autor busca vincular suas propostas à psicanálise clássica e considera o *self* uma representação, equivalente a uma representação de objeto, presente no id, ego e superego. Logo, o *self* seria um conteúdo do aparelho psíquico (ego, id e superego) – possivelmente a autoimagem, uma espécie de imago que se forma de si. Cabe ressaltar que embora Kohut tivesse utilizado a distinção de Hartmann entre *self* e ego, segundo Redfearn (1994) a ideia de que o *self* consistiria em um conjunto de representações psíquicas, tal como as representações de objeto, seria concepção do próprio Kohut.

⁸⁶ “A person's secure feeling of being a well delimited unit -i.e., his clear concept of who he is”.

⁸⁷ “the ‘I’ of our perceptions, thoughts, and actions”.

Apesar de Kohut iniciar a fase do *self* no sentido restrito com uma falta de esclarecimentos sobre sua concepção de *self*, o autor finaliza o período com uma definição satisfatória, em termos metapsicológicos, para o termo, isto é, a concepção de que o *self* seria um conteúdo do aparelho psíquico.

Contudo, Kohut não se mantém com esta definição do conceito. Na fase do *self* no sentido amplo, a partir de 1975, ele modifica sua concepção metapsicológica de *self*. O conceito perdeu seu “terreno psíquico”, pois deixa de ser um conteúdo das instâncias psíquicas e lhe é atribuído o lugar de uma suposta “estrutura supraordenada”.

Retornaram nossas dúvidas: o que seria, então, o *self*?

A tarefa do quarto capítulo foi de buscar compreender, na fase do *self* no sentido amplo, entre 1975 a 1981, o significado do *self* enquanto “estrutura supraordenada”. Tal expressão esteve presente desde a primeira obra do período, isto é, “Apontamentos sobre a formação do *self*” (1975), sem que Kohut apresentasse um significado compreensível para ela. Além de não esclarecer este novo sentido de *self*, o autor continuava a trazer as definições pouco elucidativas sobre o *self* já presentes na primeira fase. Essas se caracterizavam pelo *self* consistir em “uma unidade, coesa no espaço e durável no tempo, que é o centro de iniciativa e recipiente das impressões” (Kohut, 1977, p. 99)⁸⁸, “sensação de ser a mesma pessoa ao longo da vida - apesar de mudanças em nosso corpo e mente, em nossa composição de personalidade, no ambiente em que vivemos” (Kohut, 1977, p. 179)⁸⁹.

Levantamos então algumas perguntas sobre este novo *self*:

(1) Devido ao caráter de estrutura atribuído ao *self* nesse segundo momento da teoria, poderíamos pensar no *self* como uma instância psíquica? Algo equivalente ao ego, id e superego, mas que funcionasse “acima” destes, já que é considerado supraordenado? Kohut (1977) afirma que não, que o *self* não poderia ser considerado uma quarta instância psíquica. E não dá maiores explicações.

(2) Sendo o *self* uma estrutura psíquica, mas não uma instância, qual a relação deste com as instâncias psíquicas – ego, id e superego? Seria o *self* supraordenado a elas, isto é, funcionaria acima delas? Kohut não mostra, nesta segunda fase, preocupação em buscar uma vinculação entre ego, id e superego e o *self*. Enquanto na primeira fase do *self* o desenvolvimento do ego e do superego estariam atrelados à estruturação do *self* – as

⁸⁸ “*self* is a unit, cohesive in space and enduring in time, which is a center of initiative and a recipient of impressions”.

⁸⁹ “sense of our being the same person throughout life - despite the changes in our body and mind, in our personality makeup, in the surroundings in which we live”.

internalizações transmutadoras estariam possibilitando a formação de estruturas psíquicas, ego e superego – na segunda fase Kohut nem mesmo menciona o modelo tripartido.

Kohut (1977) afirma que a Psicologia do *Self* não pensa em termos de um modelo tripartido, da Psicologia do aparelho mental.

O (sexual e destrutivo) id e o (inibidor-proibidor) superego são constituintes do aparelho mental do Homem Culpado. Ambições e ideais nucleares são os polos do *self*; entre eles está o arco de tensão que forma o centro das atividades do homem trágico. (p. 243)⁹⁰

De modo geral, isto explica porque que Kohut nem toma o *self* como uma instância psíquica e nem busca fazer uma relação entre as instâncias psíquicas e o *self*. O ego, id e superego são construções pertencentes à psicanálise freudiana, não à Psicologia do *Self*.

Em Nemirovsky (2015) encontramos que a efetiva utilização do conceito de *self* é posterior a Freud e é pertencente a teorias – como de Winnicott, Kohut, Bollas, etc – que propõem uma alteração significativa na psicanálise freudiana. Segundo Nemirovsky (2015), enquanto a teoria dita clássica tinha por base as vicissitudes das pulsões, o conflito psíquico e estruturou-se no modelo tripartido (ego, id e superego), as teorias posteriores estão calcadas na observação de questões mais primitivas do psiquismo que eram considerados pré-história pela teoria freudiana.

A dificuldade, então, de encontrar um lugar metapsicológico para o *self* na fase final da teoria kohutiana poderia ser decorrente de uma tentativa de encaixá-lo no modelo freudiano do aparelho psíquico – ego, id e superego – sendo que neste modelo o *self* não encontra lugar. Neste momento Kohut propõe uma nova teoria do funcionamento psíquico que, apesar de guardar relação com a teoria freudiana no que diz respeito às pulsões, consiste em um entendimento do psiquismo que rompe com a teoria clássica. A versão kohutiana de constituição do psiquismo não se basearia no modelo tripartido, não que este não pudesse estar presente no psiquismo mas seria dispensável para compreender a construção do *self*.

Não podendo explicar o *self* a partir da psicanálise dita clássica ou, pelo menos, a partir do modelo tripartido, como compreender, então, o *self*?

Kohut (1977) tinha clareza de que não estava oferecendo uma definição satisfatória ao *self*. O autor afirmava que não seria possível definir exatamente o *self* – “minha investigação contém centenas de páginas sobre a Psicologia do *Self* – ainda assim nunca atribui um sentido

⁹⁰ “The (sexual and destructive) id and the (inhibiting-prohibiting) superego are constituents of the mental apparatus of Guilty Man. Nuclear ambitions and ideals are the poles of the *self*; between them stretches the tension arc that forms the center of the pursuits of Tragic Man.”

inflexível ao termo *self*, nunca explica como a essência do *self* deveria ser definida” (p. 310)⁹¹ - e acrescenta ainda que “demandas por uma definição exata da natureza do *self* desconsidera o fato que “o *self*” não é um conceito das ciências abstratas, mas uma generalização derivada de dados empíricos” (p. 311)⁹². Em outras palavras, Kohut nem mesmo acredita que seja possível atribuir uma definição metapsicológica ou distante da experiência ao *self*, pois ele seria um conceito oriundo da experiência.

Pensamos que o fato de o *self* ser derivado da experiência não justifica a falta de definição metapsicológica, afinal vários conceitos psicanalíticos, como cita o próprio Kohut (1959), são advindos da introspecção, tais como narcisismo, as pulsões, entre outros, e ao mesmo tempo recebem uma teorização metapsicológica.

Assim, arriscaremos-nos a propor alguma conclusão que nos auxilie a dar certo fechamento a este conceito.

A partir das discussões do capítulo quatro, percebemos que Kohut entendia o *self* como uma estrutura cuja origem e desenvolvimento estaria na relação com os *self*objetos. Que a partir da fusão e idealização com estes *self*objetos se estruturaria o *self*, o que nos parece bastante convincente, com exceção da proposta de um modelo bipolar que nos soa muito intelectualizado, quase que equação matemática.

Parece-nos que as respostas destes *self*objetos levariam a uma espécie de registros mnêmicos que poderiam formar um conjunto harmônico de representações ou registros cindidos, que, por sua vez, levariam à experiência de coesão ou de fragmentação.

Pensar no *self* como registros de memória nos ocorreu ao retomarmos uma definição de “estrutura” oferecida por Kohut (1970b) na primeira fase do *self*, em que o autor fala que um traço de memória pode ser considerado uma estrutura. O *self* não poderia, então, ser um conjunto de representações que outorgariam unidade ao sujeito, se construídas coesamente?

Além do mais, talvez pudéssemos considerar este *conjunto mnêmico que concede unidade ao sujeito* uma estrutura do psiquismo. Aliás, uma estrutura imprescindível e central ao funcionamento psíquico saudável, que quando fragmentada perde seu caráter de ordenadora do psiquismo cedendo lugar às pulsões. Considerando que Kohut possui uma metapsicologia própria, até certo ponto independente da teoria clássica, não seria esta uma explicação metapsicológica?

⁹¹ “My investigation contains hundreds of pages dealing with the psychology of the *self*-yet it never assigns an inflexible meaning to the term *self*, it never explains how the essence of the *self* should be defined.”

⁹² “Demands for an exact definition of the nature of the *self* disregard the fact that “the *self*” is not a concept of an abstract science, but a generalization derived from empirical data”.

Os dois olhares sobre o *self*

Argumentamos que as definições que Kohut apresentava para o conceito de *self* eram um tanto vagas para se compreender o que, de fato, seria o *self* de um ponto de vista psicanalítico. Parte da dificuldade em compreender o *self* em Kohut decorre do fato de que o autor oferece dois tipos de definição para este conceito em sua obra: uma definição do *self* enquanto fenômeno e outra metapsicológica.

A definição do *self* enquanto fenômeno ou, como Kohut (1977) denomina, próxima à experiência, foi aquela que primeiramente tivemos contato na obra de Kohut. Alguns exemplos são: “o sentimento seguro de uma pessoa de ser uma unidade bem delimitada, isto é, sua concepção clara de quem é” (Kohut, 1970b, p. 587)⁹³, “o ‘eu’ de nossas percepções, pensamentos e ações” (Kohut, 1972a, p. 659)⁹⁴. Julgamos tais significações um tanto vagas para compreendermos efetivamente o *self*.

A nomenclatura que usamos para esta primeira definição de *self*, isto é, a sua definição enquanto fenômeno, foi uma terminologia que nos surgiu desde o princípio das leituras, pois nos parecia que as descrições de *self* diziam respeito à experiência de algo, ou seja, a um fenômeno nos termos da filosofia. Segundo o *Dicionário Básico de Filosofia* de Japiassú e Marcondes (2008), “fenômeno”, de forma genérica, significaria “tudo que é percebido, que aparece aos sentidos e à consciência” (p. 105).

Ao nos deparar com o termo *próximo à experiência* que significa, segundo Ornstein (2011a), que algo seria observável pelo método de introspecção e empatia, isto é, a observação do que acontece em nosso mundo interno, percebemos que é exatamente isso que Kohut parecia trazer nas definições de *self*: aquilo que observava, por introspecção vicariante, no mundo interno de seus pacientes.

Estas significações de *self* enquanto fenômeno são mais ou menos constantes nas duas fases da obra de Kohut e, mesmo assim, deixam sempre uma interrogação: “mas o que é, afinal, o *self*?”.

Já a definição que denominamos metapsicológica, e que Kohut (1977) chama de distante da experiência, é aquela que traz maiores respostas aos nossos questionamentos iniciais sobre qual lugar é atribuído ao *self* na psicanálise. Lembremos que para Ornstein (2011a) “distante da experiência” consistiria em construções teóricas baseadas na observação, ou conclusões metapsicológicas sobre o funcionamento psíquico.

⁹³ “A person's secure feeling of being a well delimited unit -i.e., his clear concept of who he is”.

⁹⁴ “the ‘I’ of our perceptions, thoughts, and actions”.

Houve, como já mencionamos no tópico anterior, duas teorizações metapsicológicas, uma na fase do *self* no sentido restrito e outra no sentido amplo. Na primeira, Kohut considera o *self* uma representação, equivalente a uma representação de objeto, presente no id, ego e superego. Na segunda fase do *self*, Kohut desenvolve uma metapsicologia própria que se afasta daquela proposta por Freud e traz o *self* como uma estrutura supraordenada, no centro do funcionamento psíquico.

A Psicologia do *Self* no Brasil

Um segundo objetivo desta dissertação foi de divulgar a Psicologia do *Self* no Brasil. Como dissemos no início deste trabalho, a teoria de Kohut é pouco divulgada em nosso país. Por que razão a Psicologia do *Self* não teria logrado reconhecimento no Brasil?

Kohut gozou e goza de grande prestígio no cenário psicanalítico norte-americano. Prova disso é que há uma Associação Internacional da Psicologia do *Self* que realizou recentemente sua 39ª conferência anual, além da existência de dezenas de livros e centenas de artigos sobre esta teoria publicados nos Estados Unidos. Conforme dito no início deste trabalho, Roudinesco e Plon (1998) comparam o reconhecimento da teoria de Kohut nos Estados Unidos àquele que Lacan obteve na França.

No Brasil, houve entre os anos 70 e 90, alguma produção a respeito de Kohut, contudo, bastante pequena em relação a outras escolas como a Kleiniana, Lacaniana e Winnicottiana. Muitos autores que dedicaram, nesses referidos anos, a produzir algo sobre Kohut, mostraram também estreitos laços com a teoria de Winnicott e mesmo permaneceram adeptos a ela.

Aventuramo-nos a especular sobre o fato de a teoria kohutiana não prosperar no Brasil e duas possibilidades nos ocorreram. Uma delas seria um discurso de resistência à psicanálise norte-americana com a afirmação de que ela não seria de qualidade, isto possivelmente oriundo das críticas de Lacan à psicanálise produzida pelos americanos. Outro fator seria a complexidade da teoria de Kohut, esta poderia ser um empecilho apenas ante ao fato de que Winnicott teria uma teoria semelhante que, segundo Nemirovsky (2015), seria mais compreensível e também de expressão mais substancial na Europa.

Nemirovsky (2015) afirma que existem várias semelhanças entre Winnicott e Kohut. Ambos não se basearam na sexualidade, mas sim nas relações como constituintes do psiquismo; entenderam a patologia como produto da não satisfação de necessidades básicas

pelo ambiente; e colocam o *self* em um lugar central da teoria. Já algumas das diferenças estão na metapsicologia – enquanto Kohut cria toda uma estrutura teórica, Winnicott não quer ser metapsicológico; o estilo de comunicação destes autores também é diferente – Winnicott tem uma linguagem simples e Kohut usa termos científicos e mesmo físicos. Além disso, Kohut concebe que o narcisismo e a relação de objetos não são valores maturacionais diferentes, e Winnicott acredita, como Freud, que o narcisismo evolui para uma relação objetal.

Além da semelhança da teoria de Kohut, com aquela criada por Winnicott, também se percebeu, ao longo deste trabalho, similaridades da teoria kohutiana com a de outros autores como Mahler e Klein. Como vimos em sua biografia, Kohut foi mesmo acusado de estar plagiando estes autores citados.

Strozier (2001) afirma que Kohut tivera contato com alguns dos autores cujas ideias se assemelhavam. Ferenczi, por exemplo, fora um autor que ele lera durante sua faculdade e Melanie Klein durante sua formação em psiquiatria. Contudo, Kohut (1978c) afirmava não ter tido contato com os trabalhos de Winnicott e desconhecia a semelhança de seus trabalhos com os dele. As obras de Carl Rogers, outro autor com quem Kohut teria semelhanças, também não haviam sido lidas por ele, apesar de que ambos estudaram na Universidade de Chicago.

Kohut (1980) afirmava que o desenvolvimento de sua teoria dava-se por meio da experiência clínica e que seria bastante possível que houvesse semelhanças com outros autores, já que estariam tomando o mesmo objeto de estudo. O autor acrescenta que seu interesse não seria o de comparar seu trabalho ao de outros, mas que isto poderia ser desenvolvido por aqueles que se propusessem.

Foram apresentados aqui alguns pontos levantados ao logo das leituras, mas muitos outros, além dos discutidos aqui e ao longo do trabalho, ainda poderiam surgir com novas investigações. Esta discussão não pretendeu esgotar o assunto sobre o conceito de *self* em Kohut, pelo contrário, teve o intuito de buscar algum esclarecimento e permitir a abertura de horizontes para incursões mais aprofundadas sobre o tema e sobre a própria Psicologia do *Self*.

REFERÊNCIAS⁹⁵

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. (A. Bosi, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Anzieu, D. (1989). *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Coderch, J. (2004). La personalidad narcisista de nuestro tiempo. *Temas de Psicoanálisis*, 7(9), 11-33.
- Coutinho, L. G. (1999). Convergências e divergências nas teorias do narcisismo de Kohut e de Lacan. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(2), 37-51.
- Despinoy, M., & Piñol-Douriez, M. (2002). *Self*. In: A. Mijolla, *International dictionary of psychoanalysis*. United States of America: Thomson Gale.
- Ferreira, A. D. H. (2004). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Editora Positivo.
- Freud, S. (1996a). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908).
- Freud, S. (1996b). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1909).
- Freud, S. (1996c). Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1910).
- Freud, S. (1996d). Os instintos e suas vicissitudes. In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1996e). O id e o ego. In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1996f). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In: (Paulo César de Souza, Trad.), *Obras Completas* (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1921)
- Goldberg, A. (Ed.). (1978). *The Psychology of the Self: A Casebook*. New York: International Universities Press.

⁹⁵ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Goldberg, A. (2011). The Enduring Presence of Heinz Kohut: Empathy and Its Vicissitudes. *Journal of American psychoanalytic Association*, 59(2), 289-312.
- Green, A. (2012). *Key ideas for a contemporary psychoanalysis*. (A. Weller, Trad.) New York: Routledge .
- Japiassú, H., & Marcondes, D. (2008). *Dicionário Básico de Filosofia* (5 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kohut, H. (1959). Introspection, empathy, and psychoanalysis. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut*(Vol. 1). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1960). Beyond the bounds of basic rule. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 1). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1966). Forms and transformations of narcissism. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 1). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1968). The psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 1). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1970a). Narcissism as a resistance and as a driving force in psychoanalysis. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 2). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1970b). Discussion of "The Self: A contribution to Its place in theory and technique" by D. C. Levin. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 2). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the Self*. New York: International Universities Press.
- Kohut, H. (1972a). On the adolescent process as a transformation of the *self*: Discussion. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 2). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1972b). Thoughts on narcissism and narcissistic rage. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 2). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1973). Psychoanalysis in a troubled world. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 2). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1975). Remarks about the formation of the *self*. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 2). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1977). *The restoration of the self*. New York: International Universities Press.
- Kohut, H. (1978a). April 2, 1978. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut*(Vol. 4). London: Karnac Books.

- Kohut, H. (1978b). Introductory remarks to the panel on "self psychology and the sciences of man". In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 3). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1978c). Reflections on advances in self psychology. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 3). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1978d). The disorders of the self and their treatment: an outline. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 3). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1979a). The two analysis of Mr. Z. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 4). London: Karnac.
- Kohut, H. (1979b). Four basic concepts in self psychology. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 4). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1979c). Remarks on the Panel on 'The Bipolar Self'. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 3). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1980). Selected problems in self psychological theory. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 4). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1981a). *How does analysis cure?* New York: International Universities Press.
- Kohut, H. (1981b). Introspection, empathy, and the semicircle of mental health. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 4). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (1981c). Letters 1981. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 4). London: Karnac Books.
- Kohut, H., & Seitz, P. F. (1963). Concepts and theories of psychoanalysis. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 1). London: Karnac Books.
- Kohut, H. (9 de Janeiro de 1981). Reflections on Empathy [video]. Berkley: Self Psychology conference. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZQ6Y3hoKI8U>. Acesso em 07 de fevereiro de 2016.
- Matheus, T. C. (2007). *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise (Coleção Clínica Psicanalítica)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mijolla, A. (2002). *International dictionary of psychoanalysis*. United States of America: Thomson Gale.
- Nemirovsky, C. (2015). *Winnicott e Kohut: Novas perspectivas em psicanálise, psicoterapia e psiquiatria: A intersubjetividade e os transtornos complexos*. Porto Alegre: Triângulo Gráfica e Editora.
- Oppenheimer, A. (2002). Heinz Kohut. In: A. Mijolla, *International dictionary of psychoanalysis*. United States of America: Thomson Gale.

- Ornstein, P. (2011a). Introduction: The Evolution of Heinz Kohut's Psychoanalytic Psychology of the *Self*. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut* (Vol. 1). London: Karnac Books.
- Ornstein, P. (2011b). Introduction: The Unfolding and Completion of Heinz Kohut's Paradigm of Psychoanalysis. In: P. Ornstein (Ed.), *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut*(Vol. 3).. London: Karnac Books.
- Ornstein, P. (Ed.). (2011c). *The Search for the self: Selected Writings of Heinz Kohut*. London: Karnac Books.
- Ramos, M. B. (2001). *Uma introdução à psicologia psicanalítica do self—a teoria de Heinz Kohut desde as suas origens em Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Siegel, A. (1996). *Heinz Kohut and the Psychology of the self*. New York: Routledge.
- Silverstein, M. L. (1999). *Self Psychology and Diagnostic Assessment: Identifying selfobject functions through psychological testing*. Routledge.
- Simanke, R. (1994). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. São Paulo: Loyola.
- Strozier, C. B. (2001). *Heinz Kohut: The making of a psychoanalyst*. New York: Macmillan.
- Watson, A. (2014). Who Am I? The *Self/Subject* According to. *SAGE Open*, 1-6.
- Wolf, E. (1996). The Viennese Chicagoan . In: A. M. Siegel, *Heinz Kohut and the Psychology of the self* (pp. 7-18). New York: Routledge.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tradução dos títulos das obras de Heinz Kohut:

Título original	Tradução
<i>The psychology of the self: a casebook</i> (1978)	<i>A Psicologia do Self: a casebook</i>
<i>The analysis of the self</i> (1971)	<i>A análise do self</i>
<i>The restoration of the self</i> (1977)	<i>A restauração do self</i>
<i>How does analysis cure?</i> (1981)	<i>Como a análise cura?</i>
<i>The search for the self</i> (2011)	<i>À procura do self</i>
“Introspection, empathy, and psychoanalysis” (1959)	“Introspecção, empatia, e psicanálise”
“Discussion of ‘Looking Over the Shoulder’ by Morris W. Brody and Philip M. Mechanik”(1958)	“Discussão de ‘Olhando por cima do ombro’ de Morris W. Brody e Philip M. Mechanik”
“Beyond the bounds of basic rule” (1960)	“Além dos limites da regra fundamental”
“Concepts and theories of psychoanalysis” (1963)	“Conceitos e teorias da psicanálise”
“Forms and transformations of narcissism” (1966)	“Formas e transformações do narcisismo”
“The psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders” (1968)	“O tratamento psicanalítico dos transtornos de personalidade narcísica”
“Psychoanalysis on a troubled world” (1973)	“Psicanálise em um mundo conturbado”
“Narcissism as a resistance and as a driving force in psychoanalysis” (1970a)	“Narcisismo como uma resistência e uma força impulsora em psicanálise”
“Discussion of “The Self: A contribution to Its place in theory and technique” by D. C. Levin” (1970b)	“Discussão de ‘O self: Uma contribuição para o seu lugar na teoria e na técnica’ por D.C. Levin”
"On the Adolescent Process as a	“Sobre o processo adolescente e a

Transformation of the <i>self</i> " (1972a)	transformação do <i>self</i> "
"Thoughts on narcissism and narcissistic rage" (1972b)	"Reflexões sobre o narcisismo e fúria narcísica"
"The future of psychoanalysis"(1973)	"O futuro da psicanálise"
"The Psychoanalyst in the community of scholars"(1973)	"O psicanalista na comunidade de estudiosos"
"Letter to the Author: Preface to Lehrjahre auf der Couch by Tilmann Moser"(1973)	"Cartas ao autor: Prefácio de Lehrjahre auf der Couch de Tilmann Moser"
"Remarks about the formation of the <i>self</i> " (1975)	"Apontamentos sobre a formação do <i>self</i> "
"The <i>self</i> in history"(1975)	"O <i>self</i> na história"
"Creativeness, Charisma, Group Psychology"(1976)	"Criatividade, carisma, Psicologia de grupos"
Letters: April 4, 1972; April 11, 1972; June 24, 1973; September 21, 1973; November 21, 1973; December 3, 1974; July 31, 1977.	Cartas: 4 de abril de 1972; 11 de abril de 1972; 24 de junho de 1973; 21 de setembro de 1973; 21 de novembro de 1973; 3 de dezembro de 1974; 31 de julho de 1977.
"On Courage" (early 1970s)	"Sobre a coragem" (início dos anos 70)
"Originality and Repetition in Science" (1975)	"Originalidade e repetição na ciência"
"The two analysis of Mr. Z"(1979)	"As duas análises do Sr. Z"
"Introductory remarks to the panel on " <i>self</i> psychology and the sciences of man" (1978b)	"Apontamentos introdutórios a discussão sobre 'Psicologia do <i>Self</i> e as ciências do homem'"
"Reflections on Advances in <i>self</i> Psychology" (1978c)	"Reflexões sobre os avanços na Psicologia do <i>Self</i> "
"The disorders of the <i>self</i> and their treatment" (1978d)	"Os transtornos do <i>self</i> e seus tratamentos"
"Four basic concepts" (1979b)	"Quatro conceitos básicos"
"Remarks on the Panel on 'The Bipolar <i>self</i> '" (1979c)	"Apontamentos sobre a discussão 'O <i>self</i> bipolar'"

“Selected problems in <i>self</i> psychological theory” (1980)	“Problemas selecionados na teoria da Psicologia do <i>Self</i> ”
“Introspection, empathy, and the semi-circle of mental health” (1981b)	“Introspecção, empatia, e o semicírculo da saúde mental”
“Letters 1978”	“Cartas 1978”
“Letters 1981”	“Cartas 1981”